



**CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS
GERAIS**
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Glória Cristina Pereira Gomides Gomes

**PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS EGRESSAS
DO CURSO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG**

Belo Horizonte
2021



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Glória Cristina Pereira Gomides Gomes

PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS EGRESSAS
DO CURSO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica

Linha de Pesquisa III: Processos Formativos em Educação Tecnológica

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Quirino

Coorientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel de Castro Salomão Chagas

Belo Horizonte
2021

G633p Gomes, Glória Cristina Pereira Gomides
Projetos de vida e aspirações profissionais de jovens egressas do curso
pró-técnico do CEFET-MG / Glória Cristina Pereira Gomides Gomes. – 2021.
126 f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação
Tecnológica.

Orientadora: Raquel Quirino.

Coorientadora: Raquel de Castro Salomão Chagas.

Dissertação (mestrado) – Centro Federal de Educação Tecnológica de
Minas Gerais.

1. Estudantes de baixa renda – Belo Horizonte (MG) – Teses. 2. Juventude
– Condições sociais – Teses 3. Divisão do trabalho por sexo – Teses.
4. Ensino técnico – Teses. 5. Ensino profissional – Teses. 6. Jovens – Vida
social e costumes – Teses. I. Quirino, Raquel. II. Chagas, Raquel de Castro
Salomão. III. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.
IV. Título.

CDD 370.11308151



CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA - PPGET
Portaria MEC n.º. 1.077, de 31/08/2012, republicada no DOU em 13/09/2012

Glória Cristina Pereira Gomides Gomes

**“PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS
EGRESSAS DO CURSO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG”**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, em 15 de junho de 2021, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Educação Tecnológica, aprovada pela Comissão Examinadora de Defesa de Dissertação constituída pelas professoras:

Prof.ª Dr.ª Raquel Quirino - Orientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Raquel de Castro Salomão Chagas - Coorientadora
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Ludimila Correa Bastos
Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais

Prof.ª Dr.ª Juliana Batista dos Reis
Universidade Federal de Minas Gerais

Dedico este trabalho a minha querida e saudosa mãe Olívia (in memoriam) que partiu cedo, mas me deixou a lembrança de uma mulher forte e persistente. E como outras tantas mulheres, viveu para o lar, para o marido e para as/os filhas/os...

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por me abençoar com suas infinitas graças... E acima de tudo, por nos ter dado seu filho, Jesus, no qual procuro me inspirar a cada dia. Por me conceder esse sonho de cursar o Mestrado. Senhor, sou eternamente grata!

Agradeço ao meu querido pai a quem amo imensamente cujo caráter e sabedoria de vida são exemplos para mim.

Agradeço as minhas queridas filhas Beatriz e Camile, minhas flores, minhas princesas, meus tesouros... sempre me incentivaram, apoiaram e acreditaram em mim.

Agradeço ao meu esposo Gérson pelo companheirismo e paciência nos momentos em que precisei ficar ausente me dedicando aos estudos.

Meu eterno agradecimento a minha orientadora professora doutora Raquel Quirino pela confiança em me escolher como sua orientanda, por acreditar que eu seria capaz de realizar essa pesquisa, quando até eu mesma duvidei, pelas palavras de encorajamento e de incentivo, pela dedicação à teoria da Divisão Sexual do Trabalho, a quem nos serve como inspiração. Sempre disposta a esclarecer nossas dúvidas. Obrigada sempre!

Agradeço igualmente minha coorientadora professora doutora Raquel de Castro Salomão Chagas pelo apoio, dedicação à minha pesquisa e sempre me incentivando ao longo do caminho. Minha gratidão, professora!

A todos os meus familiares pelo apoio e vibrações positivas e por apoiarem minhas escolhas e por entenderem minhas ausências.

Agradeço à Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública do Estado de Minas Gerais pela concessão da Bolsa Parcial de Estudos e pela confiança em mim depositada diante da proposta do pré-projeto.

Agradeço ao Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) por ser uma instituição pública e gratuita e, por ofertar um ensino de qualidade. E igualmente, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica do CEFET-MG, aos demais professores e à secretaria pela dedicação ao serviço prestado.

Agradecimentos especiais às jovens ex-alunas do Pro-Técnico do CEFET-MG que se prontificaram com tanta boa vontade a participar e a seus/suas responsáveis por apoiarem a participação das filhas na pesquisa. Meu muito obrigada!

A todos/as colegas do mestrado que conviveram solidários/as no mesmo objetivo, especialmente Danúbia, Eloíza, Ester, Cristiane, companheiras de luta... e assim pudemos seguir nosso caminho juntas, tornando-o um pouco menos solitário. Obrigada por estarmos juntas!

Gratidão igualmente as/aos demais amigas/os presentes na caminhada do mestrado na qual pudemos compartilhar conhecimentos, sonhos e expectativas: Bruna, Graciela, Kelly, Renata, Thiago, Lorena e tantos/as outros/as que chegaram a essa reta final.

Agradecimentos também a Maria Luiza que tão prontamente e carinhosamente esteve presente em um dos momentos importantes dessa trajetória! Contribuiu com seus conhecimentos segundo às exigências da Plataforma Brasil. Meu muito obrigada!

Agradeço aos professores Bráulio Silva Chaves e Suzana Burnier, pela leitura atenciosa do projeto e pelas contribuições construtivas para torná-lo ainda melhor.

Agradeço, finalmente, às professoras doutoras Ludmila Correa Bastos e Juliana Batista dos Reis por aceitarem tão prontamente o convite para participar da banca de defesa de minha dissertação e pelas contribuições valiosas a este trabalho.

Por fim, agradecimentos a todos/as que direta e indiretamente contribuíram para a concretização dessa etapa especial de minha vida e acima de tudo por terem me incentivado a me tornar uma pessoa melhor... mais grata, mais generosa e mais gentil!

Gratidão, gratidão...

“A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens”.
(Hannah Arendt).

RESUMO

Analisa-se projetos de vida e aspirações profissionais de jovens mulheres estudantes, oriundas de classes de baixa renda, egressas do curso de extensão Pro-Técnico do CEFET-MG. Objetiva-se compreender se e como tais projetos são influenciados pela divisão do trabalho entre os sexos e seus desdobramentos, as motivações e os desafios enfrentados pelas estudantes e suas expectativas em relação ao mundo do trabalho. Para tal, realizou-se uma exegese de excertos de falas das estudantes participantes da pesquisa à luz das teorias da Divisão Sexual do Trabalho, de origem francófona, dialogando com teorias sobre juventudes e projetos de vida. Em função do isolamento social, devido à pandemia da Covid-19, foram realizadas rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas por meio remoto, com oito egressas do Pro-Técnico, a fim de aproximar-se do objeto de estudo. Os relatos das participantes da pesquisa evidenciam que a passagem delas pelo Pro-Técnico contribuiu para a socialização com outros grupos de pertencimento e para a (re)elaboração de suas construções juvenis. Vários desafios foram evidenciados por essas meninas, tais como, rotinas de estudo com exaustivas cargas horárias; longo tempo no transporte de retorno para casa; divisão do tempo com triplas ou múltiplas jornadas - estudo, afazeres domésticos, trabalho remunerado, atividades físicas, religiosas e pessoais etc. Além disso relatam discriminações de gênero no espaço acadêmico e no mundo trabalho, como, por exemplo, seleções de vagas para estagiários exclusivamente do sexo masculino. No entanto, as jovens buscam formas de enfrentamento e de resistência. De acordo com as narrativas tanto “o trabalho faz juventudes” quanto “a escola faz juventudes”. Depreende-se no caso estudado, que também “a Educação Tecnológica faz juventudes”, pois vem contribuindo para a formação de condições juvenis femininas e de cidadãs atuantes na sociedade.

Palavras-chave: Juventudes de baixa renda. Divisão Sexual do Trabalho. Educação Profissional e Tecnológica. Projetos de Vida.

ABSTRACT

Life projects and professional aspirations of young female students from low-income classes, graduates of the CEFET-MG Pro-Technical extension course are analyzed. The objective is to understand if and how such projects are influenced by the division of labor between the sexes and its unfoldings, the motivations and challenges faced by students, and also their expectations regarding the world of work. To this end, an exegesis of excerpts from the speeches of the students participating in the research in the light of the theories of the Sexual Division of Labor, of Francophone origin, dialoguing with theories about youth and life projects. Due to the need of social isolation, since the Covid-19 pandemic, conversation circles and semi-structured configuration were carried out remotely, with eight Pro-Técnico graduates, in order to achieve a closer approach to the object of study. The research participants reports show that their experience throughout the Pro-Técnico contributed to their socialization with other belonging groups and to the (re) development of their youth constructions. Several challenges were highlighted by these girls, such as study routines with exhausting workloads; plenty of time spent with transportation back home; division of time with triple or multiple shifts - study, housework, paid work, physical, religious and personal activities, etc. In addition to that, they report gender discrimination in the academic environment and in the world of work, such as the selection of vacancies for trainees who are exclusively male. However, the young women seek means of confrontation and resistance. According to the narratives, not only “work builds the youth” but also “school builds the youth”. It can be seen in the case studied that “Technological Education builds youth” as well, as it has been contributing to the formation of conditions for young women and active citizens in society.

Keywords: Low-income youth. Sexual Division of Labor. Professional and Technological Education. Life Projects.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
Capes - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAU/MG - Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais
CEFET-MG - Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais
CEP - Comitê de Ética em Pesquisa
Cepal - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
Coltec - Colégio Técnico da UFMG
Conep - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
Conjuve - Conselho Nacional da Juventude
C&T - Ciência e Tecnologia
ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente
EJA - Educação de Jovens Adultos
Forquap - Formação e Qualificação Profissional
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
IFMG - Instituto Federal de Minas Gerais
IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
OIT - Organização Internacional do Trabalho
OMS - Organização Mundial da Saúde
ONU - Organização das Nações Unidas
PEBE - Programa Especial de Bolsas de Estudos
PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento
PPGET - Programa de Pós-Graduação de Educação Tecnológica do CEFET-MG
Sejusp - Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública
SciELO - Scientific Electronic Library Online
Sinajuve - Sistema Nacional de Juventude
SIS - Síntese de Indicadores Sociais
SNJ - Secretaria Nacional da Juventude
TALE - Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo e que já frequentaram escola, segundo a idade que abandonou a escola pela última vez, por sexo, cor ou raça e Grandes Regiões – 2019	36
---	----

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Nível de ocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, grupos de idade, segundo as Grande Região.....	35
---	----

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - População residente, segundo o sexo e os grupos de idade (%)	34
FIGURA 2 - Evasão escolar entre as juventudes das classes mais baixas	52
FIGURA 3 - Jovens que não estudavam e nem estavam ocupados - Por sexo e cor ou raça - de 15 a 29 anos	57

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA	17
1.1 Objeto e participantes de pesquisa.....	21
1.2 Questões de pesquisa	21
1.3 Objetivos.....	22
1.3.1 Geral.....	22
1.3.2 Específicos	22
1.4 Metodologia e procedimentos metodológicos	22
1.4.1 O fazer pesquisa na pandemia	27
2 REVISÃO DA LITERATURA	29
2.1 Juventudes: quem são?	30
2.1.1 Projetos de vida e juventudes.....	37
3REFERENCIAL TEÓRICO	42
3.1 A Divisão Sexual do Trabalho	42
3.1.1 Barreiras sociais impostas às mulheres em função do gênero.....	44
3.1.2 Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico e as múltiplas jornadas	
47	
3.2 Aspirações profissionais de jovens de classes baixas: educação ou	
trabalho?.....	49
3.3 Relações de classe, gênero e raça/etnia no contexto juvenil	54
4 APROXIMAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO EM SEU CONTEXTO	58
4.1 O Curso Pro-Técnico do CEFET-MG: breve histórico.....	58
4.2 As egressas e o convite para pesquisa: breves percepções da pesquisadora	
59	
5 A PESQUISA EMPÍRICA	60
5.1 Perfil das jovens egressas participantes da pesquisa.....	60

5.2 Análise dos dados coletados.....	62
5.2.1 <i>Motivações, desafios, estratégias de luta e resistência: o passado e o presente.....</i>	63
5.2.1.1 <i>No passado... O Pro-Técnico na vida das egressas... abertura de um campo de possibilidades?!</i>	63
5.2.1.2 <i>No presente... o estudo, o trabalho doméstico, o trabalho produtivo.....</i>	67
5.2.2 <i>E o futuro?! Projetos de vida, de planos acadêmico-profissionais e de retribuição do conhecimento.....</i>	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE A - ROTEIRO TEMÁTICO PARA A RODA DE CONVERSA.....	106
APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS.....	107
APÊNDICE C - LEVANTAMENTO DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS.....	108
APÊNDICE D - PROGRAMA PPGET	112
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – RESPONSÁVEIS LEGAIS.....	113
APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PARTICIPANTES MENORES DE 18 ANOS	117
APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS.....	120
APÊNDICE H - PERFIL DAS ENTREVISTADAS.....	124
ANEXO 1 - TERMO DE ANUÊNCIA DO CEFET-MG.....	125
ANEXO 2 - TERMO DE ANUÊNCIA DO CURSO DO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG	126

INTRODUÇÃO

O presente estudo é resultado de uma pesquisa de abordagem qualitativa, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica - Linha III: Processos Formativos em Educação Tecnológica, no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG que analisa os projetos de vida e aspirações profissionais de egressas de classes de baixa renda do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG a fim de se compreender se e como esses são influenciados pela divisão sexual do trabalho e seus desdobramentos, as motivações e os desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens enquanto estudantes e as expectativas em relação ao mundo do trabalho.

Nesse sentido, além desta introdução, este estudo se divide em cinco capítulos, a saber: o primeiro capítulo apresenta uma contextualização geral da problemática e justificativa de pesquisa, evidenciando a questão principal, bem como as questões secundárias norteadoras, o objeto de pesquisa, os objetivos, geral e específicos do estudo e, a metodologia e procedimentos metodológicos.

A seguir, o segundo capítulo apresenta a revisão da literatura pertinente ao estudo proposto, abordando: (i) temáticas de juventudes e projetos de vida. O terceiro capítulo destaca o referencial teórico que enfatiza: (ii) a Divisão Sexual do Trabalho com base na perspectiva marxista e alguns de seus desdobramentos, (iii) as aspirações profissionais de jovens de classes baixas e a relação educação e trabalho e (iv) relações de classe, gênero e raça/etnia no contexto juvenil.

O quarto capítulo tem como objetivo a aproximação do *lócus* e das participantes de pesquisa. As breves considerações do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG situam o leitor na área em estudo e as percepções desta pesquisadora na fase de convite para participação da pesquisa empírica objetivam se aproximar das jovens egressas.

Posteriormente, o quinto capítulo expõe os resultados da pesquisa empírica e a análise dos dados à luz das teorias estudadas.

Por fim, as considerações finais retomam, de forma sucinta, os principais tópicos discutidos no decorrer do trabalho, bem como as contribuições acerca do estudo desenvolvido.

1 APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA DE PESQUISA E JUSTIFICATIVA

Diante das diversas transformações tecnológicas, socioeconômicas e culturais nas sociedades atuais, as juventudes também não podem ser consideradas mais as mesmas de outros tempos (OSCAR DÁVILA LEÓN, 2005). De acordo com Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro (2006), a categoria juventudes é constituída a partir de diversidades de perfis e identidades que perpassam desde as construções simbólicas até as questões de sexo, classe e raça, envolvidas nas relações sociais (ABRAMOVAY; CASTRO, 2006).

Nesse sentido, os projetos de vida de algumas juventudes são o próprio presente e giram em torno da necessidade de trabalhar como meio de sobrevivência. Na perspectiva de José Machado Pais (2019, p. 64), para muitos jovens¹ “[...] o futuro já não existe. Ou se existe é o agora. Não um agora dado e passivamente tomado, mas um agora que pode ser transformado e conquistado”.

Grande parte dos jovens oriundos de famílias de classes de baixa renda frequentam as escolas públicas em busca de um projeto ou algum objetivo para além do ensino médio, no qual precisam fazer escolhas entre vários caminhos - qualificação profissional, trabalho, ensino superior ou outro qualquer. A partir da década de 1990, com a expansão do ensino médio, as escolas públicas passaram a receber um público de alunos marcados por um contexto de desigualdade social, com elevados índices de pobreza e violência (JUAREZ TARCÍSIO DAYRELL, 2007).

Dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2019b) baseados na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) apontaram que o rendimento nominal mensal domiciliar *per capita*² residente em 2018 para o Brasil foi de R\$1.373,00 e para Minas Gerais, especificamente representou a ordem de R\$1.322,00.

As dificuldades enfrentadas por jovens mulheres decorrentes de gravidez indesejada e precoce também comprometem a trajetória escolar e as atividades produzidas nessa fase. Jovens de camadas populares são pressionados a ingressar

¹ Considera-se o termo jovem neste trabalho, a definição utilizada pelo Estatuto da Juventude conforme BRASIL (2013), cujas pessoas são aquelas com idade compreendida entre 15 e 29 anos.

² O rendimento domiciliar *per capita* é calculado a partir da razão entre o total dos rendimentos domiciliares (em termos nominais) e o total dos moradores. Segundo IBGE (2019b) são considerados os rendimentos de trabalho e de outras fontes (inclusive os classificados como pensionistas, empregados domésticos e parentes dos empregados domésticos) de todos os moradores.

prematuramente no mercado de trabalho para ajudar no orçamento doméstico, o que impacta negativamente no desempenho escolar (MIRIAM ABRAMOVAY *et al*, 2002). O que não ocorre com os jovens das classes abastadas que dedicam um maior tempo aos estudos e conseqüentemente apresentam uma melhor preparação educacional (ERIKA SILVA LIMA; FRANCISCA NATÁLIA DA SILVA; LENINA LOPES SOARES SILVA, 2015).

Muitos estudantes abandonam os estudos para trabalhar, comprometendo, por muitas vezes, seu processo de formação e capacitação profissional. Assim, percebe-se uma defasagem do ensino formal frente às novas exigências de habilidades e conhecimentos, e isso tem constituído inequívoca fonte de vulnerabilidade. (ABRAMOVAY *et al*, 2002, p. 45).

Por sua vez, estudo realizado pelo IBGE (2017) com o objetivo de quantificar o número de pessoas entre 14 a 29 anos de idade que não frequentavam escola, segundo o sexo, apontou que as mulheres interrompem os estudos: 30,5% para trabalhar, 26,1% para ter que cuidar dos afazeres domésticos ou de um ente familiar e 14,9% por não terem interesse. Ressalta-se que, no mesmo período, a proporção de homens que interromperam os estudos para cuidar de afazeres domésticos foi 32,6 vezes menor, representando apenas 0,8% para eles.

[...] Tornou-se coletivamente “evidente” que uma enorme massa de trabalho era realizada gratuitamente pelas mulheres; que esse trabalho era invisível; que era feito não para si, mas para os outros e sempre em nome da natureza, do amor e do dever maternal. [...] é como se sua atribuição às mulheres, e somente a elas, fosse automática e isso não fosse visto nem reconhecido. (DANIÈLE KERGOAT, 2009, p. 68-69).

Embora o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), disponha em seu artigo 5º que, nenhuma criança ou adolescente seja objeto de discriminação, exploração e opressão e consoante o art. 53, em que BRASIL (1990) preceitua que esses têm direito à educação, entretanto, muitos deles estão sem condições de estudar ou têm seus direitos prejudicados.

Helena Hirata (2003) pontua que mulheres jovens têm dificuldade de se inserir no mercado de trabalho ou quando não qualificadas enfrentam adversidades e a formação profissional e as oportunidades de emprego disponíveis a elas não são as mesmas ofertadas aos jovens homens e em iguais condições sociais.

Nessa mesma perspectiva, Mariana Mazzini Marcondes (2013) aborda que as mulheres desde a infância até se tornarem idosas cuidam de um ente familiar. Apesar

do cuidado ser uma atividade tão importante para a espécie humana e reproduzido pela sociedade como algo natural às mulheres, é invisível e extremamente desvalorizado pois não gera mais-valia.

Segundo Raquel Quirino (2015), as relações entre os gêneros se materializam no trabalho e a (re) construção das práticas sociais são embutidas em uma relação hierárquica entre os sexos – uma relação de poder, uma subordinação das mulheres e uma diferenciação na divisão do trabalho entre homens e mulheres.

Entretanto, jovens de famílias de baixa renda elaboram seus projetos de vida e aspiram alguma profissão, buscando qualificar-se e estudar em um dos cursos técnicos profissionalizantes do CEFET-MG (ou até mesmo de outra instituição) e buscam o Curso Pro-Técnico do CEFET-MG com vistas a obter um preparatório para realização desse sonho.

O Pro-Técnico é um curso presencial que prepara os alunos para concorrer a uma das vagas destinadas aos cursos técnicos integrados de nível médio, ofertados pelo próprio CEFET-MG, pelo Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais (COLTEC) e pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). O curso oferece uma revisão e complementação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental. O processo seletivo dos candidatos ao curso é realizado numa etapa Avaliativa, por meio de prova de conhecimentos gerais de Português e Matemática e outra Classificatória, realizada por meio de análise da condição socioeconômica dos candidatos, que conforme rege o edital, devem estar matriculados no 9º ano do Ensino Fundamental em escola da rede pública (CHAGAS, 2018).

Contudo, a Lei 12.711/2012 dispõe em seu artigo quarto sobre a reserva de vagas nas instituições federais de ensino técnico de nível médio para estudantes que cursaram integralmente o ensino fundamental em escolas públicas e em seu parágrafo único que preceitua que 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) *per capita* (BRASIL, 2012).

Partindo-se dessa premissa e, em que pese as inúmeras definições de outros autores, este trabalho adotará o conceito de jovens de classes de baixa renda e/ou pobres, a partir do limite socioeconômico estabelecido pela Lei 12.711/2012 às participantes da pesquisa, as ex-alunas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG, oriundas de escolas públicas, cujo estudo socioeconômico já foi realizado pelo próprio CEFET-MG.

Geraldo Leão, Juarez Tarcísio Dayrell e Juliana Batista dos Reis (2011, p. 1071) conceituam projeto de vida como toda ação do indivíduo na tentativa de “escolher um, entre os futuros possíveis, transformando os desejos e as fantasias que lhe dão substância em objetivos passíveis de serem perseguidos, representando, assim, uma orientação, um rumo de vida”.

[...] A categoria projeto atua como mediação entre o indivíduo e o contexto, envolvendo tanto os sonhos, os desejos, as necessidades e as angústias individuais quanto os valores, o *ethos* e a visão de mundo dos grupos em que o (s) indivíduo (s) circula (m); destaca-se como importante ferramenta de pesquisa a fim de que possamos captar e analisar as visões de mundo dos sujeitos em suas mudanças e permanências. (SUZANA LANA BURNIER, 2003, p. 32).

Assim sendo, o interesse por essa pesquisa surgiu, portanto, após esta proponente cursar a Disciplina Relações de Gênero na Ciência e Tecnologia (C&T), no Trabalho e na Educação Profissional e Tecnológica no CEFET-MG, ministrada pela professora Dr. ^a Raquel Quirino no ano de 2017 como aluna especial e, ao iniciar como integrante no Grupo de Pesquisa de Formação e Qualificação Profissional do CEFET-MG (FORQUAP) em 2018.

As discussões em sala de aula e no referido grupo de pesquisa sobre as relações sociais de sexo/gênero e a diferenciação das oportunidades de trabalho entre homens e mulheres, muito contribuíram para o interesse desta pesquisadora em desenvolver um trabalho com subsídios teóricos e científicos acerca da perspectiva da Divisão Sexual do Trabalho³ em torno das relações de classe nos projetos de vida de jovens brasileiras da atualidade.

O tema em questão remete às singularidades da própria história desta mestrandia, no qual vivera também na infância e na juventude em condições socioeconômicas limitadas, haja vista que as questões de classe e reproduções de papéis entre os sexos foram fatores influenciáveis em suas escolhas acadêmico-profissionais.

Esta pesquisadora trabalha atualmente na Secretaria de Estado de Justiça e Segurança Pública do Estado de Minas Gerais - Sejusp e, o estudo deste trabalho poderá contribuir para o fomento de políticas públicas voltadas também para o público juvenil e feminino.

³ Teoria derivada da Sociologia do Trabalho Francesa de base marxista, que trata das questões do trabalho entre homens e mulheres na sociedade.

Marília Pontes Sposito, Raquel Souza e Fernanda Arantes e Silva (2018) corroboram com a assertiva de que há uma lacuna de estudos de relações sociais de sexo/gênero nas temáticas de juventude, inclusive na sociedade atual na qual as jovens mulheres assumem cada vez mais papéis e pontuam:

[...] Esses temas, entre outras lacunas, ainda não suscitaram o interesse de pesquisas sob o ponto de vista qualitativo, no interior dos estudos de gênero. Novos estudos podem contribuir para a compreensão sobre como, nesse momento, jovens vivenciam objetiva e subjetivamente a maternidade e a paternidade. A temática parece ser importante sobretudo em uma sociedade que, cada vez mais, tende a exigir, especialmente das jovens, a possibilidade de articulação dessa experiência com a inserção produtiva, o engajamento em afazeres domésticos e a continuidade dos estudos, sem lhes oferecer suportes institucionais suficientemente capazes de garantir tal conciliação. (SPOSITO; SOUZA; ARANTES E SILVA, 2018, p. 14).

A partir dessa perspectiva, importante analisar os projetos de vida e aspirações profissionais das ex-alunas do referido curso, seus desejos, seus pertencimentos e singularidades, seus sonhos, o “campo de possibilidades” (GILBERTO VELHO, 1981; 1999) e as condições sociais que as circundam.

1.1 Objeto e participantes de pesquisa

O objeto de pesquisa são as possíveis influências da Divisão Sexual do Trabalho nos projetos de vida e aspirações profissionais de egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG.

1.2 Questões de pesquisa

A questão norteadora desta pesquisa é: em que medida a Divisão Sexual do Trabalho influencia os projetos de vida e aspirações profissionais das jovens de baixa renda, egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG?

Outras questões perpassam a pesquisa e colaboram para a apreensão do objeto e para a busca da resposta da questão norteadora:

- a) Quais as motivações, os desafios e as dificuldades enfrentados pelas jovens e quais as estratégias de luta e resistência foram desenvolvidas por elas?
- b) Quais as expectativas das ex-alunas em relação ao mundo do trabalho?

- c) Quais os projetos de futuro, os planos acadêmicos e as aspirações profissionais das jovens egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG?

1.3 Objetivos

A partir da questão norteadora foram eleitos os seguintes objetivos para a presente pesquisa:

1.3.1 Geral

Analisar os projetos de vida e aspirações profissionais de egressas de classes de baixa renda do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG a fim de se compreender se e como são influenciados pela Divisão Sexual do Trabalho e seus desdobramentos, bem como as motivações, os desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens estudantes e as suas expectativas em relação ao mundo do trabalho.

1.3.2 Específicos

- Identificar e analisar as motivações, os desafios e dificuldades enfrentados por jovens estudantes egressas do Pro-Técnico do CEFET-MG; suas estratégias de luta e resistência e suas expectativas em relação ao mundo do trabalho;
- Evidenciar e analisar os projetos de futuro, os planos acadêmicos e as aspirações profissionais dessas jovens;
- Interpretar os dados coletados na pesquisa empírica à luz do referencial teórico escolhido.

1.4 Metodologia e procedimentos metodológicos

Este estudo apresenta como base lógica de investigação o Método Dialético que pressupõe um trabalho intelectual, ou seja, a forma de pensar da pesquisa. Consoante Antônio Carlos Gil (2008), a dialética admite a hegemonia da matéria em relação às ideias, fornecendo as bases para uma interpretação total e dinâmica da realidade, partindo da prática social para a compreensão da realidade, além de sua aparência, buscando a sua essência. Nesse sentido, buscou-se evidenciar as

contradições da realidade que se nos apresenta, os deslocamentos, avanços e retrocessos na dinâmica social das participantes da pesquisa, sempre visando a resposta à questão norteadora e o alcance dos objetivos propostos.

Utilizou-se a pesquisa qualitativa, uma vez que essa não se preocupa em quantificação, e sim, com o aprofundamento da compreensão dos dados, que, segundo Maria Cecília de Souza Minayo *et. al.* (1994), objetiva compreender e explicar a dinâmica das relações sociais e o universo de suas crenças e valores. O método qualitativo é utilizado por pesquisadores que buscam explicar o porquê das coisas, mas não quantificam valores e trocas simbólicas (QUIRINO, 2009).

Quanto aos procedimentos, os meios técnicos da investigação, que visam “[...] garantir a objetividade e a precisão no estudo dos fatos sociais” (GIL, 2008, p. 34), ocorreram em quatro momentos, a saber:

Primeiro momento: Levantamento teórico-bibliográfico-documental

A pesquisa iniciou-se a partir de um levantamento bibliográfico, visando-se apreender os principais conceitos, teorias e dados necessários à aproximação do objeto em seu contexto, por meio de artigos/periódicos, dissertações, teses e livros, subsidiados por autores/as que dialogam com a teoria de base: a Divisão Sexual do Trabalho e as Relações Sociais de Sexo/Gênero. Além disso, privilegiou-se trazer à discussão no Capítulo 2 uma Revisão da Literatura cujos estudos apresentados abordam os temas juventudes e projetos de vida.

Segundo momento: Coleta de dados documentais

A pesquisa documental exploratória ocorreu a partir de levantamentos dos dados indiretos nos documentos gerados pela Organização das Nações Unidas (ONU), Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Organização Internacional do Trabalho (OIT), IBGE, PNAD Contínua, entre outros. Além disso, foi solicitada autorização do CEFET-MG para coleta documental junto à instituição e, após a aprovação do Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação do CEFET-MG (ANEXO 1), do Comitê de Ética de Pesquisa⁴, conforme Parecer Consubstanciado nº. 4.428.351

⁴ O Comitê de Ética em Pesquisa - CEP do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG é vinculado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP que têm a atribuição

CAAE 38787620.5.0000.8507 e da Coordenação do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG (ANEXO 2) foi realizado o levantamento da história de vida do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG e das participantes da pesquisa conforme abordado no Capítulo 4 – Aproximações do Objeto de Estudo em seu Contexto.

Terceiro momento: Coleta de dados em campo

Utilizou-se como instrumento de coleta de dados a roda de conversa e a entrevista semiestruturada de forma remota, cujas etapas ocorreram sem o contato presencial desta pesquisadora com as participantes da pesquisa, respeitando-se as formas de prevenção e disseminação da pandemia Covid-19 instalada no país. Como bem lembra Adriana Ferro Moura e Maria Glória Lima (2014, p. 100), a roda de conversa é “um instrumento de produção de dados que pode produzir relatos recheados de dados”. De acordo com Augusto Nivaldo Silva Triviños (1987), a entrevista semiestruturada parte de questionamentos básicos apoiados em teorias e hipóteses e, ao mesmo tempo, oferece todas as perspectivas para que o participante da pesquisa tenha liberdade e espontaneidade necessárias.

Após a aprovação do projeto por parte do Comitê de Ética de Pesquisa do CEFET-MG, a Coordenação do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG forneceu a esta pesquisadora a relação dos nomes de ex-alunos do Pro-Técnico aprovados no processo de seletivo dos cursos técnicos integrados de nível médio do CEFET-MG dos anos de 2009 a 2019. Ressalta-se que, por conta da pandemia da Covid-19, a coordenação que se encontrava em trabalho remoto, dispunha apenas desse tipo de informação.

Inicialmente, selecionando-se as egressas dos anos de 2013 e 2016 (por já se encontrarem maiores de dezoito anos), tentou-se realizar contato com essas por meio da rede social *Facebook*, entretanto, não houve retorno por parte delas, haja vista supor que esse tipo de rede social não está sendo muito utilizada atualmente por algumas pessoas. Nesse sentido, optou-se pela tentativa de obter contato com algumas ex-alunas conhecidas que cursaram o Pro-Técnico e que indicaram outras ex-alunas e essas indicaram outras. Assim, foi possível realizar o convite para

participarem da pesquisa por meio da rede social *WhatsApp* a um total de treze ex-alunas que cursaram os anos de 2017 a 2019. Uma delas, porém, não se sentiu preparada em participar da pesquisa (como ela não justificou o porquê e como esta pesquisadora não quis transmitir insistência, respeitou-se a vontade dessa em não aceitar o convite – talvez por se tratar de uma pesquisa de mestrado). Outra jovem aceitou, mas não respondeu mais aos contatos posteriores e outra egressa viajou de última hora, o que a impossibilitou de participar, chegando a um total final de dez egressas que confirmaram presença e no qual foi possível agendar com cinco para cada roda de conversa.

As egressas foram convidadas a participar de uma roda de conversa (um bate-papo - assim também lhes foi apresentado para se sentirem à vontade em participar) e de uma entrevista semiestruturada por meio virtual (videoconferência), respeitando-se os protocolos sanitários para prevenção de propagação da pandemia, como o isolamento social.

Após o aceite por parte das ex-alunas no primeiro contato e, explicados os objetivos da pesquisa, foram solicitados os contatos também dos responsáveis pelas menores de dezoito anos e dos e-mails desses para que pudessem receber os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), autorizando a participação dessas na pesquisa, conforme APÊNDICE E. As jovens também assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), sendo o modelo no APÊNDICE F utilizado pelas participantes menores e conforme o modelo APÊNDICE G, utilizado pelas participantes maiores. Ambos os termos versaram sobre os objetivos da pesquisa, riscos que as participantes poderiam sofrer, direitos de interromper as sessões de roda de conversa ou entrevista, sigilo total e demais esclarecimentos.

Realizados todos os contatos e, após os agendamentos dos dias e horários das rodas de conversa com dez ex-alunas, duas delas não puderam participar. As sessões seriam realizadas com cinco egressas cada, entretanto respeitando a disponibilidade e o agendamento das demais participantes, a primeira sessão foi realizada no dia e horário combinado com apenas três ex-alunas e teve a duração de 01 hora e 17 minutos. Já a segunda sessão da roda de conversa foi realizada com cinco participantes com duração de 47 minutos.

A plataforma de videoconferência utilizada nas sessões de roda de conversa e nas entrevistas semiestruturadas, por preferência e aceite das participantes da pesquisa, foi o *Google Meet*. Tanto as rodas de conversa quanto as entrevistas foram

gravadas pelo programa OCAM (programa instalado no computador que grava som e imagem gerada na tela) após o consentimento dessas e dos responsáveis pelas menores. Ressalta-se, no entanto, que todas as participantes preferiram ficar com as câmeras desligadas, sendo-lhes respeitada a preferência.

Com o objetivo de aprofundar ainda mais a pesquisa empírica, das oito participantes das rodas de conversa, quatro delas foram convidadas a participar de entrevistas semiestruturadas em dia e horário combinados. A duração média das entrevistas foi de 30 minutos. A escolha das participantes para entrevista ocorreu primeiramente de acordo com a disponibilidade dessas em participar. O critério estabelecido por essa proponente para selecioná-las foi convidar as participantes que cursaram os anos mais anteriores (2017 e 2018) que possivelmente estariam mais próximas de concluir a etapa do ensino médio e, provavelmente mais próximas da fase de planejamento de outra etapa de suas vidas. Vale lembrar que tanto o roteiro temático abordado na roda de conversa quanto para a entrevista semiestruturada constam nos APÊNDICES A e B deste estudo.

Quarto momento: Análise dos dados e síntese da investigação

Triviños (1987, p. 173) aborda que a interpretação dos dados na pesquisa qualitativa deve apoiar-se em três aspectos fundamentais: “[...] a) nos resultados alcançados no estudo (resposta aos instrumentos, ideias dos documentos etc.); b) na fundamentação teórica (manejo dos conceitos-chaves das teorias e de outros pontos de vista); c) na experiência pessoal do investigador”.

Nesse sentido, para o tratamento dos dados coletados de forma remota foi realizada uma exegese, utilizando-se de excertos de falas das participantes da pesquisa, analisados criticamente à luz das teorias de base sobre a Divisão Sexual do Trabalho e seus desdobramentos, derivadas da Sociologia do Trabalho Francesa de origem marxista e do feminismo materialista, cujos expoentes são, em sua grande maioria, pesquisadoras e pensadoras desse país e seguidoras de suas ideias ao redor do mundo, destacando-se Kergoat (2009; 2010; 2016), Hirata (2003; 2010), Hirata e Kergoat (1994; 2003; 2007), Quirino (2011; 2015), Yannoulas (2011; 2013), Beauvoir (1970), Saffioti (1987; 1995), Marcondes (2013), Marcondes e Yannoulas (2012), entre outras. As teorias de base para a análise dos dados empíricos estão detalhadas no Capítulo 3 da presente dissertação.

1.4.1 O fazer pesquisa na pandemia

A pandemia da Covid-19 levou o mundo todo a adotar medidas de contenção para desaceleração da curva de transmissão do vírus e no Brasil, especificamente, dentre outras mudanças de hábitos, o isolamento social foi recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS).

Nesse contexto, o campo científico também teve que se adaptar durante a pandemia e o fazer pesquisa precisou ser ajustado à nova realidade imposta pelo vírus. Para se realizar a pesquisa empírica neste trabalho, os procedimentos metodológicos de coleta de dados que envolviam contatos com pessoas foram alterados e todas as atividades executadas nas formas presenciais foram substituídas pelas remotas. Este tópico descreve um pouco do processo de adaptação da pesquisa na fase da pesquisa de campo.

Primeiramente, foi necessário alterar o projeto e descrever detalhadamente como todos os processos que envolveriam pessoas se desenvolveriam para aprovação do Comitê de Ética de Pesquisa. Assim sendo, a primeira coisa pensada foi como seriam encontradas e como seriam realizados os convites às egressas do curso. Pensou-se, portanto, nas redes sociais para localizá-las, convidá-las a participar da pesquisa e para contato dos/as responsáveis no caso das menores, cujos meios se dariam por contato telefônico ou *WhatsApp*.

Com o objetivo de evitar o contato presencial, os termos de autorização para participação na pesquisa (TALE e TCLE) e a devolução desses assinados se deram por e-mail. Além disso, foram informados no projeto: as formas de coleta de dados utilizadas - rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas - com a duração média dessas, as plataformas virtuais utilizadas e o aplicativo de gravação.

Com efeito, após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética de Pesquisa, os contatos e convites com as jovens e responsáveis ocorreram pelo *WhatsApp*. Os termos para leitura e assinatura foram enviados para as participantes e/ou responsáveis e devolvidos com assinaturas para o e-mail desta pesquisadora. Tanto as sessões de rodas de conversa quanto as entrevistas semiestruturadas foram realizadas pelo *Google Meet* (por escolha das próprias jovens egressas) e o aplicativo de gravação de voz e imagem utilizado durante essas foi o OCAM.

No dia e horário de cada roda de conversa, o link para a reunião no *Google Meet* foi gerado por esta pesquisadora e enviado pelo *WhatsApp* às participantes da pesquisa empírica. Essas foram clicando no link e a solicitação para participar na reunião (assim que se denomina no *Google Meet*) era enviada para esta pesquisadora que permitia o acesso.

Por conta dos compromissos escolares das alunas e porque algumas delas estariam disponíveis após retorno do trabalho presencial, os horários das sessões de roda de conversa e entrevistas foram agendados no período da noite, em acordo com essas e com anuência do/as responsáveis.

Cabe ressaltar que as jovens participantes não tiveram nenhuma dificuldade de acessar a plataforma remota (a familiaridade com ambiente deve se justificar também pelo fato de que elas já estavam tendo aulas por meio de plataformas de videoconferência – remotas) e durante as rodas de conversa e entrevistas transpareceu que elas se sentiram tranquilas e a vontade mesmo com o ambiente remoto. O fato de muitas não se conhecerem também não fora motivo que as deixasse menos à vontade nas rodas de conversa.

Para esta pesquisadora, no entanto, como a gravação de reuniões virtuais era uma experiência nova, houve certa insegurança na primeira sessão, mas testes anteriores foram feitos com a plataforma *Google Meet*, utilizando-se o programa instalado no computador OCAM, o que garantiu o sucesso das gravações das sessões de roda de conversa e das entrevistas semiestruturadas.

Um outro aspecto que garantiu o sucesso de realização da roda de conversa e das entrevistas semiestruturadas nos dias e horários combinados, foi o agendamento anterior com as participantes da pesquisa por meio de envio de mensagem pelo *WhatsApp* e confirmação no final da tarde da realização dessas.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Este estudo tem como base teórica a Divisão Sexual do Trabalho⁵ e seus desdobramentos, derivada da Sociologia do Trabalho Francesa de base marxista, na perspectiva estruturalista, que trata das questões do trabalho entre homens e mulheres na sociedade, tendo como expoentes as pesquisadoras Helena Hirata, Danièle Kergoat e outras autoras que discutem a teoria como: Raquel Quirino, Mariana Mazzini Marcondes, Simone de Beauvoir, Rose Marie Muraro, entre outras.

Na perspectiva da superestrutura (simbólico) serviram de base os estudos dos autores que discutem as temáticas de projetos de vida (Gilberto Velho, Reinhart Koselleck, entre outros) e juventudes (Dayrell, Pais, Carmen Leccardi, Luís Antonio Groppo, Abramovay e Castro, Helena Wendel Abramo, Sposito, entre outros).

Nesse sentido, cabe ressaltar que neste trabalho foi possível manter o diálogo com a estrutura e a superestrutura. A estrutura - relações de produção (de classes) estabelecidas entre os homens - (TOM BOTTOMORE, 1988) enfatiza a exploração do trabalho (neste estudo, do trabalho feminino). A superestrutura (mundo das ideias) – consciência ou visão de mundo de uma classe - (BOTTOMORE, 1988) enfatiza a opressão, visões de mundo, simbólico, cultural, pertencimentos, sonhos, projetos.

Assim, para aproximação das temáticas, foi realizado preliminarmente, um levantamento bibliográfico no Banco de Periódicos e de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), especificamente nas bases: *Scientific Library Online* (SciELO), Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) e Programa de Pós-Graduação de Educação Tecnológica do CEFET-MG (PPGET).

Para refinação da pesquisa foram utilizados os operadores booleanos: “AND” e “OR”, com as seguintes palavras-chave: projetos de vida; juventude / jovens em vulnerabilidade social; divisão sexual do trabalho; educação profissional; Pro-Técnico, entretanto, as buscas não apresentaram produções acadêmicas com as referidas palavras-chave conjuntamente.

⁵ Neste trabalho essa teoria se aplica especificamente à sociedade contemporânea ocidental.

Optou-se, contudo, continuar a busca no Banco de Periódicos e de Teses e Dissertações da CAPES com as seguintes palavras-chave: juventude em vulnerabilidade social; trabalho, ensino médio e jovens e divisão sexual do trabalho. Como os diversos resultados apenas se aproximaram do objeto, após se refinar a pesquisa, foram selecionados inicialmente os trabalhos constantes no APÊNDICE C. Já no banco de dissertações do Programa de Pós-Graduação de Educação Tecnológica do CEFET-MG foram selecionados apenas os trabalhos que evidenciaram as palavras-chaves: divisão sexual do trabalho ou gênero, constantes no APÊNDICE D. Ressalta-se, no entanto, que no decorrer deste estudo, outros trabalhos e autores foram pesquisados, cuja relação compõe as Referências.

2.1 Juventudes: quem são?

Para a Secretaria Nacional da Juventude (SNJ) e conforme dispõe o Estatuto da Juventude - BRASIL (2013), os jovens são aquelas pessoas com idade compreendida entre 15 e 29 anos. Contudo, o Estatuto da Criança e do Adolescente conforme BRASIL (1990) é aplicado aos adolescentes entre 15 e 18 anos e, excepcionalmente o Estatuto da Juventude, quando não conflitar com as normas de proteção integral do adolescente.

O conceito de juventude, utilizado no plural *juventudes*, desdobra-se numa definição muito além do que apenas um ciclo etário de indivíduos. As diferentes condições de vivências dos jovens - do meio rural ou urbano; as identidades sociais; as diversas maneiras como eles se afirmam como sujeitos ou ao pertencimento de grupos não homogêneos são variáveis que devem ser levadas em conta para a definição de juventudes, conforme apontamentos de Abramovay e Castro (2006).

As autoras ainda enfatizam que um dos maiores desafios para a formulação de políticas públicas se referem ao fato de que as juventudes são pensadas apenas como uma fase de transição ou de ajustamento para a vida adulta. Além disso, as políticas públicas formuladas no Brasil para o público juvenil não contemplam todas as juventudes, pois comumente essas são voltadas para alguns grupos específicos de jovens em situação de risco ou em conflito com a lei. Ressaltam a importância da elaboração de políticas com as juventudes e não apenas de ou para os jovens, pois esses também são capazes de levantar questões ou propor soluções.

De acordo com os estudos de Luís Antonio Groppo (2018), no viés sociológico, a juventude é compreendida a partir de diversas abordagens construídas pelas sociedades contemporâneas, nas quais destacam-se: tradicional, crítica e pós-crítica. A teoria tradicional entende que a socialização secundária, principal característica da juventude, é complementar à socialização primária iniciada na infância. Após a vivência em seu primeiro grupo social que é a família, o jovem passa por uma transição da infância para a vida adulta e precisa se adaptar a uma estrutura social com valores e rotinas.

A abordagem crítica fundamentada na teoria de Manheim (1982)⁶ citado por Groppo (2018, p. 22) identifica a juventude com: “[...] geração como uma situação social ou posição social. [...] A geração se relaciona com a idade na qual um grupo de pessoas experimenta sua realidade sócio-histórica”.

A teoria pós-crítica aborda a concepção de “juvenilização” segundo Baudrillard (1991, 1972)⁷ citado por Groppo (2018, p. 31) embutida nos aspectos do “valor signo” e a “sociedade do consumo”; a de “tribos juvenis” introduzidas por Maffesoli (1987)⁸ citado por Groppo (2018, p. 31) que valoriza o “papel das ‘socialidades’”. Rosane Castilho (2019, p. 22) completa que essa abordagem considera a juventude como “um estilo de vida, de um modo de ser”.

Nessa perspectiva, Oscar Dávila León (2005) pontua que o conceito de juventudes é abarcado por várias dimensões para além de uma concepção sócio demográfica, cuja etapa de amadurecimento compreende as transformações psicológicas e sociais. Entendida como uma categoria social e cultural, constitui-se em tempos e espaços históricos nas diferentes sociedades configuradas pelo capitalismo.

Com efeito, Leila Sollberger Jeolás, Maria Ângela Silveira Paulilo e Maria Regina Clivati Capelo (2013) evidenciam que a compreensão da categoria juventudes perpassa pelas diversas formas pela qual vivem os jovens e por variáveis que influenciam as constituições de grupos juvenis diversificados de acordo com o tempo e com a sociedade:

⁶ MANNHEIM, Karl. **O problema sociológico das gerações**. In: FORACCHI, Marialice M. (org.). Mannheim. São Paulo: Ática, 1982, p. 67-95.

⁷ BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1991.

BAUDRILLARD, Jean. **Para uma crítica da Economia Política do signo**. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

⁸ MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo nas sociedades de massa. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

A situação de classe encontra-se atravessada pelos pertencimentos étnico-culturais e revela as condições objetivas que marcam as subjetividades juvenis: desde o local de moradia, o estudo, o trabalho, as rotinas, ou seja, as práticas e as representações que caracterizam os grupos juvenis. A diversidade juvenil aparece na raça/etnia, religiosidades, gostos, estilos, gênero, manifestações culturais, espacialidades e numa multiplicidade de situações que marcam os jovens em suas diferenças e desigualdades. (JEOLÁS; PAULILO; CAPELO, 2013, p. 13).

Segundo entendimentos de Dávila León (2005), o período juvenil é caracterizado por uma construção da identidade marcada tanto pela singularidade individual quanto pelas influências familiares e pelas relações e práticas sociais. Nesse sentido, o reconhecimento de si no outro e a identificação de características e papéis sociais de grupos da mesma faixa etária constituem a identidade geracional (DÁVILA LEÓN, 2005).

A “condição juvenil”, como categoria sociológica e antropológica, está referida à estrutura social como aos valores e à cultura particular dos sujeitos jovens nos processos de transformações sociais contemporâneas (formativas, trabalhistas, econômicas, culturais). E a “situação social dos jovens” nos remete à análise territorial e temporal concreta, sendo como os diversos jovens vivem e experimentam sua condição de jovens, em um espaço e um tempo determinado. (DÁVILA LEÓN, 2005, p. 17).

Pais (2000) chama a atenção para o processo de reversibilidade nas trajetórias de jovens na atualidade, como um iô iô, nas quais a juventude transita para a idade adulta e volta e, vice-versa. Um ir e vir entre estudar, trabalhar, se casar, sair da casa dos pais. Parecem estar em um movimento constante - processo de ioioização da transição para a idade adulta.

O prolongamento da juventude, a inserção tardia no mercado de trabalho, a permanência dos estudos, a dependência ou a emancipação em relação à família, dentre outros elementos remetem a uma transformação das juventudes nas sociedades atuais (DÁVILA LEÓN, 2005).

Todavia, cabe destacar outras variáveis que perpassam no caminho das juventudes, como as flexibilizações e instabilidades nas sociedades contemporâneas que impedem uma definição de um rumo no curso de vida. Mudanças socioeconômicas na atualidade podem impactar também em transformações nos modos de vida pessoal, familiar e social cujos mais vulneráveis são os jovens, conforme pontua Pais (2000).

Para Sposito, Souza e Arantes e Silva (2018) a expressão juventudes é uma analogia às desigualdades e às diversidades. Estudos de Abramovay *et al* (2002) apontaram que jovens e adolescentes da América Latina e do Caribe vivenciam situações de vulnerabilidade social na medida em que têm comprometidos os acessos a uma educação formal completa e de qualidade, impossibilitando-os assim de obter uma mobilidade social.

Nesse contexto, em muitos casos, a tensão provocada pela situação de vulnerabilidade suscita violência e criminalidade⁹ entre os jovens nas relações sociais e se faz necessária a formulação de políticas públicas que minimizem os efeitos dessa invisibilidade e que possam garantir os direitos mínimos (ABRAMOVAY *et al*, 2002).

O Estatuto da Criança e do Adolescente assegura os direitos de adolescentes e jovens em idade compreendida entre 15 e 18 anos que estejam privados ou excluídos de direitos. Contudo, ao se limitar à idade cronológica e aos limites da maioridade legal, políticas públicas deixam de ser desenvolvidas também para os jovens pobres que ainda vivem em condição juvenil, segundo Marília Pontes Sposito e Paulo César Rodrigues Carrano (2003).

Assim, importante conhecer alguns aspectos sociais e de gênero da população brasileira jovem da atualidade. De acordo com estudos do IBGE, em 2019 jovens com idade entre 15 e 19 anos e 20 a 24 anos representaram maior concentração de população em relação aos demais grupos de idade (IBGE, 2010a):

⁹ A categoria criminalidade não será objeto deste estudo. Apenas apresentada como consequência da vulnerabilidade social em muitas relações sociais.

Figura 1 - População residente, segundo o sexo e os grupos de idade (%)



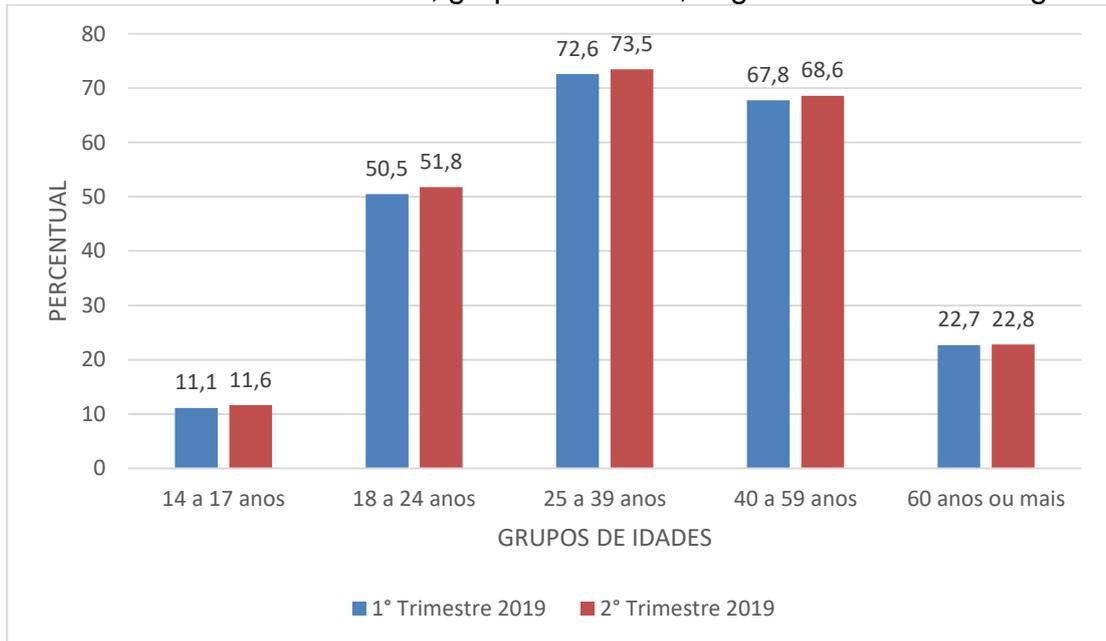
Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2012/2019.

Fonte: IBGE (2020a).

Conforme se observa na Figura 1, no período de 2012 a 2019, houve uma redução da população jovem de 15 a 19 anos ao longo dos sete anos e uma ligeira redução do percentual de jovens com idade entre 20 e 24 anos. Contudo, em relação ao sexo, a proporção de mulheres era superior ao dos homens nos grupos a partir dos 25 anos de idade.

Nessa perspectiva, os retratos das diferentes juventudes no Brasil podem ser vistos também nas manchetes dos jornais entre os jovens que se deparam com os desafios do desemprego ou aguardando o primeiro emprego, do abandono escolar para trabalhar, da informalidade no trabalho, dentre outras realidades.

Gráfico 1 - Nível de ocupação das pessoas de 14 anos ou mais de idade, ocupadas na semana de referência, grupos de idade, segundo as Grande Região¹⁰



Fonte: IBGE (2019c).

No Brasil, conforme se depreende no Gráfico 1, no qual o IBGE (2019c) compara os níveis de ocupação entre os grupos de idades, percebe-se que as oportunidades de trabalho no 2º trimestre de 2019 para os grupos de jovens entre 14 e 17 anos estavam bem mais restritas, refletindo uma menor oferta de trabalho para o jovem aprendiz. Em relação aos grupos das idades entre 18 a 24 anos as oportunidades também se mostraram menos favoráveis do que aos grupos entre 25 a 39 anos e 40 a 59 anos.

A dificuldade do primeiro emprego ou a escolaridade incompleta por evasão escolar são alguns dos desafios enfrentados por várias juventudes para obtenção de trabalho nessa fase de idade. De acordo com estudos do IBGE (2020) apresentados no Tabela 1, a idade na qual se identifica maior relevância da evasão escolar é a partir de 15 anos. O percentual de abandono à escola dessa faixa etária em 2019 quase dobrou em relação à anterior 14 anos, evidenciando que é a partir do ensino médio que os estudos precisam ficar em segundo plano.

¹⁰ Grande Região segundo esse estudo do IBGE (2019c) se refere as regiões do Brasil.

Tabela 1 - Pessoas de 14 a 29 anos com nível de instrução inferior ao médio completo e que já frequentaram escola, segundo a idade que abandonou a escola pela última vez, por sexo, cor ou raça e Grandes Regiões – 2019

	até os 13 anos	14 anos	15 anos	16 anos	17 anos	18 anos	19 anos ou mais
Total	8,5	8,1	14,1	17,7	17,8	15,8	18
Homem	9	7,7	13,6	17,4	18	16,9	17,5
Mulher	7,8	8,8	14,9	18	17,4	14,3	18,8
Branca	8,3	9,5	14,6	19,4	18,2	15,2	14,9
Preta ou parda	8,6	7,7	13,9	17	17,6	15,9	19,2
Norte	9,7	7,3	11,3	14	15,2	15,9	26,6
Nordeste	9	7,3	13,9	14,9	16,4	16,2	22,2
Sudeste	8,7	9	14,9	21,6	18,2	14,6	12,9
Sul	7,1	9,9	16,3	19,2	20,6	15,5	11,4
Centro- Oeste	5,9	6,3	12,2	16,6	20,6	18,6	19,9

Fonte: IBGE (2020).

Analisando-se ainda os dados dispostos no Tabela 1, percebe-se que os percentuais da evasão vão aumentando à medida que se passam os anos, chegando a 18% aos 19 anos ou mais. Observa-se também que a partir de 19 anos ou mais os índices de abandono escolar são mais acentuados: em se tratando de mulheres (18,8%) em relação aos homens (17,5%) e aos pretos e pardos (19,2%) em relação aos brancos (14,9%).

Importante destacar também o rosto das juventudes no trabalho infantil e informal. Para lidar com as dificuldades financeiras, muitas famílias recorrem ao trabalho infantil (meninos/as e adolescentes entre 5 e 17 anos – 10,5 milhões) e à informalidade do trabalho sem a cobertura de uma seguridade social (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL, 2020).

Segundo a Organização das Nações Unidas Brasil (2020), a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT) advertem que os reflexos negativos da pandemia Covid-19, como os altos níveis de pobreza, redução da renda e instabilidade econômica podem elevar os indicadores do trabalho de crianças e adolescentes.

Ademais, ao se conceituar juventudes é preciso levar em conta também as dimensões que constituem o jovem, o momento da fase da vida. Assim, envolto por questões, expectativas e desejos que remetem a elaborações de um projeto de vida que abarque a educação e o mundo do trabalho, o jovem precisa definir o caminho a seguir ou o que fazer da vida (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011).

Em tempos contemporâneos nos quais as sociedades são marcadas por instabilidades e rápidas mudanças, é difícil traçar metas de futuro cujo presente é prioritário. Para os jovens, o tempo presente é ainda mais hegemônico. A identidade juvenil não é construída para a vida toda (GROPPO, 2017). Por meio da relação dicotômica na vida dos jovens – presente e futuro, o próximo item propõe a continuidade dessa discussão.

2.1.1 Projetos de vida e juventudes

A palavra projeto está associada à ideia de valores, nos quais a pessoa elege metas a partir de valores socialmente acordados em um tempo histórico. Projeto significa tudo aquilo que o indivíduo se propõe a realizar, plano ou planejamento e o que será feito para realizar essa ideia ou meta (NÍLSON JOSÉ MACHADO, 2006).

Ainda de acordo com Machado (2006), o conceito de projeto apresenta três características fundamentais: (i) a referência ao futuro – não há projeto se não houver futuro e este não existirá se não houver projetos, haja vista que a realidade é uma construção humana; (ii) a abertura para o novo – estar aberto para um campo de possibilidades, porém estabelecendo metas factíveis de serem atingidas e, (iii) a antecipação de uma ação – a ação realizada no projeto é própria daquela pessoa que a projetou, pois não há como determinar metas para outros atingirem.

Segundo Velho (1981), os projetos são elaborados a partir de vivências e experiências socioculturais. Não são um fenômeno puramente subjetivo, pois são elaborados dentro de um campo de possibilidades. A viabilidade da realização de um projeto elaborado com objetivos específicos depende também do envolvimento com outros projetos individuais ou coletivos e de outros fatores (VELHO, 1999). Numa perspectiva dinâmica, ao longo do tempo, tanto os indivíduos quanto os projetos se transformam e se renovam.

Para o antropólogo Gilberto Velho (1999, p. 28), “*campo de possibilidades* trata do que é dado com as alternativas construídas do processo sócio-histórico e com o

potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura”. Do ponto de vista do autor, “as representações e prática são dimensões de vida social e não se pode pensar uma sem a outra, desde que se entenda cultura como expressão simbólica” (VELHO, 1981, p. 119).

Em função da classe social, o sujeito do processo pode apresentar preferências ou gostos influenciados pela visão de mundo (*eidos*) e por um estilo de vida (*ethos*), conforme estudos de Velho (1981). Clifford Geertz (2008) pontua que a visão de mundo tem a ver com a elaboração de si mesmo ou da sociedade e o *ethos* com o estilo moral ou elementos valorativos.

Assim, as variáveis culturais construídas pelas juventudes: anseios, identidades, pertencimentos, visões de mundo e projetos de futuro estão intimamente presentes em suas vidas assim como a realização de seus projetos embasados na prática social. A dimensão simbólica (representações) é inseparável da prática social (VELHO, 1981).

Segundo Machado (2006), quando realizamos nossos projetos nos constituímos como pessoas. Assim, como seres humanos além de elaborar projetos individuais, participamos em nossas sociedades de outros múltiplos projetos coletivos: família, trabalho, igreja, entre outros.

Com efeito, a passagem para a vida adulta consiste no presente somado às experiências acumuladas do passado e aos anseios para o futuro, segundo Pais (2000). Os pontos de chegada das trajetórias das juventudes na sociedade do risco mundial são incertos, como abordou Carmen Leccardi (2005) em seu trabalho. Essas se entrecruzam e se compõem de espaços de experimentações construídas e reconstruídas e suas biografias são escritas influenciadas pela visão do mundo e *ethos* construídos.

Reinhart Koselleck (2006, p. 311) ao se referir ao tempo, utiliza as metáforas espaciais “espaço de experiência” e “horizonte de expectativa” ao evidenciar a diferença entre passado e futuro. Enquanto a experiência salta por cima dos tempos (cronologicamente falando) o horizonte “quer dizer aquela linha por trás da qual se abre no futuro um novo espaço de experiência”. A experiência pode se repetir e superpor.

Contudo, é comum na contemporaneidade remeter a ideia de projetos de futuro às juventudes. A cobrança por uma definição do que se quer fazer ou profissão seguir é comum nas sociedades modernas, principalmente em relação aos planos futuros

dos jovens. Consoante estudos de Viviana Seoane, Ana Rapoport e Mariana Pereyra León (2011), os jovens são aqueles que vivem em situação de maior vulnerabilidade em seu presente e mesmo assim precisam tomar decisões, para muitos complexas, de projetos de vida – a carreira a seguir ou em que trabalhar.

Segundo o imaginário social, o tempo presente passa a ser uma preparação para o futuro e uma definição de si mesmo. Significa adiar para o futuro a satisfação que o presente pode garantir. O lugar que vai ocupar na sociedade quando adulto é consequência de seus projetos de vida elaborados e persistidos enquanto jovem, segundo Leão, Dayrell e Reis (2011).

O jovem é apresentado como um ser de um tempo inexistente. O passado não lhe pertence porque ele não estava lá, o presente não lhe pertence porque ele não está pronto, e o futuro é um tempo que não é vivido, apenas sonhos, é um tempo utópico. [...] NUNCA podem ser jovens no presente. O passado é o território da juventude dos adultos de hoje. O presente é o ritmo dos adultos de hoje. E o futuro é o país de nunca. A espera é infinita, vaidosa e ilusória. Eles roubam seu presente hipotecando o futuro. (MARIANA CHAVES, 2005, p. 16)¹¹.

Nessa perspectiva, é salutar a contribuição de Pais (2019) na discussão de como os condicionantes sociais podem afetar os projetos de vida e de futuro dos jovens. O contexto socioeconômico e cultural, o avanço ao progresso e as construções que as sociedades fazem num arco temporal influenciam os modos de ser jovem. A juventude enquanto categoria dinâmica e seus projetos de vida também são transformados ao longo da história (DAYRELL, 2016).

Somente a partir de meados dos anos 1990 os jovens passaram a ser vistos e inseridos nas pautas das agendas públicas da saúde e segurança. Esse público passou a ser tema de discussão devido à crise econômica e social instalada e às dificuldades de inserção no mercado de trabalho e os consequentes impedimentos de elaborar seus projetos de vida. O tema juventude era associado apenas a comportamentos de risco, ao uso abusivo de drogas e gravidez precoce, às doenças sexualmente transmissíveis (HELENA WENDEL ABRAMO, 2005).

¹¹ Texto original: El joven es presentado como un ser de un tiempo inexistente. El pasado no le pertenece porque no estaba, el presente no le pertenece porque no está listo, y el futuro es un tiempo que no se vive, sólo se sueña, es un tiempo utópico. [...] Nunca pueden SER ELLOS jóvenes em el presente. El pasado es territorio de la juventude de los adultos de hoy. El presente es el tempo de los adultos de hoy. Y el futuro es el país del nunca jamás. La espera es infinita, vana e ilusoria. Te roban el presente hipotecando el futuro.

Entretanto, essas juventudes só passaram a ser vistas, segundo Abramo (2005), devido ao aparecimento dos diversos grupos juvenis, principalmente da classe popular, que colocaram a público questões da condição juvenil que os afetavam e os preocupavam e que ainda não eram apresentadas por nenhum ator político ou social, como o desemprego e a dificuldade de estruturar perspectivas positivas de vida.

Vale a pena repetir as palavras de Koselleck (2006, p. 31): “[...] o futuro tornou-se um campo de possibilidades finitas, organizadas segundo o maior ou menor grau de probabilidade”. Diante disso, o campo de possibilidades para muitas juventudes é limitado. Diversos jovens ainda continuam invisibilizados e não são considerados cidadãos de direito. Na atualidade, os problemas sociais ainda persistem. As dificuldades para inserção no mercado de trabalho ainda continuam.

Assim como uma experiência nova é gerada quando um horizonte de expectativas é rompido (KOSELLECK, 2006), assim também vários jovens traçam seus projetos de vida ancorados em sonhos e almejam ir além do que o campo de possibilidades lhes oferece. Pretendem romper o horizonte de expectativas e vencer o que está posto em sua realidade pela sociedade.

Outrossim, ao propor a teoria de *habitus*¹², Pierre Bourdieu enfatiza que há uma dialética entre sujeito e sociedade, na qual as ações dos agentes sociais são derivadas do encontro do *habitus* e campo¹³ (conjuntura). Assim, “[...] as ações, comportamentos, escolhas ou aspirações individuais não derivam de cálculos ou planejamentos, são antes produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura” (SETTON, 2002, p. 64). Em suma, sujeitos protagonistas de sua história no campo social, trazendo consigo as experiências acumuladas na trajetória individual.

Em busca de novas experiências e de projetos que consideram factíveis, muitos dos jovens moradores da zona rural da região do Vale do Rio Doce em Minas Gerais, sujeitos das pesquisas de Maria Zenaide Alves e Juarez Dayrell (2015), apontaram como projetos de futuro a conclusão do ensino médio e o desejo de deixar a vida no

¹² O conceito de *habitus* proposto por Pierre Bourdieu pode ser entendido como “um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano” (MARIA DA GRAÇA JACINTHO SETTON, 2002, p. 63).

¹³ De acordo com Bourdieu, campo pode ser entendido como um espaço de relações entre grupos com distintos posicionamentos sociais, regido por regras próprias e local de disputa e jogo de poder (SETTON, 2002).

campo. Entretanto, o campo de possibilidades desses dependeria, dentre outros fatores, sobretudo das condições financeiras para a realização desses projetos de vida.

Muitos dos jovens, sobretudo as jovens, têm seus projetos de futuro alicerçados pelos campos de possibilidades que perpassam pelas questões afetivas e financeiras, no entanto, diferentemente da realidade vivenciada em suas casas, em que as mulheres dependem financeiramente dos maridos (ALVES; DAYRELL, 2015).

Diante do exposto, é importante destacar as relações sociais que perpassam o mundo juvenil tanto no âmbito simbólico e cultural que geram (re) construções e opressões quanto na perspectiva materialista centralizadas no trabalho e envoltas nas categorias classe, raça e gênero e as formas de exploração nessas relações.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Divisão Sexual do Trabalho

Danièle Kergoat (2009, p. 67) pontua que as condições em que vivem homens e mulheres são resultados de construções das sociedades e não são produtos de um destino biológico. Homens e mulheres formam, assim, “[...] dois grupos sociais envolvidos numa relação social específica: as relações sociais de sexo”, cuja base material é o trabalho, “e se exprimem por meio da divisão social do trabalho entre os sexos, chamada, concisamente, divisão sexual do trabalho”.

As relações sociais de sexo e de classe devem estar integradas por causa de sua indissociabilidade e complementaridade e, por serem coextensivas só podem ser analisadas conjuntamente (HIRATA; KERGOAT, 1994). Kergoat (2009) destaca que a Divisão Sexual do Trabalho conta com dois princípios organizadores: o da separação que entende que certos trabalhos são atribuídos aos homens e outros às mulheres e o da hierarquização no qual o trabalho do homem teria mais valor que o trabalho da mulher. Segundo a ideologia naturalística, o gênero é preterido em relação ao sexo biológico e trata as práticas sociais como papéis sociais. Em contrapartida, a teoria da Divisão Sexual do Trabalho afirma que as práticas entre os sexos são resultado de relações e construções sociais. Portanto, o sexo provém do biológico, do natural e o gênero provém de construções sociais.

A submissão da mulher, da fêmea humana, fora uma construção social no decorrer da história. A incapacidade da mulher fora resultante da divisão do trabalho por sexo. A mulher é o Outro enquanto o homem, o sujeito, o Um. O Outro só se coloca como o Outro porque o Um assim o define. O homem passa a considerar a mulher como o “segundo sexo” e a mulher não contesta tal submissão (BEAUVOIR, 1970).

Assim, tanto no mundo do trabalho quanto no âmbito familiar, as tarefas atribuídas às mulheres refletem uma condição de subordinação e de maior precarização, o que não ocorre com os homens. Nessa perspectiva, ressalta-se que além das formas de desvalorização do trabalho da mulher, em muitos cenários, a escolha para certos cargos é determinada em função das características ou qualidades ‘ditas femininas’. Adriana Piscitelli (2009) ratifica:

Toda discriminação costuma ser justificada mediante a atribuição de qualidades e traços de temperamento diferentes a homens e mulheres, que são utilizados para delimitar seus espaços de atuação. Com frequência, esses traços são considerados como algo inato, com o qual se nasce, algo supostamente "natural", decorrente das distinções corporais entre homens e mulheres, em especial daquelas associadas às suas diferentes capacidades reprodutivas. Em muitos cenários, a vinculação entre qualidades femininas e a capacidade de conceber filhos e dar à luz contribui para que a principal atividade atribuída às mulheres seja a maternidade, e que o espaço doméstico e familiar seja visto como seu principal local de atuação. (PISCITELLI, 2009, p.118).

Destarte, Hirata (2003, p.148) discorda dessa naturalização de papéis associados a uma incompetência feminina e esclarece que “[...] se o gênero pode ser definido como uma construção social, cultural e histórica do masculino e do feminino [...] também a incompetência técnica das mulheres é o resultado de uma construção social”.

Na esfera produtiva a subordinação do trabalho da mulher se dá pela desvalorização e exploração do trabalho e no âmbito reprodutivo, a opressão se caracteriza pela divisão desigual das tarefas do cuidado e dos afazeres domésticos por parte dos homens (MURARO, 2002). Mesmo distinta do trabalho assalariado (reprodutivo), a atividade doméstica não assalariada é uma forma evidente de trabalho e não distribuída de forma igualitária entre os grupos de homens (QUIRINO, 2011).

A categoria gênero é marcada por uma situação de opressão feminina no âmbito familiar – produção e reprodução – e, no mercado de trabalho marcada pela exploração com diferenciações de salários e posição hierárquica em relação aos homens. Adriana de Fátima Pilatti Ferreira Campagnoli *et al* (2003) enfatizam que, na perspectiva marxista, a exclusão e invisibilidade da mulher se dão pela segregação social e política. A emancipação da mulher só ocorrerá quando houver sua participação social nos meios de produção e quando o trabalho doméstico não for considerado insignificante.

Com efeito, Karl Heinrich Marx e Friedrich Engels (1848) pontuam em O Manifesto Comunista que o trabalho da mulher era precarizado e explorado pelo capital, considerado como mão-de-obra reserva e diferenciado do trabalho do homem.

Quanto menos o trabalho exige habilidade e força, isto é, quanto mais a indústria moderna progride, tanto mais o trabalho dos homens é suplantado pelo das mulheres e crianças. As diferenças de idade e de sexo não tem mais importância social para a classe operária. (MARX; ENGELS, 1848, p.19).

Nessa mesma linha, Elisabeth Souza-Lobo (2011, p. 125) completa:

[...] A separação entre trabalho produtivo e trabalho reprodutivo impossibilitava a compreensão da dupla inserção das operárias nas duas esferas, e escondia os elementos para a análise das práticas das operárias; da reprodução na fábrica de relações de gênero traduzidas na hierarquia entre os sexos no que se refere aos postos de trabalho, nas diferenças da qualificação feminina e da qualificação masculina.

Nos relatos históricos sobre as sociedades primitivas, a divisão sexual do trabalho ainda não se fazia presente. Ao contrário do pensamento do senso comum, as sociedades eram matricêntricas e matrilocais. Havia a dominação do macho nas relações sociais, conforme explana Muraro (2002) e essa divisão pode ter originado entre a espécie *Homo Sapiens*.

Certamente havia uma divisão sexual de trabalho, mas, na maioria das vezes, ela tendia a ser arbitrária. Em umas sociedades, as mulheres faziam cerâmica e os homens pescavam; em outras, passava-se o contrário. Em outras ainda, a demarcação das tarefas de cada sexo era bastante rígida. [...] Esta divisão pode ter sido originada do fato de, por ficarem grávidas e se acostumarem a alimentar e proteger os filhos, as mulheres tivessem tendência a alimentar e cuidar do grupo todo, enquanto os homens caçavam e pescavam mais para si mesmos. [...] é possível, assim, que a divisão sexual do trabalho tenha começado porque os homens queriam uma definição de suas funções como as mulheres tinham a sua, através da maternidade. (MURARO, 2002, p. 29-30).

No período medieval, a educação das mulheres era voltada para o ambiente doméstico e para a capacidade de agradar os homens. Enquanto os homens se ocupavam do trabalho agrícola e das guerras, as mulheres cuidavam da casa, dos animais e das hortas (MURARO, 2002). Nas sociedades burguesas cabia às mulheres da época o papel de servir ao marido e o lar. No seio da família, o lugar da mulher era definido como subalterno (CECÍLIA TOLEDO, 2008).

Com efeito, importante destacar que ainda perduram nas sociedades contemporâneas segregações nas oportunidades de trabalho das mulheres e desafios dessas para se manterem trabalhando, conforme apontamentos no próximo item deste capítulo.

3.1.1 Barreiras sociais impostas às mulheres em função do gênero

Ao longo de sua trajetória profissional, as mulheres enfrentam desafios e barreiras impostas pelas sociedades por meio de estereótipos - formados a partir de

crenças, valores e atitudes - que consideram as habilidades entre homens e mulheres fator influenciador de escolhas e decisões até mesmo enquanto ainda jovens (GILDA OLINTO, 2011).

Possivelmente influenciadas pela família e pela escola, muitas jovens elaboram seus projetos de vida, julgando-se mais aptas a determinadas atividades ou escolhem suas carreiras segmentadas por gênero, a partir do que acreditam que possa ser mais adequado para elas. Assim, as mulheres traçam seus projetos ou realizam suas escolhas diferentes daqueles traçados pelos homens, caracterizando-se como segregação horizontal, de acordo com Olinto (2011).

A autora ainda aponta um outro mecanismo que descreve as barreiras sociais e que conceitua como segregação vertical. Este tipo de mecanismo tende a fazer com que as mulheres escolham áreas consideradas femininas em um percentual bem maior do que os homens e se mantenham em posições mais subordinadas. Por ser um mecanismo invisível, algumas carreiras vão se tornando cada vez mais feminizadas¹⁴.

Quando se trata das escolhas de carreiras, fica evidenciado que as meninas consideradas no estudo tendem a mencionar, em proporções altas e muito maiores do que os meninos, áreas já previamente consideradas femininas, como serviços de saúde. O Brasil na verdade é o país, entre aqueles incluídos no estudo, que mais recebe menções à área de saúde como carreira planejada por parte das meninas: quase 30%, em comparação com menos de 15% dos meninos. Fazer carreira nas áreas de engenharia ou computação, em contrapartida, é escolha marcante entre os meninos. (OLINTO, 2011, p. 70).

Outra barreira social, o fenômeno Teto de Vidro, destacado na obra de Andrea Valéria Steil (1997, p. 62), se apresenta como sutil e transparente, “[...] mas suficientemente forte para impossibilitar a ascensão de mulheres a níveis mais altos da hierarquia organizacional”. E completa que há um discurso de gênero que se inicia desde a infância, uma vez que a educação formal tem se voltado para a preparação para atender os desejos do mercado de trabalho, porém com papéis sexuais pré-definidos.

¹⁴ Segundo Sílvia Cristina Yannoulas (2013), a feminização tem um significativo qualitativo e se refere às transformações num determinado tipo de ocupação ou profissão, vinculadas às práticas sociais e simbólicas, numa determinada época ou cultura.

Além disso, Steil (1997), referenciando-se aos estudos de Martin (1990)¹⁵, observa que nos resultados de 14 pesquisas daquele autor, conclui-se que as mulheres recebem remunerações inferiores às percebidas pelos homens, além de serem avaliadas injustamente e com menor oportunidades de ascensão nas carreiras dentro das organizações.

Nessa perspectiva, Hirata e Kergoat (2007) observam a necessidade de se implementar ações que visem o estudo da divisão sexual do trabalho iniciada ainda na infância, bem como na definição das tarefas domésticas e no decorrer da vida escolar e na vida ocupacional.

Ao se referir aos diversos obstáculos enfrentados por mulheres na escolha da área de atuação e ao longo da trajetória profissional feminina, Betina Stefanello Lima (2013) os associa a um Labirinto de Cristal. A metáfora do labirinto destaca como barreiras ou armadilhas a morosidade ou estagnação na carreira/área de atuação, ritmo do ganho de reconhecimento ou até mesmo desistência de determinada profissão.

Com efeito, Hirata (2010) se pronuncia sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres, escolha entre a oportunidade de se qualificar ou os seus filhos e a respeito do fenômeno Teto de Vidro:

[...] a necessidade de maior formação profissional e de diplomas para a obtenção de promoção, redundando num sacrifício maior para as mulheres do que para os homens, dado o tempo extra no trabalho profissional. A necessidade de conciliar o próprio aperfeiçoamento e o dos seus filhos criou a necessidade de arbitrar entre os dois, situação mais angustiante para as mulheres, já que para os homens não se coloca essa opção. Técnicas e engenheiras defrontavam problemas de conflitos com subordinados homens, e eventuais demissões do cargo. Os cargos de direção, enfim, não eram acessíveis às mulheres. (HIRATA, 2010, p. 3).

Nesse sentido, verifica-se que as formas de segregações corroboram com a teoria da Divisão Sexual do Trabalho e com os princípios organizadores da separação e da hierarquização que preconizam sobre a existência de uma diferenciação entre trabalhos de homens e de mulheres e da supervalorização do trabalho de homens em relação ao das mulheres.

¹⁵ MARTIN, Joane. Deconstructing organizational taboos: the suppression of gender conflict in organizations. **Organization Science**, v. 1. n. 4, p. 339-359, 1990.

Além das formas de preconceito a serem vencidas, as mulheres ainda precisam dar conta de várias jornadas e trabalham mais horas do que os homens. O próximo tópico propõe a continuidade dessa discussão.

3.1.2 Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico e as múltiplas jornadas

O exercício do trabalho remunerado fora de casa aliado às tarefas domésticas exigem cada vez mais das mulheres dedicação e maior tempo. Apesar da dedicação a outras atribuições assumidas nas sociedades atuais, a distribuição dos afazeres do cuidado e das tarefas do lar entre homens e mulheres não ocorrem na mesma proporção (FLÁVIA BIROLI, 2018).

Para muitas mulheres, no entanto, a ocupação da esfera produtiva significa assumir duplas, triplas ou múltiplas jornadas, cujas tarefas são vinculadas a papéis naturalizados. Como bem corrobora Betina Stefanello Lima (2013, p. 892): “[...] as múltiplas jornadas de trabalho pelas quais as mulheres são sobrecarregadas ainda permanecem invisíveis e naturalizadas”.

Segundo estudos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) (2017), de 1995 a 2015, 90% das mulheres declararam realizar atividade doméstica em relação a 53% da população de homens. Ao longo dos vinte anos estudados, a variação do percentual de trabalho doméstico masculino representou apenas 7%. A jornada total média de trabalho¹⁶ semanal das mulheres era superior em 7,5 horas a dos homens, perfazendo 53,6 horas semanais contra 46,1 horas realizadas por eles.

Nesse mesmo entendimento, Helena Hirata e Philippe Zarifian (2009) consideram que o tempo do trabalho doméstico e profissional exercido pelas mulheres se multiplica cada vez mais, assim como a opressão e exploração, se acumulam e articulam. Desse modo, na pesquisa empírica realizada por Rebeca Contrera Ávila e Écio Antônio Portes (2012), evidencia-se a situação de opressão nos relatos de mulheres que realizam triplas jornadas (funções de donas de casa, trabalho e estudo):

[...] A partir da interpretação da narrativa das mulheres que ficaram muitos anos sem estudar, é possível observar que as circunstâncias atuantes que levaram a tão grande atraso em seu percurso escolar são demarcadamente repetitivas na experiência de muitas delas: os limites acadêmicos impostos pela concomitância trabalho–estudo noturno; a falta de incentivo por parte da

¹⁶ Segundo IPEA (2017), considera-se jornada total de trabalho, a soma do tempo despendido à atividade remunerada e ao trabalho doméstico não-remunerado.

família; a pressão psicológica (nem sempre explícita) do grupo de amigos, uma vez que muitos deles já haviam interrompido os estudos; e a entrada precoce no mundo do trabalho, em grande medida, pelo trabalho doméstico. (ÁVILA, R.; PORTES, 2012, p. 814).

Todavia, para Guimarães (2016, p. 66), as mulheres do meio rural exercem no dia-a-dia um “trabalho múltiplo”: além das atividades domésticas cuidam das lavouras, “da produção de alimentos, artesanatos e venda nas cooperativas; militam diariamente com presença forte e significativa nos sindicatos, no Coletivo de Mulheres e na Marcha das Margaridas, além de outras atividades de assistências social às famílias da região”.

Hirata (2010) destaca nas sociedades atuais, inclusive na França, os modos de conciliação de trabalho doméstico e produtivo, executados por homens e mulheres, sendo que 70 % dos trabalhos domésticos são executados por mulheres:

- [...] 1. Modelo tradicional: a mulher não trabalha fora assumindo cuidados da casa e dos filhos, e o homem provedor.
 2. Modelo da conciliação: a mulher trabalha fora, mas concilia trabalho profissional e trabalho doméstico; o homem não concilia.
 3. Modelo de parceria: mulheres e homens repartem tarefas domésticas e cuidados da família. (Observação: a parceria supõe igualdade).
 4. Modelo da delegação: a mulher delega a outras mulheres o cuidado com a casa, família e crianças. (Por exemplo: mulheres executivas e com postos de responsabilidade só podem trabalhar se outras assegurarem essa tarefa. (HIRATA, 2010, p. 2.).

Nesse sentido, para continuar trabalhando, muitas mulheres delegam a outras mulheres as atividades domésticas e o cuidado com os filhos. Para as mulheres em condição de pobreza, o trabalho doméstico é uma oportunidade de se obter uma renda para o sustento da casa (MARIA BETÂNIA ÁVILA, 2016). A autora completa:

Quando há filhos/as pequenos/as, são outras mulheres, parentes ou vizinhas, remuneradas ou não, que se ocupam deles/as na ausência das mães que vão trabalhar. As filhas mulheres, desde meninas, são iniciadas nas pequenas tarefas domésticas do cotidiano e são as mais comprometidas no alívio da carga de trabalho de suas mães. Nesse caso, na infância, já estão presentes os conflitos entre o tempo do trabalho e o tempo das atividades próprias desse período da vida, como as brincadeiras e os estudos. (ÁVILA, M. B. 2016, p. 142).

Aprofundando-se nas conclusões de Ludimila Corrêa Bastos (2011; 2017), as mulheres entrevistadas, egressas do Ensino Médio da EJA, apontaram que o abandono dos estudos no passado ocorrera pela dedicação às famílias (filhos e

casamento). Uns dos principais desafios evidenciados pelas estudantes da EJA foram: o cansaço decorrente da tríplice jornada - trabalho, escola e afazeres domésticos - e a dificuldade de encontrar pessoas para cuidar dos filhos para frequentarem as aulas.

Isto posto, a separação de trabalhos que cabem às mulheres e outros que cabem aos homens é imposto por uma construção social, inclusive de ensinar as tarefas domésticas às meninas jovens desde a infância. Os estudos de Bastos (2017) corroboram essa afirmativa e apontaram que os participantes da pesquisa relataram que as atribuições domésticas e do cuidado são tarefas atribuídas às meninas e às mulheres como algo natural e que a transferência dessa responsabilidade vem desde gerações anteriores.

Por outro lado, os apontamentos do próximo subcapítulo trazem à tona a dualidade entre educação e trabalho para muitas juventudes.

3.2 Aspirações profissionais de jovens de classes baixas: educação ou trabalho?

A tríade educação, trabalho e juventudes tem se tornado nas últimas décadas tema de intensos debates, dadas as expectativas da sociedade em torno dessa categoria geracional em relação à educação profissional e o mundo do trabalho.

Assim como enfatiza Burnier (2003), o mundo do trabalho se constitui então como um elemento fundamental e transformador para a construção dos projetos da classe trabalhadora, assim como a escola profissionalizante exerce um papel importantíssimo para a consecução desses projetos.

O conceito de trabalho admitido por Acacia Zeneida Kuenzer (2009, p. 13) é “[...] compreendido como *práxis humana*, e não apenas como *práxis produtiva*, ou seja, como todas as formas de ação humana para construir a existência, sejam elas materiais ou espirituais”.

O trabalho contém em si um princípio educativo cujas dimensões envolvem aprendizado, experimentações e produção de saberes. “[...] O trabalho, como princípio educativo, é uma prática social pedagógica. A sua natureza constitutiva orienta a formação do ser-pessoa e do ser-sujeito” (ROSANGELA FRITSCH, 2017, p. 83-84). A história se constrói na medida em que as transformações vão ocorrendo pelo e no

trabalho. O trabalho se torna um produtor e reprodutor da vida (HORMINDO PEREIRA DE SOUZA JÚNIOR, 2017).

Maria Ciavatta e Marise Ramos (2011) pontuam, porém, que na relação entre trabalho e educação, tem-se no Brasil uma política de educação de ensino médio voltada para atender os objetivos do mercado de trabalho e se faz necessário um projeto que supere a dualidade entre formação específica e formação geral e que atenda também os anseios das classes trabalhadoras. As autoras ainda complementam:

[...] O primeiro sentido que atribuímos à integração expressa uma concepção de formação humana que preconiza a integração de todas as dimensões da vida – o trabalho, a ciência e a cultura – no processo formativo. Tal concepção pode orientar tanto a educação geral quanto a profissional, independentemente da forma como são ofertadas. O horizonte da formação, nessa perspectiva, é a formação politécnica e *omnilateral* dos trabalhadores e teria como propósito fundamental proporcionar-lhes a compreensão das relações sociais de produção e do processo histórico e contraditório de desenvolvimento das forças produtivas. (CIAVATTA; RAMOS, 2011, p. 31).

Nessa mesma linha, Kuenzer (2009) corrobora com o entendimento:

[...] A escola pública de Ensino Médio só será efetivamente democrática quando seu projeto pedagógico, sem pretender ingenuamente ser compensatório, propiciar as necessárias condições para que os menos favorecidos estejam em condições de identificar, compreender e buscar suprir, ao longo de sua vida, suas necessidades com relação à participação na produção científica, tecnológica e cultural. [...] elaborar e disponibilizar aos jovens que vivem do trabalho a nova síntese entre o geral e o particular, entre o lógico e o histórico, entre a teoria e a prática, entre o conhecimento, o trabalho e a cultura é a nova finalidade do Ensino Médio Público: ser geral sem ser genérico e relacionar-se ao trabalho sem ser estreitamente profissionalizante. (KUENZER, 2009, p. 43-44).

Nesse sentido, Dante Henrique Moura (2007, p. 20) destaca que a formação do cidadão deve “[...] contribuir para a transformação da sociedade em função dos interesses sociais e coletivos”. Assim, importante despertar nos alunos o senso crítico e a participação na sociedade como sujeitos de direito e como “[...] cidadãos capazes de compreender a realidade social, econômica, política, cultural e do mundo do trabalho para nela inserir-se e atuar de forma ética e competente, técnica e politicamente” (MOURA, D. 2007, p. 20).

Segundo entendimentos de Ciavatta e Ramos (2011), jovens de classes populares projetam suas expectativas de futuros na educação profissional em busca

de melhores oportunidades de trabalho e de renda em contrapartida atendendo os anseios reducionistas e à funcionalidade do mercado.

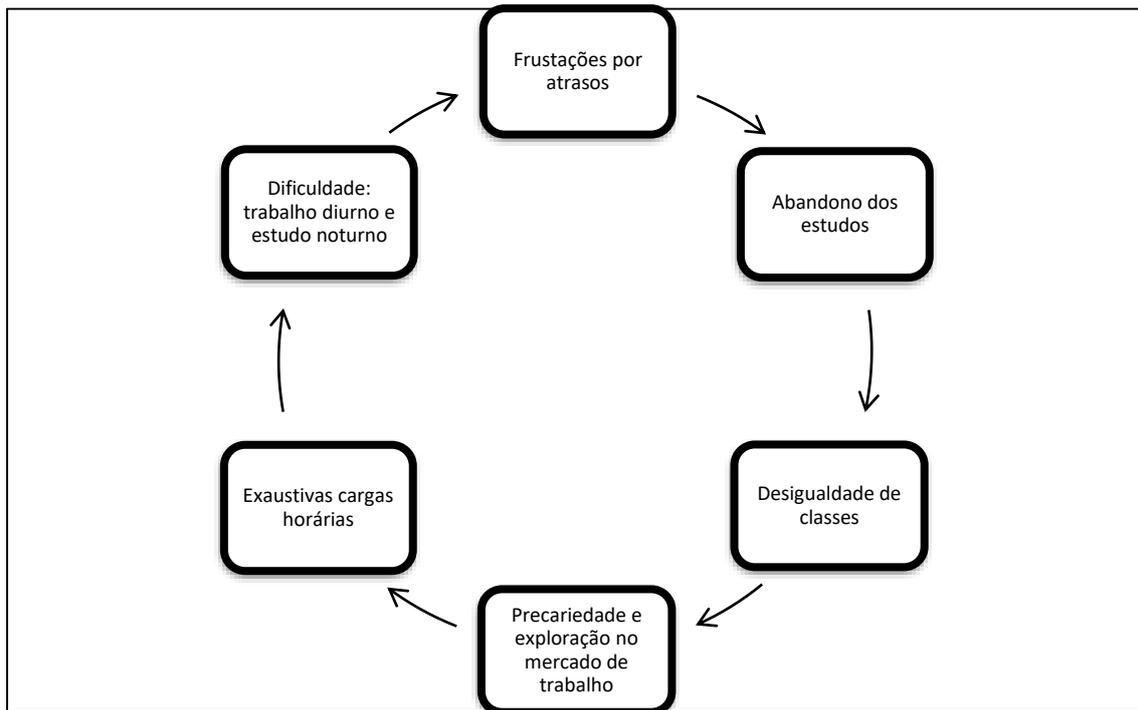
No entanto, o papel desempenhado pelo Ensino Médio no Brasil tem se voltado para as classes mais abastadas, que vivenciam experiências culturais, sociais e materiais favoráveis em relação aos mais pobres. Os filhos dos incluídos têm mais chances de escolarização e de condutas exigidas no meio social e no mercado de trabalho (KUENZER, 2009).

Em pesquisa realizada com jovens alunos do ensino médio do Estado do Pará, Leão, Dayrell e Reis (2011) evidenciaram que a escola não compreende a realidade na qual esses alunos estão inseridos tampouco o mundo do trabalho e suas exigências. Os alunos pleiteiam uma escola cujos conteúdos estejam mais próximos de suas realidades.

Se “a escola não *faz* juventude” para parte da juventude brasileira, especificamente para aquela que é excluída, pois a experiência escolar pouco contribuiu para a construção de sua condição juvenil, segundo estudos de Dayrell (2007); por outro lado, Sposito, Souza e Arantes e Silva (2018) evidenciam uma importante relação de jovens de classes populares com o mundo do trabalho para o enfrentamento das necessidades econômicas. Assim, para tantos jovens brasileiros, “o trabalho *faz* juventudes”, como apontou Sposito (2005).

De fato, conforme observado na Figura 2: Evasão escolar entre as juventudes das classes mais baixas, a permanência das desigualdades de classe é ratificada pelo abandono aos estudos, o que acarreta aos jovens evadidos do sistema de ensino precariedade e exploração no mercado de trabalho. Além disso, as duras realidades de emprego com exaustiva carga horária, dificuldade de se manterem no trabalho durante o dia e na jornada de estudos à noite e frustração pelo atraso constante no horário das aulas são motivadores que os levam a desistir da escolarização (FRITSCH, 2017). Tem-se, portanto, um ciclo, à medida em que os jovens das classes baixas evadem a escola e seus estudos não são concluídos.

Figura 2 – Evasão escolar entre as juventudes das classes mais baixas



Fonte: Elaborado pela autora, baseado nos estudos de Fritsch (2017).

Cabe enfatizar que para as jovens mulheres as realidades são ainda mais duras que podem levá-las a abandonar os estudos, pois além de arrumar tempo para trabalhar, estudar e realizar as tarefas escolares, ainda têm que dar conta dos afazeres domésticos. Para as jovens que não trabalham fora, as dificuldades também não são menores, pois essas precisam cuidar das tarefas domésticas e de algum irmão/irmã menor ou um ente familiar, enquanto a mãe trabalha fora de casa. Situação análoga vivenciaram as mulheres egressas do Ensino Médio da EJA entrevistadas por Bastos (2011; 2017), que evadiram a escola no passado para se dedicarem aos filhos, como já evidenciado neste estudo.

De acordo com Fritsch (2017), a desistência dos estudos motivada pela necessidade de trabalhar ou por causas diversas ligadas a variáveis objetivas e subjetivas é uma realidade não rara entre várias juventudes de contextos mais pobres. As múltiplas causas da evasão escolar precisam ser estudadas por meio de políticas públicas e de estudos de prevenção que avaliem o desempenho escolar e a qualidade social escolar. O abandono escolar além de envolver desperdício econômico, social e acadêmico traz como consequência também a não concretização de expectativas de indivíduos.

As declarações dos jovens mostram o dilema por eles vivido, pois, o emprego, o ganhar dinheiro se torna mais preponderante do que o estudo. Abrem mão dos estudos para se dedicarem ao emprego. Muitos o fazem por necessidades básicas de sobrevivência e alguns porque são seduzidos pela compra de bens de consumo. Nessas situações é comum a inserção no mercado de trabalho em empregos duros que não exigem qualificação e escolarização. (FRITSCH, 2017, p. 99).

Com efeito, com o advento da pandemia Covid-19 que assola o mundo, é mister destacar que os impactos sociais acarretados por esse vírus devem trazer fortes consequências na vida das juventudes brasileiras, uma vez que a educação foi impactada fortemente e com isso há grandes chances de elevar as taxas de evasão escolar ainda mais. Segundo relatório apresentado em junho de 2020 pelo Conselho Nacional da Juventude (Conjuve) de um estudo com 33.688 jovens de todas as regiões do Brasil, 28% dos jovens pontuaram que pensam em não retornar para a escola e largar os estudos. Além disso, mais de 4 a cada 10 apontaram ter perdido renda pessoal e/ou familiar e mais da metade dos entrevistados realizou cadastro no Programa Auxílio Emergencial apresentado pelo governo brasileiro.

Em contrapartida, segundo apontamentos de Paulo César Rodrigues Carrano, Andreia Cidade Marinho e Viviane Netto Medeiros de Oliveira (2015) em suas pesquisas com jovens que interromperam trajetórias escolares e retornaram em períodos posteriores à Educação de Jovens Adultos (EJA) e/ou ao programa de correção de fluxo denominado Autonomia:

É possível que quando muitos desses jovens passam a vivenciar os entraves provocados pela ausência de credenciais escolares, seja no mercado de trabalho ou na vida social, a interrupção dos estudos seja revista e o reingresso passe a ser uma alternativa. Assim, redescobre-se a escola como um caminho indispensável para uma melhor colocação nos contextos sociais em que vivem. (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 1450-1451).

Destaca-se, portanto, a dualidade entre escola e trabalho na vida de jovens, sobretudo para aqueles nos quais a escola significa uma oportunidade para uma melhor colocação na sociedade ao mesmo tempo em que o trabalho se faz necessário por razões de subsistência e enfrentamento das desigualdades socioeconômicas. As conclusões de Carrano, Marinho e Oliveira (2015) corroboram e são oportunas para tais reflexões:

Existe um aparente paradoxo presente na melhoria das condições socioeconômicas e a persistência do trabalho entre os jovens e, em especial,

os adolescentes. O trabalho estaria representando não apenas meio de subsistência, a necessidade que empurra adolescentes para os mercados laborais seria constituída também por outras mediações, tais como a busca de independência e autonomia dos jovens, o valor atribuído pelas famílias ao trabalho como elemento educativo na formação dos filhos e também como meio disciplinador do caráter e controle da ociosidade juvenil em meios populares (CARRANO; MARINHO; OLIVEIRA, 2015, p. 1452-1453).

Não obstante as desigualdades de classes vivenciadas por muitas juventudes, as discriminações de gênero e os preconceitos de raça/etnia são outros desafios que as jovens mulheres precisam enfrentar nas relações sociais, conforme pontuado no próximo tópico.

3.3 Relações de classe, gênero e raça/etnia no contexto juvenil

De acordo com a Organização das Nações Unidas Brasil (2018), o conceito de pobreza perpassa o âmbito multidimensional que avalia formas diversas de privação de direitos humanos e serviços, haja vista que a miséria se manifesta para além dos salários. O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) considera que a pobreza multidimensional vai além da ausência de renda, mas da falta de saúde, educação e das necessidades mínimas de vida.

Segundo pesquisa da Síntese de Indicadores Sociais (SIS) divulgada pelo IBGE (2019a), em 2018 um quarto da população brasileira, ou 52,5 milhões de pessoas ainda vivia em situação de pobreza percebendo menos de R\$420,00 *per capita* por mês. A linha de pobreza adotada pelo Banco Mundial¹⁷ considera o rendimento diário inferior a US\$5,5 como medida para identificar a pobreza nos países em desenvolvimento como o Brasil.

Abramovay *et al* (2002, p. 13) salientam que a vulnerabilidade social é compreendida pelo:

[...] resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade.

O acesso a empregos e as condições como esses são mantidos, em grande parte, são determinados pelo gênero e pela raça/etnia, assim como as causas da

¹⁷ De acordo com o IBGE, as linhas de pobreza adotadas pelo Banco Mundial são: a) países de renda baixa ou extrema pobreza é de US\$1,9/d; b) países de renda média baixa é de US\$3,20/d; c) países de renda média alta é de US\$5,5/d e d) países de renda alta é de US\$21,70/d.

pobreza não são as mesmas entre homens e mulheres e, negros e brancos (OIT, 2005).

Por outro lado, é importante destacar a vulnerabilidade social decorrente também dos preconceitos de raça entre as juventudes. Juarez Tarcísio Dayrell e Rodrigo Ednilson de Jesus (2016) evidenciara, em uma pesquisa empírica nos anos de 2012 e 2013 com jovens adolescentes de com idade compreendida entre 15 e 17 anos cursando ensino médio no Brasil, que a discriminação racial é uma das principais barreiras a serem enfrentadas tanto para o acesso quanto para permanência na vida escolar. Vincula-se a ideia de risco e violência aos jovens pobres, inclusive negros, como se esses pertencessem a uma classe perigosa (DAYRELL, 2007).

Com efeito, Kergoat (2016) afirma que as tensões geradas nas sociedades produzem grupos e relações sociais – classes sociais, de sexo e de raça - que mantêm entre si uma relação antagônica em torno das formas da divisão do trabalho. Essas relações sociais se entrelaçam e de acordo com a ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT (2005), frequentemente a discriminação vivenciada pela mulher negra é agravada em função da discriminação de classe social.

O entrecruzar dinâmico e complexo do conjunto das relações sociais individuais ou em grupo formando um nó, quase que se interpenetrando, advém do conceito de consubstancialidade. O dinamismo das relações sociais remete ao conceito de coextensividade, nas quais essas se produzem mutuamente. Assim, as relações de raça, classe, gênero se entrecruzam e se entrelaçam nas sociedades e as variedades das interações dessas relações com outras como as de idade (geracionais), por exemplo, pode ser entendido como interseccionalidade (KERGOAT, 2010). Não obstante a relevância da categoria raça, neste trabalho essa não foi objeto de análise, haja vista um maior aprofundamento nas demais categorias: geração, classe e gênero.

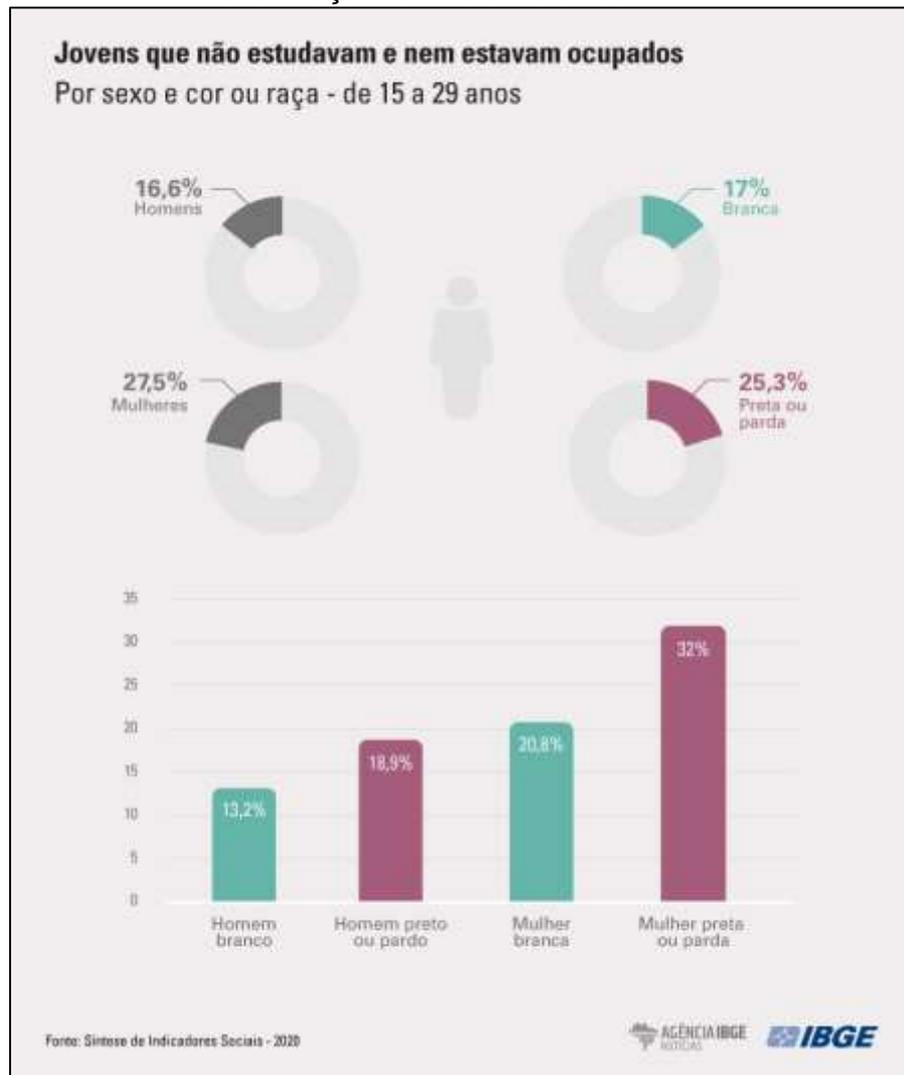
Nesse contexto, na sociedade brasileira, para contribuir no orçamento doméstico, muitas jovens se veem obrigadas a trabalhar fora. Dividem o tempo com as atribuições de casa, do trabalho e da escola caso permaneçam estudando. No entanto, como pontua Muraro (2002), apesar de trabalhar fora, o trabalho da mulher nunca foi considerado produtivo.

A partir de uma análise descritiva dos resultados da PNAD de 2004 a 2014 com jovens brasileiros com idade compreendida entre 15 a 29 anos, Sposito, Souza e Arantes e Silva (2018) inferiram que os pertencentes ao grupo etário de 18 a 24 que

assumiam a responsabilidade pela manutenção do orçamento doméstico ou de referência apresentaram maior situação de pobreza. As autoras ainda pontuam que o percentual de jovens mães negras é mais elevado em relação às jovens mães brancas e chamam a atenção para um percentual elevado de jovens mães entre as mais pobres.

No mundo do trabalho, a falta de escolarização traz reflexos na hora da procura do emprego para os jovens pobres. Em 2019, 82,3% dos jovens com idade compreendida entre 15 a 29 anos que nunca frequentaram a escola estavam sem trabalhar e 62,6% dos que estudaram até pelo menos os 18 anos, tinham alguma ocupação (ALEXANDRE BARROS, 2020). Analisando-se a Figura 3, o percentual de mulheres jovens (27,5%) que estavam sem estudar ou trabalhar foi maior em comparação aos homens jovens (16,6%). Se comparadas a cor ou raça, o percentual dos jovens pretos ou pardos (25,3%) foi superior ao dos jovens brancos (17%).

Figura 3 - Jovens que não estudavam e nem estavam ocupados – Por sexo e cor ou raça – de 15 a 29 anos



Fonte: Barros (2020).

Conforme apresentado na Figura 3, a realidade das mulheres pretas ou pardas que não estudavam ou não trabalhavam (32,0%) foi superior aos homens jovens brancos (13,2%) ou 2,4 vezes maior que esses. Em relação aos homens da mesma cor ou raça (18,9%) e às mulheres jovens brancas (20,8%) também foi superior. Assim, para as jovens pretas ou pardas sem escolarização a dificuldade de se conseguir emprego reflete, portanto, o que vivenciam na sociedade - a existência de desigualdades de classe, raça e gênero.

Com efeito, o próximo capítulo se aproxima do objeto de estudo e de seu contexto, apresentando um breve histórico do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG e da etapa do convite às egressas do curso para participarem da pesquisa.

4 APROXIMAÇÕES DO OBJETO DE ESTUDO EM SEU CONTEXTO

Devido à existência de poucos documentos físicos que registrassem a história do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG, a pesquisa documental em campo foi baseada em material elaborado pela atual coordenação do referido curso, cujos registros em sua maioria foram produzidos a partir dessa gestão que se iniciou em 2011.

4.1 O Curso Pro-Técnico do CEFET-MG: breve histórico

Implementado no CEFET-MG em 1979, o Curso Pro-Técnico do CEFET-MG foi originado do projeto Programa Especial de Bolsas de Estudos (PEBE) 7 instituído em 1977. Viabilizado por meio da parceria entre os Ministérios do Trabalho e da Educação, o projeto representava para a classe trabalhadora sem formação profissional uma oportunidade de acesso à escola, conclusão de cursos técnicos, além de ascensão profissional e social. Em 1988, o PEBE foi extinto, entretanto o CEFET-MG manteve em funcionamento o curso. A partir de 2011 o Pro-Técnico passou fazer parte da Diretoria de Extensão e Assuntos Comunitários (CHAGAS, 2018).

Além de ser um curso preparatório para o ensino técnico de nível médio cujo objetivo é a revisão e a complementação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, prepara os alunos de escolas públicas para concorrerem a uma das vagas dos cursos técnicos integrados de nível médio oferecidos prioritariamente pelo CEFET-MG, mas também pelo IFMG e COLTEC (CHAGAS, 2018).

Assim, os alunos da Rede Pública de Ensino que estejam cursando o último ano do Ensino Fundamental (9º ano) participam de março a dezembro de uma dupla jornada escolar: o ensino regular e o Curso Pro-Técnico. Portanto, são ofertados aos alunos aulas das disciplinas que constam no exame de seleção da instituição (Português, Matemática, Física, Química, Biologia, Geografia e História) e esses recebem, gratuitamente, o material didático composto por textos, e exercícios complementares (CHAGAS, 2018).

Nesse sentido, destaca-se a importância social do Pro-Técnico, haja vista que esse visa atender às famílias de classes sociais menos favorecidas, oferecendo aos jovens dessas, oportunidade de concorrerem não só a uma das vagas dos cursos

citados, mas de participarem de processos seletivos de outras escolas e de concursos públicos, contribuindo assim para a inserção profissional e social desses.

4.2 As egressas e o convite para pesquisa: breves percepções da pesquisadora

Conforme relatado, por conta da pandemia, não houve nenhuma aproximação presencial com as ex-alunas do Pro-Técnico e com os seus responsáveis (no caso das menores de 18 anos), no entanto, apesar da distância física, esta pesquisadora não deixou de perceber algumas ações e reações desses atores ao receberem o convite para pesquisa.

Com efeito, ao receberem o convite para participarem da pesquisa foi possível perceber que muitas das jovens egressas se sentiram contentes e gratas por terem sido lembradas e ao mesmo tempo tiveram muita vontade (aquela boa-vontade de ajudar) em sugerir o contato de suas colegas que fizeram o curso também. A maioria delas entendeu a importância da pesquisa e de sua participação.

Nessa mesma linha, em contato também com os responsáveis pelas participantes menores, por chamadas de *WhatsApp* ou por celular, pôde-se observar a mesma satisfação na participação das jovens na roda de conversa e entrevista, transparecendo uma certa gratidão ao CEFET-MG por elas terem cursado o Pro-Técnico também. Alguns responsáveis ainda vislumbraram uma boa oportunidade de suas filhas ao ouvirem as outras participantes na roda de conversa, compartilhar, refletir e se decidirem sobre os seus projetos de vida ainda incertos. Outros ratificavam a decisão da filha em participar da pesquisa, concordando que ela mesma combinasse dia e horário (uma autonomia e confiança que pareceu por se tratar de uma pesquisa vinda do próprio CEFET).

Outra observação e não menos importante, se refere ao interesse das ex-alunas pela discussão (com uma opinião já formada inicialmente por parte de algumas delas) sobre os temas projetos de vida e preconceito em relação ao trabalho das mulheres nas relações sociais.

5 A PESQUISA EMPÍRICA

Antes de iniciadas as duas sessões da roda de conversa (em meio remoto) foram esclarecidos alguns combinados entre todas as participantes de que os assuntos discutidos ali não fossem divulgados a terceiros. Ainda lhes foi dada a liberdade de não responder a algum tema caso não quisessem ou de interromper a sessão se alguma delas assim o decidissem. Além disso, foi ratificada a informação de que as sessões seriam gravadas para posterior utilização dos excertos de falas, porém, a identidade delas seria preservada e os seus nomes substituídos por códigos alfanuméricos como J1 (Jovem 1), J2 (Jovem 2), etc.

Apesar de realizada em um ambiente virtual, a roda de conversa proporcionou o reencontro de algumas ex-colegas do curso, que mantinham contato mais por rede social. Como muitas delas não se conheciam, uma vez que as duas sessões contaram com a participação das egressas dos anos de 2017 a 2019, todas se apresentaram informando o ano que cursaram o Pro-Técnico, onde moravam, idade, onde estudavam e o curso que faziam atualmente.

Os temas para discussão foram apresentados por esta pesquisadora no decorrer das sessões de roda de conversa para compartilhamento entre as participantes. Para estabelecer uma forma democrática, cada uma falava após a outra, seguindo-se uma ordem combinada, mas cada qual teve a liberdade de falar quando julgou conveniente. Nesse sentido, como apontado por Maria Lúcia Miranda Afonso e Flávia Lemos Abade (2008), o papel do coordenador da roda de conversa deve ser democrático, estimular a interação entre todos os participantes, ressaltando suas experiências no contexto social, reflexão do grupo e ampliação dos horizontes.

5.1 Perfil das jovens egressas participantes da pesquisa

Algumas informações das participantes da pesquisa foram resumidas neste tópico para melhor apreensão do universo em que elas se situam. Entretanto, consta também no APÊNDICE H deste trabalho um resumo desses dados.

J1 estudou o Pro-Técnico em 2017. Tem 17 anos e mora com os pais e uma irmã em Contagem. Cursa o 2º. ano de Eletrônica no CEFET-MG. Fez o ensino fundamental todo em escola pública. Ela se autodeclara uma menina negra, “ainda

que de pele clara, a famosa parda aqui do Brasil” (fala da própria jovem). A participante almeja ser professora.

J2 se autodeclara da raça negra, cor parda. Tem 15 anos e mora em Contagem com o pai, a mãe e a irmã. Estudou a vida inteira em escola pública. Cursou o Pro-Técnico em 2019. Atualmente estuda no CEFET-MG e cursa Eletrotécnica. Pretende chegar até o pós-doutorado e não parar de estudar. Declara que ama estudar música, dançar e aprender coisas novas.

J3 tem 17 anos e mora em Ibirité com a mãe, o pai e o irmão. Estudou até os 10 anos em escola particular e depois passou para escola pública. Estudou o Pro-Técnico em 2017. Em 2020 ela estudava na Escola Estadual Maurício Murgel no 3ºano no período da tarde. No momento, planeja cursar Astronomia e viajar para estudar fora do Brasil.

J4 estudou o Pro-Técnico em 2019. Tem 15 anos e se autodeclara da raça branca. Mora em Contagem e atualmente cursa Mecânica no IFMG. A jovem sempre estudou em escola municipal. Planeja fazer o curso de Veterinária, pois adora mexer com animais, mas confirma que pode não ser uma coisa certa ao concluir o ensino médio.

J5 estudou desde a infância em escola pública municipal. Atualmente ela cursa Eletroeletrônica no IFMG de Ribeirão das Neves e planeja continuar os estudos fazendo faculdade. Ela se autodeclara da raça negra, cor parda (“mãe branca e pai negro”, assim ela completa). A participante mora em Belo Horizonte e tem 15 anos. Estudou o Pro-Técnico em 2019.

J6 se autodeclara da raça negra, cor parda. Em 2020 ela cursava o 3º. ano de Equipamentos Biomédicos no CEFET-MG. A egressa possui 18 anos e sempre estudou em escola municipal. Cursou o Pro-Técnico em 2017. Ela tem planos de fazer estágio na rede pública.

J7 tem 16 anos, se autodeclara da raça negra e mora com a mãe e o pai em um bairro mais afastado do centro em Santa Luzia, no Córrego Frio (zona rural).

Durante a pandemia a prima está morando com eles. A entrevistada estuda atualmente no IFMG de Santa Luzia no 1º. ano e faz o curso Técnico de Edificações. Estudou o Pro-Técnico em 2018. Ela pretende seguir estudando nas áreas biológicas, como Biomedicina ou Química, mas ainda está pensando.

J8 mora com o pai e a mãe em Betim. Ela se autodeclara de raça branca e tem 18 anos. Atualmente estuda Química no 2º. Ano no Colégio Técnico (COLTEC) da UFMG. Ela também fez todo o ensino fundamental em escola pública e estudou o Pro-Técnico em 2017. Sonha em fazer Arquitetura, mas não descarta a possibilidade de fazer Química Orgânica, cuja matéria simpatiza bastante.

5.2 Análise dos dados coletados

A partir dos conceitos teóricos da Divisão Sexual do Trabalho dialogando com as teorias de juventudes e de projetos de vida, realiza-se uma exegese cujos excertos de falas das entrevistadas são explorados no decorrer da análise dos dados coletados na pesquisa empírica. Para Hirata e Kergoat (2003, p. 114) “a divisão sexual do trabalho é o suporte empírico que permite a mediação entre as relações sociais (abstratas) e práticas sociais (concretas) [...]”.

As reflexões compartilhadas entre as jovens participantes nas duas sessões de roda de conversa externam as narrativas dessas sobre suas motivações, desafios enfrentados, estratégias de luta e resistência e projetos de futuro, cujos excertos estão dispostos nos próximos itens deste capítulo. Conforme dispõem Afonso e Abade (2008), a partir das questões e reflexões processadas por determinado grupo é que se chega a um resultado nas rodas de conversa. Para além das rodas de conversa, as entrevistas individuais semiestruturadas permitiram mergulhar com mais profundidade nas trajetórias escolares e nos projetos de futuro das egressas do Pro-Técnico.

Assim, para se chegar aos projetos de vida das egressas, este trabalho buscou apreender do passado vivenciado enquanto alunas do Pro-Técnico e do presente como alunas do Ensino Médio (e técnico para algumas) suas motivações, desafios e estratégias de resistência enquanto estudantes. As expectativas, aspirações profissionais e projetos em relação ao futuro são apresentados posteriormente.

5.2.1 *Motivações, desafios, estratégias de luta e resistência: o passado e o presente*

Então a gente tem uma, já cria uma cabeça, que se eu não fizer por onde, não vou chegar a lugar nenhum. (J4).

Às vezes eu chegava, voltava tarde. Eu cheguei já dormindo no ônibus e passar do ponto. (J7).

Segundo a autora Leccardi (2005, p. 49), a construção de um projeto de vida é também oportunidade de construção de si mesmo, de quem se quer ser no futuro. As transformações ocorrem tanto nos projetos quanto nas pessoas à medida em que essas escrevem sua própria biografia. “A continuidade biográfica torna-se, assim, fruto da capacidade individual de construir e reconstruir, sempre de novo, molduras de sentido, narrativas sempre novas, a despeito da moldura temporal presentificada”. Parte das ex-alunas expressou que se sentiu e se viu protagonista de seus projetos de vida desde quando ingressaram no Curso Pro-Técnico. Elas perceberam que o mundo é grande e que lhes cabia também. J1 enfatiza essa afirmativa:

[...] O mundo se mostrou muito maior pra mim, sabe? A minha perspectiva do que que era as coisas aumentou [...]. (J1).

[...] Tudo vai depender de você. Cê vai ser alguém na vida, vai depender de você. Cê vai ter uma base, tudo depende de você. (J5).

De acordo com a fala de J5, infere-se que a jovem reconhece que para escrever a sua própria biografia na vida será necessário vencer lutas e desafios para se conquistar os objetivos e sonhos. Além disso, é preciso correr atrás dos campos de oportunidade.

5.2.1.1 *No passado... O Pro-Técnico na vida das egressas... abertura de um campo de possibilidades?!*

Tem sentido se dizer que a experiência proveniente do passado é espacial, porque ela se aglomera para formar um todo em que muitos estratos de tempos anteriores estão simultaneamente presentes, sem que haja referência a um antes e um depois. (KOSELLECK, 2006, p. 311).

E é, ver o mundo maior foi muito importante pra mim e pro meu processo, sabe? De amadurecimento, é o que acredito. (J1).

A passagem pelo Curso Pro-Técnico representou um momento de muitas transformações na vida das egressas, proporcionando-lhes uma base importante de autoconfiança, disciplina e maturidade para o processo de construção de suas personalidades e projetos futuros. De acordo com Velho (1999), assim como os projetos são dinâmicos e mudam, as pessoas também podem se transformar ao longo do tempo e no contexto vivenciado. Na medida em que se define e o que se descobre o que se quer, torna-se mais claro o projeto. “Os atores individuais e coletivos são ao mesmo tempo produtos e produtores das relações sociais” (HIRATA; KERGOAT, 1994, p. 96).

Eu, tipo assim, quando eu comecei a fazer o Pro-Técnico, eu era uma pessoa com uma cabecinha de vento, né? [...] É normal né, na minha idade, antes. [...] Só que ao longo do Pro-Técnico né, ao longo do decorrer do curso eu realmente fui mudando isso. [...] então, o que eu mais fiz foi realmente foi pegar e agarrar e tentar estudar, era a coisa que eu ainda não fazia. (J3).

O Pro, ele me deu uma noção de independência muito grande que eu não tinha tido ainda [...]. Eu ganhei muita independência e confiança em mim, sabe? Tipo, saber que eu conseguia fazer bem mais do que eu tava acostumada a fazer nas outras escolas. (J6).

[...] Eu acho que mudou bastante na questão de maturidade e disciplina [...]. Maturidade, porque sempre no CEFET eles tratavam a gente como adultos [...]. Então, eu acho que me preparou bastante na questão de disciplina [...]. (J5).

Pelos relatos de algumas das jovens participantes, pode-se apreender que o curso contribuiu para o despertar de uma visão de mundo (*eidós*), uma nova reelaboração de si mesmas e de seus objetivos. O conceito de si mesmo, da sociedade ou a elaboração das coisas como elas são em sua simples realidade, caracteriza-se como visão de mundo, conforme pontua Geertz (2008). Assim, as participantes puderam ampliar seu campo de motivações e perspectivas a partir da entrada no Curso Pro-Técnico e no CEFET-MG com abertura para uma nova visão de mundo.

[...] Eu acho que mudou muito a minha visão de como o curso técnico poderia mudar a minha vida e poderia abrir portas na minha vida. É, eu tive uma visão mais ampla do meu futuro. [...] agora no CEFET eu tenho que valorizar ao máximo tudo que eu aprendo aqui, porque eu sei que eu posso usar isso pra construir a minha vida ali na frente. (J2).

[...] Então, maturidade e visão de futuro, a gente tem que, tem que saber que aquilo dali vai preparar a gente pra vida. (J4).

A partir das interpretações, interações e experiências socioculturais, os projetos são elaborados e construídos. Como não são um fenômeno puramente subjetivo, os projetos também devem ser formulados a partir de um campo de possibilidades para se tornarem factíveis, da ação de outros atores e das mudanças sócio-históricas (VELHO, 1981). Com efeito, a interação com outros atores e a vivência de novas experiências foram importantes para a reelaboração de novos projetos na vida de J1.

[...] E aí quando eu comecei a perceber que existem pessoas que não são iguais a mim necessariamente, que vivem coisas diferentes que eu vivo e que fazem coisas diferentes, acreditam em coisas diferentes, o mundo se mostrou muito maior. (J1).

A convivência com seus pares (jovens estudantes do Pro-Técnico) contribuiu para que as jovens egressas pudessem identificar um novo grupo de pertencimento. A partir da singularidade de cada uma delas (condição socioeconômica, gênero, papéis sociais) foi possível também reconstruir uma nova identidade geracional (DÁVILA LEÓN, 2005).

A sociedade desvaloriza o trabalho da mulher em relação ao do homem, estabelecendo-se normas sociais e naturalizando-as a partir de traços femininos ou masculinos (PISCITELLI, 2009). Entretanto, as ex-alunas do Pro-Técnico procuraram transgredir essa naturalização construída socialmente, ao se tornarem sujeitas ativas de suas vidas em busca de um curso que poderia lhes dar base para adentrar numa instituição de curso técnico (ou qualquer outra), na qual a maioria que a procura é do sexo masculino. Entenda-se aqui o conceito de transgressão como o apresentado por Kelly de Souza Resende (2019) com um sentido positivo de alterar a realidade que se lhe está posta, ou seja, colocando-se no lugar de fala, de forma ativa e não passiva.

Ao ser questionada se no Pro-Técnico as jovens mulheres também estavam em menor número, J3 afirmou que “tinha bastante meninos. Tipo, na minha sala se tinha, tinha o que, na época tinha quarenta alunos, trinta e oito, por aí. Era o que, dez era menina, o resto era menino”. Nessa mesma direção, segundo estudos de Lopes (2016), a escolha dos cursos de muitas das alunas entrevistadas do próprio CEFET–MG se deu em função de papéis sociais e desigualdades normatizados culturalmente, de que certos cursos são apropriados para homens e outros para mulheres.

Há uma dominação do sexo masculino sobre as mulheres nas relações sociais na qual a divisão do trabalho entre os sexos não é igualitária e reflete uma condição de opressão e exploração. Assim como o trabalho doméstico é imputado às mulheres em função do sexo, caracterizando-se relações de opressão, assim também no trabalho produtivo, as relações de exploração ocorrem sob a forma da precarização das condições do trabalho feminino se comparadas às mesmas condições do sexo masculino (HIRATA; KERGOAT, 2003).

Isto posto, as egressas entrevistadas, oriundas das classes trabalhadoras, ao se auto afirmarem contra a arbitrariedade do poder simbólico hegemônico procuraram romper uma construção social sexuada incorporada pelo capital como uma forma de poder simbólico de subversão (BOURDIEU, 1989). Nesse cenário, as participantes relataram que a questão financeira foi um dos motivadores de procura pelo Curso Pro-Técnico, uma vez que sua família não teria condições de arcar com um cursinho preparatório somado às despesas de transporte e alimentação que viriam juntas. A classe trabalhadora moderna constituída como parte central do mundo do trabalho é composta justamente e, mais frequentemente, por mulheres terceirizadas e com mão-de-obra precarizada, conforme pontuado por Antunes (2009).

Além disso, algumas jovens pontuaram que desde a época em que estudaram no Pro-Técnico do CEFET-MG tiveram que enfrentar desafios como pegar meios de transporte sozinhas que antes não faziam, ou por morarem longe, comer ou dormir no ônibus. Assim, J7 desabafa:

Tive que sair da bolha, de pegar ônibus sozinha, de pegar metrô sozinha. É, a questão também do cansaço, da rotina puxada. Igual, por eu morar um pouco longe, assim do lugar, eu tinha que comer no ônibus. Então, era muito, muito puxado mesmo. Às vezes eu chegava, voltava tarde. Eu cheguei já dormindo no ônibus e passar do ponto. (J7).

No entanto, dentre os desafios pontuados por várias entrevistadas, destacam-se a rotina pesada de estudos, o cansaço e como tiveram que aprender a se organizar, haja vista que a maioria delas era oriunda de escola com menor grau de dificuldade. Além disso, J6 relatou que se sentiu bastante pressionada e ansiosa por ter que administrar o pouco tempo que lhe sobrava e a saúde mental ficou bem abalada.

Eu acho que o Pro-Técnico a minha maior dificuldade foi saúde mental mesmo. Foi muito difícil é, regular a ansiedade, insegurança, e aí eu tava ficando, foi difícil de manejar o tempo que eu precisava ter pra mim, que eu

ficaria estudando, que eu não sabia se eu ia dar conta e então foi um ano bem assim, complexo pra saúde mental. (J6).

Apesar dos desafios na rotina das egressas - escola e cursinho Pro-Técnico - as motivações para prosseguirem em busca dos objetivos se tornaram muito maiores. Um horizonte de expectativas já se poderia avistar?...

5.2.1.2 No presente... o estudo, o trabalho doméstico, o trabalho produtivo...

Que eu vejo que tem vez que a gente surta. Tem vez que não dá e aí tem vez que tem metade da escola chorando lá. E aí um tem que ajudar o outro e acho que isso é o mais difícil. A gente ter que lidar com a escola. (J8).

Questionadas também sobre a importância dos estudos e do trabalho em suas vidas, a ex-alunas do Pro-Técnico destacaram unanimemente que o estudo é a base para alcançar melhores condições na vida e até mesmo um emprego melhor. Acreditam que estudo e trabalho são essenciais na vida e andam lado a lado. Com efeito, cabe destacar o papel fundamental do trabalho nas relações sociais (compreende-se também os estudos) para a materialização de sonhos e projetos de futuro.

Aqui em casa nós sempre fomos instruídos que o estudo é base pra tudo. Tudo que eu for fazer tem que ter estudo. Tem que estudar pra fazer qualquer coisa e o trabalho é a forma de você ter uma vida tranquila e saudável e eu acho que os dois caminham lado a lado. (J5).

E, eu acho que o estudo junto com o trabalho são coisas essenciais para a vida, para mim é muito importante todos os dois. Conseguir um emprego, um trabalho bom com base nos meus estudos [...]. (J1).

Baseando-se nos estudos de Georg Lukács (1980)¹⁸, é por meio do processo do trabalho que se estabelece uma inter-relação entre subjetividade e objetividade para satisfação das necessidades individuais e em sociedade. O trabalho tem um papel ontológico¹⁹ voltado para o processo de humanização do homem em seu sentido amplo (*apud* RICARDO ANTUNES, 2009).

¹⁸ LUKÁCS, Georg. **The ontology of social being**: labour. Londres: Merlin Press, 1980.

¹⁹ Lukács (1980, p. 3) *apud* Antunes (2009, p. 136-137), na categoria ontológica, a teleologia “é realizada no interior do ser material, como nascimento de uma nova objetividade”.

Por outro lado, Antunes (2009) completa que para Marx, no trabalho, a teleologia²⁰ é ontologicamente demonstrada como uma realidade material. Neste estudo, as duas teorias não se anulam e sim dialogam no sentido de enfatizar os projetos de vida das participantes que expressam subjetividade e objetividade (materialidade).

[...] Então, eu acho que até por isso que eu corri até atrás de uma educação de mais qualidade porque eu, pra mim quanto mais você estuda, eu acho que mais porta você vai ter. (J7).

As jovens egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG esperam encontrar ao longo da vida um campo de possibilidades por meio dos estudos e do trabalho. Várias delas pontuaram que sendo de origem de classe social baixa, somente é possível alcançar uma estabilidade na vida (crescimento profissional e pessoal) se dedicando aos estudos e conseguindo um bom trabalho. Consideram que a única saída para conquistarem algo na vida é por meio dessas duas possibilidades.

[...] Vim de família pobre é algo assim bem difícil porque, pelo menos a minha família sempre sofreu muita pressão com isso, tipo assim não uma pressão tipo a você vai ter que fazer isso, uma pressão boa, no sentido de tipo assim queremos que você tenha uma vida melhor que a nossa. E a base de tudo que eles, a minha família sempre me ensinou pra ter essa vida melhor é o estudo. (J8).

[...] Eu, principalmente que sou pobre, se eu não estudar, se eu não fizer pelo meu também, eu não vou conseguir um emprego mais pra frente, um emprego bom e que vá me fazer crescer. (J3).

Eu acho que o estudo é o melhor jeito da gente aproveitar as coisas mesmo, sabe? [...] E o trabalho é o jeito de colocar isso em prática e uma necessidade, né? Como as meninas falaram, é a única a saída, o estudo e o trabalho pra mim. (J6).

Com efeito, a divisão do trabalho entre os sexos na América Latina tem apontado para uma realidade em que as mulheres tem assumido cada vez mais as tarefas reprodutivas, conciliando-se o trabalho externo com as atividades domésticas. Além disso, o trabalho informal ou não assalariado tem se apresentado, naturalizado

²⁰ Segundo Antunes (2009), o trabalho é o resultado de um pôr teleológico – consciência do ser social, o que não acontece, por exemplo nos animais. O autor exemplifica com a distinção marxiana da abelha e do arquiteto. O arquiteto consegue dar forma ao objeto como desejar, o que não acontece com a abelha.

e identificado como um trabalho feminino, implicando assim uma forma de subordinação para as mulheres nas relações sociais (SOUZA-LOBO, 2011).

No caso das jovens estudantes, para dar conta das várias responsabilidades que precisam desempenhar, infere-se que essas vivenciam várias jornadas – triplas ou múltiplas nas quais conciliam as rotinas pesadas de estudos (horário integral na escola e deveres escolares) com os trabalhos domésticos e ainda a vida pessoal. As tarefas executadas por J4 são pontuadas em seu relato:

Porque igual, a gente estudava de manhã, depois ia pro Pro-Técnico e aí tinha que chegar em casa, tinha que fazer as obrigações de casa, porque eu chegava mais cedo do que os meus pais, do que minha irmã que trabalha fora também. Então, eu tinha que chegar em casa, arrumar cozinha, lavar terreiro, cuidar da cachorra. [...] Então, além de cuidar da casa eu tinha que reservar um tempo pra estudar, pra resolver os trens que tinha que entregar no outro dia. Era puxado em relação a isso sim, porque tinha que cuidar da casa. (J4).

Além disso, no caso de J3, além das tarefas reprodutivas, o cuidado com o irmão representava também uma obrigação a ser realizada antes ou depois da escola.

[...] Meus pais, eles trabalham fora, eles trabalham fixado e então eles sempre estão fora e eu tenho um irmão mais novo e então nessa época ele era mais novo ainda [...] e eu tive dificuldade sim porque eu olhava ele de manhazinha, arrumava, levava pra escola e foi bem corrido [...]. (J3).

Outrossim, algumas ex-alunas ainda encaixavam outras atividades em suas rotinas, realizando assim, triplas jornadas. Antes da pandemia, J7 chegava em casa mais cedo da escola (segunda, quarta e sexta-feira) e ia jogar vôlei. J4 ainda trabalha com a mãe na papelaria aos sábados (antes da pandemia somente) e no período da pandemia mais frequentemente. J8 faz bordados a mão por encomenda para vender e a partir de novembro de 2020 começou a jogar bola as terças e quintas-feiras.

Ao ser questionada por esta pesquisadora se exerce as atividades de artesanato para ajudar nas despesas da casa, J8 afirma que não contribui com o orçamento financeiro familiar, mas contribui para que não surjam mais despesas em casa. Ora, infere-se que para obter recursos financeiros e concretizar seus projetos de curto prazo, J8 utiliza as prendas domésticas de bordados. Prendas domésticas essas que eram atributos de mulheres, repassados de gerações anteriores de mães para filhas. Percebe-se, portanto, que cada uma das jovens procura à sua maneira

conciliar atividades extras tanto para dar conta do que a família espera delas quanto para não crescer os gastos financeiros.

A mulher trabalhadora, em geral, realiza sua atividade de trabalho duplamente, dentro e fora de casa [...]. E, ao fazê-lo, além da duplicidade do ato de trabalho, ela é duplamente explorada pelo capital. [...] Mas, no universo da vida privada, ela consome horas decisivas no trabalho doméstico, com o que possibilita (ao mesmo capital) a sua reprodução, nessa esfera do trabalho não diretamente mercantil, em que se criam as condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos/as e de si própria. Sem essa esfera da reprodução não diretamente mercantil, as condições de reprodução de sistema de metabolismo social do capital estariam bastante comprometidas, se não inviabilizadas. (ANTUNES, 2009, p.108).

Apesar de ter que conciliar o tempo entre o estudo e os afazeres domésticos, infere-se que J1 exerce múltiplas jornadas, pois precisa dividir o tempo ainda com as atividades do curso de extensão do CEFET-MG no qual é bolsista. Além disso, ainda reserva tempo para as aulas de dança e as atividades na igreja nas quais frequenta. Embora reconheça que se sinta muito sobrecarregada, relata que não pode parar de estudar no CEFET-MG, nem deixar de realizar as outras atividades. Ela reconhece ainda que o CEFET-MG lhe proporciona um bom estudo e é por meio do valor que recebe na bolsa de extensão que ajuda o pai a pagar o transporte escolar e manter as suas necessidades, como por exemplo, comprar algo para o cabelo ou um presente para um familiar. Quanto à dança, desabafa que é a única forma que a mantém equilibrada para aguentar realizar as demais atividades. Assim como a dança, J1 busca a fé como forma de lutar e resistir às dificuldades:

Se eu me sinto pressionada? Muito, muito, exausta, sugada. Nossa! Nossa! Muito, muito, muito! As vezes parece que eu vou falar assim: meu Deus, hoje é o último dia, eu não vou aguentar fazer mais nada, amanhã eu não vou levantar da cama. Só que aí eu falo: vamo sim, vamo levantar da cama, vamo que preciso disso. Tem que ter a fé, né? Pra ter aquela força. (J1).

Nesse sentido, percebe-se que J1 paga um preço bem alto ao se dedicar no presente aos estudos e ao mesmo tempo para garantir sua independência por meio do trabalho como bolsista de extensão. Aliado a tudo isso, as atividades domésticas também dividem o seu tempo. Entretanto, J1 (e as demais participantes da pesquisa) enfrenta desafios na medida em que resolve transgredir os estereótipos da mulher submissa ao lar e contraria a história vivenciada pelas mulheres do Idade Média. “Muito poucas ousaram transgredir os novos estereótipos que iriam ser a base da

nossa sociedade moderna, tal o medo que nelas deixava a caça às bruxas” (MURARO, 2002, p. 115). Como as mulheres ao longo da história que ousaram contrariar a realidade de submissão imposta a elas, as jovens mulheres entrevistadas também precisam vencer os obstáculos.

Por sua vez, é salutar a contribuição de Luciano Borges Muniz e Regina de Paula Medeiros Medeiros (2014) acerca do papel do emprego ou de ocupações mesmo de baixas remunerações na vida de jovens da classe de trabalhadores, inclusive muito cedo, pois além de necessários para a manutenção podem proporcionar-lhes um prestígio social em relação aos membros do mesmo grupo.

Percebe-se nos relatos das egressas um discurso recorrente acerca da pressão dos estudos e do desafio de se adaptarem para conseguir fazer todas as atividades escolares. A cobrança dos professores para entrega de trabalhos nos prazos impostos tem ocasionado desestabilidade emocional em vários alunos, conforme apontado por J8. Mesmo durante a pandemia a pressão ainda é muito acentuada, pois a maioria delas tem matérias do ensino médio e do ensino técnico, o que representa algo em torno de dezoito matérias.

Será que eu é que sou incapaz ou será que ele é que tá me pedindo demais? E aí a gente começa a ficar doida da cabeça. Mas assim, eu acho que essa é a, é a maior dificuldade conseguir fazer tudo que eles pedem e não ter muitos problemas psicológicos, porque acho que todo mundo acaba tendo algum momento de surto. Assim, por exemplo é o que eu vejo no COLTEC. [...] Tem vez que não dá e aí tem vez que tem metade da escola chorando lá (J8).

O ambiente acadêmico reproduz os discursos de segregação do labor feminino enraizada na sociedade, na medida em que alguns cursos são majoritariamente ocupados por alunos do sexo masculino e outros com maior concentração feminina. Os resultados da pesquisa empírica de Sabrina Fernandes Pereira Lopes (2016) com jovens mulheres da Educação Profissional e Tecnológica do CEFET-MG evidenciaram que essas alunas precisaram vencer desafios para se auto afirmar nos cursos tecnológicos considerados para homens.

Assim como relatado por J3 de que em sua sala no Curso Pro-Técnico do CEFET-MG havia maior concentração de jovens do sexo masculino, no ensino médio técnico do próprio CEFET-MG também não é diferente, conforme se percebe nos relatos de J5 e J4.

No meu curso eu faço eletroeletrônica, muito difícil, porque é um curso masculino, porque realmente, é, minha sala também tem 35 alunos e eu acho 06 ou 07 são mulheres e, realmente tem muito preconceito ainda, nós temos que vencer, sabe? (J5).

Minha área também, eu faço mecânica, na minha sala tem quarenta alunos, oito são mulheres (J4).

Contudo, a realidade sexista também ultrapassa os muros das instituições escolares. A repetição do discurso sexista pelo mercado de trabalho é pontuada por J1 e J2 que destacam que as empresas ofertam vagas para estagiários dos cursos de Eletrônica e Eletrotécnica e as disponibilizam aos alunos do sexo masculino. Elza Ferreira Santos (2012) evidenciara situação semelhante em seus estudos com alunas do Instituto Federal do Sergipe, em que os convites para estágio para as grandes empresas eram também voltados somente para os jovens rapazes. Corrobora-se com a afirmativa de Steil (1997) de que a educação vem atender aos desejos do mercado de trabalho com papéis sexuais.

De fato, a desvalorização do trabalho e da competência feminina ocorre muitas vezes em palavras, piadinhas ou expressões sutis, porém em muitas situações expressam uma violência simbólica de gênero, reafirmando-se como uma dominação masculina. Bourdieu (2002) pontua que nas estruturas sociais e nas relações produtivas e reprodutivas biológicas e sociais são concedidos aos homens uma supremacia em relação às mulheres, repetindo-se um discurso de poder, cujos *habitus* são moldados pelas construções do senso comum e nas relações de práticas sociais.

Nas sociedades complexas e heterogêneas as motivações que impulsionam os projetos podem estar envolvidas por conflitos e contradições entre os sujeitos (VELHO, 1999). Nesse sentido, J1 relata uma situação constrangedora de violência simbólica que vivenciou no CEFET-MG, na qual um dos professores lhe disse no último dia de aula (no primeiro ano do ensino médio e técnico) que se ela não havia sido aprovada é porque não merecia. Bastante indignada, a entrevistada desabafa que não lhe faltou comprometimento, pois frequentemente estudava até altas horas das madrugadas, pois sempre o ônibus de volta para casa apresentava problemas e chegava por volta das nove horas da noite. “Os meninos que passaram de ano, eles literalmente copiavam as minhas listas, eles copiavam as coisas que eu fazia e o professor disse que eu não merecia passar, isso foi bem desanimador, viu? Muito, muito, muito” (J1).

Nesse contexto, a violência simbólica pode se caracterizar na simples forma de falar ou agir do/a dominador/a (BOURDIEU, 2002). Como as vezes ela é imperceptível, pode ser que a vítima nem se dê conta de que se trata de uma violência simbólica, como é o caso de J1. Assim, a fala depreciativa por parte do docente demonstra que há uma relação conflituosa de poder, discriminatória e de superioridade de gênero.

Hirata (2003) enfatiza que a incompetência técnica das mulheres é uma construção social, assim como o gênero é uma construção socioeconômico-cultural do masculino e feminino. As atribuições das competências ligadas às características masculinas ou femininas como algo inato, portanto, também é uma construção simbólica do gênero hegemônico. Por conseguinte, as relações sociais de sexo e gênero que permeiam as relações de trabalho entre os sexos na esfera tecnológica também é uma cristalização das relações sociais (HIRATA, 2010).

Conflitos e tensões muitas vezes são gerados no campo científico, haja vista que os homens têm impedido a participação feminina e defendem suas velhas qualificações ou monopolizam as novas. A masculinidade da tecnologia é uma repetição de um produto social. A contínua exclusão das mulheres é reiterada na medida em que a cultura técnica expressa relações entre os homens (JUDY WAJCMAN, 2012).

Nessa mesma direção, Antunes (2009, p. 109) ainda complementa que a construção social sexuada ocorre desde a infância e a escola:

As relações entre gênero e classe nos permitem constatar que, no universo do mundo produtivo e reprodutivo, vivenciamos também a efetivação de uma construção social sexuada, onde os homens e as mulheres que trabalham são, desde a infância e a escola, diferentemente qualificados e capacitados para o ingresso no mercado de trabalho. E o capitalismo tem sabido apropriar-se desigualmente dessa divisão sexual do trabalho.

Para Lindamir Salete Casagrande e Ângela Maria Freire de Lima e Souza (2015), a prática social de construção de papéis para homens e para mulheres, bem como a concepção de que as mulheres não têm capacidade de cursar as áreas das engenharias, são reificadas também por alguns professores nos espaços acadêmicos. O discurso sexista reforça a segregação feminina sofrida pela jovem J1 ao ser questionada por esta pesquisadora sobre o que ela achava sobre os homens terem mais chances de subirem na carreira e se ela conhecia algum relato.

Nossa, já ouvi e como. Tem um professor meu que ele me disse que ele não me contrataria só porque eu sou menina. Eu, eu fiquei assim olhando pra cara dele sem entender. Mas, ele falou alto e em bom som: eu não te contrataria, porque você é uma menina. E assim, eu acho que os homens têm sim mais chances de subir em determinadas carreiras do que mulheres muito porque eles as vezes até recebem mais fazendo os mesmos trabalhos e então, quem dirá crescer dentro de uma empresa, dentro de uma profissão. (J1).

Outro desafio pontuado e recorrente nas falas das jovens diz respeito à demora no trajeto da escola para casa. Como muitas delas moram na região metropolitana de Belo Horizonte, elas relataram que após as aulas chegam tarde em casa e ainda precisam dar conta das entregas para o dia posterior. Assim como J7 relatara anteriormente, J1 e J8 passaram por esse mesmo problema.

[...] E também pra mim também é bem desgastante a parte de se locomover né, porque como eu moro em Betim e a escola é na Pampulha, é um caminho longo entre um e outro, então isso fica cansativo, é, e como a gente sai muito tarde da escola acabo chegando bem tarde em casa é, chegar em casa e ter que fazer mais coisa da escola, assim, é bem cansativo. (J8).

Eu virei noite e noite estudando, porque eu chegava em casa era nove horas. Meu ônibus tinha muitos problemas pra chegar. Eu, eu saía de casa as seis e chegava nove horas da noite. (J1).

Em vista disso, infere-se que apesar de concretos os percalços e obstáculos nas trajetórias científicas das jovens egressas, todavia esses podem passar despercebidos. Entretanto, cabe enfatizar que se por um lado, a segregação feminina ocorre de forma explícita e natural no mundo do trabalho, no ambiente escolar ocorre de forma ainda sutil e velada. A autora Santos (2012) contribui com seus estudos:

É impressionante como os preconceitos relacionados a gênero passam mais despercebidos na escola do que numa empresa, o que nos leva a crer que nesta a discriminação é mais explícita e, por sua vez, as mulheres estão mais amadurecidas para perceberem as artimanhas de exclusão; naquela, as discriminações de gênero também acontecem, porém, envoltas da dinâmica da sala de aula são sentidas mais sutilmente haja vista a possibilidade até de discutirem sobre isto, afinal, é o cartaz da empresa que diz “não há vagas para meninas”, a escola não age publicamente dessa forma. (SANTOS, 2012, p. 13).

Apesar das dificuldades apontadas pelas entrevistadas, a maioria delas nunca pensou em parar de estudar. Reconhecem a importância dos estudos para materialização dos seus projetos de futuro e dos sonhos que já começam a elaborar.

No entanto, J1 se viu bastante desestimulada em prosseguir com os estudos, por conta da reprovação em uma disciplina na qual teve que cursar todas as matérias novamente e por ouvir as palavras injustas ditas pelo docente.

Sob outra perspectiva, infere-se que apesar das dificuldades as jovens não se vitimizam. Pelo contrário. As participantes da pesquisa procuram vencer os desafios, enfrentando-os e criando formas de superá-los. Mesmo com as dificuldades apresentadas ao longo da trajetória as egressas têm seguido seus caminhos e se mantêm firmes.

Quanto ao trabalho reprodutivo, de acordo com as jovens entrevistadas, os pais também participam na realização dos afazeres domésticos, no entanto, percebe-se que tais tarefas quando não são responsabilidade delas, são divididas entre elas e suas mães ou irmãs. Nos fins de semana – antes da pandemia, o homem da casa (o pai) ficava com o trabalho externo (varanda, jardim ou quintal) ou revezava com a mãe na cozinha (ocorre em um dos lares das egressas). Pelos relatos, infere-se que a responsabilidade do cuidado da casa é principalmente da mãe e é transferida também para as mulheres da nova geração.

Eu revezo com a minha irmã. Aí segunda, sexta e sábado são meus dias. Na terça, quarta e quinta são os dias dela e no domingo é todo mundo aqui de casa. A gente se ajuda no domingo, todo mundo junto. Um arruma a cozinha da janta, outro faz o almoço, outro varre a casa, outro limpa o quintal. (J1).

Dia de semana meus pais trabalham, minha mãe trabalha de um dia sim dia não, né, doze por trinta e seis. Aí, sempre quando ela tipo, vamos supor ela, segunda, quarta e sexta a gente sempre se ajuda, entendeu? Uma sempre faz alguma coisa, outra faz outra. E aí sábado, sexta-feira a gente é, arruma tudo bonitinho e a gente divide entre as duas. (J3).

Não, aqui em casa, como a gente mora em área rural, ele geralmente, ele cuida do exterior. Então, aqui em casa tem muita grama, ele corta a grama. Ele lava as varandas. É, capina aqui, então essa parte do exterior é mais com ele. Mas, aqui dentro ele também ajuda assim dentro, mas não é tão frequente. (J7).

Embora as jovens egressas afirmem que os pais também exerçam as atividades domésticas e mesmo que essas não percebam, a responsabilidade das tarefas e o cuidado do lar ainda são imputados às mulheres da casa. A mãe da participante J8, por exemplo, no período da pandemia tem trabalhado em *home office* e o pai trabalha às vezes. Para Ana Heloísa da Costa Lemos, Alane de Oliveira Barbosa e Priscila Pinheiro Monzato (2020), o conflito trabalho-família se acentuou

mais durante a pandemia, uma vez que muitas mulheres casadas passaram a desempenhar sozinhas as tarefas do trabalho e do cuidado da casa e dos filhos, mesmo com os maridos em casa. Em outros casos, os parceiros até as executam, mas a divisão não é equilibrada.

Mas aqui em casa isso sempre foi uma coisa normal, sempre toda a vida meu pai limpou a casa, fez comida, cuidou de mim e da minha irmã e metade do tempo e a outra metade a minha mãe, sempre foi normal [...] A gente se ajuda no domingo, todo mundo junto. Um arruma a cozinha da janta, outro faz o almoço, outro varre a casa, outro limpa o quintal. (J1).

Ao ser questionada se o pai também desempenha as tarefas domésticas, a egressa J1 responde:

Um domingo basicamente tipo duas vezes no mês ele faz o almoço e duas vezes no mês minha mãe faz o almoço no domingo. (J1).

Cabe ressaltar que, apesar do termo *ajuda* ter sido usado nos roteiros temáticos das rodas de conversa e das entrevistas semiestruturadas como uma expressão de mais fácil entendimento para as jovens e, apesar delas o utilizarem nas respostas, neste estudo o referido termo não é utilizado porque o trabalho doméstico não é uma obrigatoriedade da mulher e sim imposição das sociedades. A expressão *ajuda*, portanto, é substituída pelas palavras: *desempenha*, *exerce*, *participa* e *divide*.

Para Beauvoir (1970), além de cuidar da casa e das pessoas do lar, a mulher dá sentido à vida. Seu papel vai muito mais além do que apenas realizar as tarefas domésticas, mas é dar vida à família e às relações sociais:

No mundo humano, a mulher transpõe as funções de fêmea animal: ela alimenta a vida, reina sobre as regiões da imanência; o calor e a intimidade da matriz, ela os transporta para o lar; ela é quem guarda e anima a casa em que se deteve o passado, em que se prefigura o futuro; ela engendra a geração futura e alimenta os filhos já nascidos; graças a ela, a existência, que o homem depende pelo mundo no trabalho e na ação, concentra-se retornando à sua imanência: quando à noite êle volta para casa, eí-lo ancorado à terra; pela mulher, a continuidade dos dias é assegurada; quaisquer que sejam os acasos que enfrente no mundo exterior, ela garante a repetição das refeições, do sono; ela conserta tudo o que a atividade destrói ou desgasta: ela prepara os alimentos do trabalhador cansado, dele trata se está doente, cerze, lava. (BEAUVOIR, 1970, p. 220-221).

De acordo com as falas de J1, é comum a participação do pai nas tarefas domésticas, mas em outro momento evidencia que como só o pai às vezes fica em

casa, a mãe dela deixa o almoço pronto na noite anterior e ele o esquenta. Infere-se, portanto, que a tarefa de cozinhar no dia-a-dia é atribuída a mãe de J1, o que não se poderia considerar como um modelo de parceria citado por Hirata (2010). Segundo os modos de conciliação da vida familiar e da vida profissional propostos pela autora, no modelo de parceria, as tarefas domésticas e o cuidado com a família são divididos igualmente entre homens e mulheres.

Todavia, diante do relato da participante da pesquisa J1, depreende-se que a nova geração de mulheres procura conciliar as tarefas familiares com as do trabalho produtivo (estudos), realizando-as numa jornada flexível. Assim, a distribuição doméstica solidária ocorre entre as jovens mulheres da mesma casa, na medida em que alternam entre elas os dias escalonados para realização dos afazeres domésticos, priorizando assim, as atividades e os compromissos escolares.

Eu revezo com a minha irmã. Aí segunda, sexta e sábado são meus dias. Na terça, quarta e quinta são os dias dela e no domingo é todo mundo aqui de casa. [...] Fora a pandemia no final de semana eu cuido da casa, aí a gente divide mais. No final de semana sempre tem mais coisa pra gente fazer, pra mim e pra minha irmã. Então, não é uma divisão, assim sistemática. É uma coisa mais, como cê tá hoje? Que que cê precisa fazer? Aí a gente colabora uma com a outra nesse sentido (J1).

Por sua vez, percebe-se um empoderamento nos discursos das ex-alunas do Pro-Técnico no sentido de 'correr atrás do que é delas'. Apesar dos desafios enfrentados, elas se mantêm firmes e persistentes em seus objetivos. Nos projetos de futuro, também estão presentes as marcas de uma identidade de luta, superação e enfrentamento às formas de opressão, exploração e discriminação.

5.2.2 E o futuro?! Projetos de vida, de planos acadêmico-profissionais e de retribuição do conhecimento

Este pequeno espaço intemporal no âmago mesmo do tempo, ao contrário do mundo e da cultura em que nascemos, não pode ser herdado e recebido do passado, mas apenas indicado; cada nova geração, e na verdade cada novo ser humano, inserindo-se entre um passado infinito e um futuro infinito, deve descobri-lo e, laboriosamente, pavimentá-lo de novo. (ARENDR, 1972, p. 40).

Os projetos de vida narrados pelas jovens egressas rumam em direção a um horizonte ainda incerto, em busca de novos espaços de experiências. Observa-se nas expectativas de futuro das ex-alunas, que a linha do horizonte que desejam seguir é

marcada por um discurso de enfrentamento de desafios e incertezas, mas ao mesmo tempo de empoderamento. Acreditam que pode haver construção e desconstrução de projetos e que neles podem ocorrer erros e acertos. Koselleck (2006, p. 311) corrobora que “as expectativas podem ser revistas, as experiências feitas são recolhidas. Das experiências se pode esperar hoje que elas se repitam e sejam confirmadas no futuro”.

A maioria das jovens entrevistadas reconhece que para se alcançar os objetivos projetados para o futuro será necessário muito empreendimento e há um longo caminho a ser percorrido (que não será fácil) por meio do trabalho e dos estudos. Ao longo do caminho, tropeços e desafios precisarão ser vencidos. Apesar de incipientes, os projetos de vida rumam numa mesma direção – continuar os estudos após o término do ensino médio (e técnico para algumas delas) e cursar a faculdade. A participante da pesquisa J2, por exemplo, relata que gosta muito de estudar e planeja chegar até ao pós-doutorado. Afirma que o estudo contribui muito para uma melhoria contínua e para se chegar à satisfação da profissão escolhida.

Aliás, J2 expressa uma característica das juventudes da atualidade que demarca a sua identidade juvenil. A identidade juvenil é constituída por meio de práticas, representações, símbolos e rituais que abarcam o mundo da cultura, segundo estudos de Dayrell (2007). Nesse sentido, a música e a dança também estão presentes nos projetos de futuro de J2, quando enfatiza: “eu amo estudar música, eu amo estudar dança e eu amo estudar, qualquer coisa”.

Na trajetória de vida desses jovens, a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade. A música, a dança, o vídeo, o corpo e seu visual, dentre outras formas de expressão, têm sido os mediadores que articulam jovens que se agregam para *trocar idéias*, para ouvir um “som”, dançar, dentre outras diferentes formas de lazer. Mas, também, tem se ampliado o número daqueles que se colocam como produtores culturais e não apenas fruidores, agrupando-se para produzir músicas, vídeos, danças, ou mesmo programas em rádios comunitárias. (DAYRELL, 2007, p. 1.109).

Infere-se, pois, que a identidade juvenil das jovens entrevistadas ainda está em fase de construção. Somados às experiências vividas no Pro-Técnico, seus pensamentos e desejos vão se elaborando e (re) elaborando, à medida que se veem reconhecidas nos outros e que identificam suas características próprias, conforme pontua Dávila León (2005). Segundo o autor, as práticas sociais (materiais e simbólicas) e convívios familiares influenciam na construção da identidade juvenil.

Assim, passado e presente são fases temporais que trazem marcas e significados nos projetos de vida e de tomadas de decisões futuras das entrevistadas.

Reis e Dayrell (2018) completam que as experiências singulares e coletivas e a construção da identidade são produtos das práticas e reflexividades individuais. Em outras palavras, as práticas individuais e coletivas e a elaboração da imagem de si diante do mundo histórico e social se constituem como experiências que dão sentido à vida. As experiências (ou maturidade como as entrevistadas se referem) vivenciadas pelas jovens desde a entrada no Pro-Técnico, a construção e autoafirmação de cada identidade juvenil e as certezas de conquistarem os objetivos por meio do estudo/trabalho são estruturantes de um processo em construção de projetos futuros.

Algumas entrevistadas consideram que as conquistas e oportunidades no futuro não virão tão facilmente principalmente por serem mulheres e, muitas delas são bem pessimistas quanto a isso. Elas acreditam que seja necessário romper muitos preconceitos para se conseguir alguma vaga no mercado de trabalho. Segundo Roberto Gonzalez (2009), as desigualdades de gênero e de renda da população brasileira são reproduzidas também pelas restrições de emprego nos quais os jovens se constituem como um grupo etário mais desfavorecido. As políticas de emprego para a população jovem refletem uma herança de desigualdades sociais presente e pretérita.

Então assim, eu acho que eu vou ter muita dificuldade pra tanto achar um estágio quanto pra entrar no mercado de trabalho, por ser uma mulher e ter um cargo, ter né, uma profissão assim, que ela é meio que estereotipada, vamos dizer assim, que é só pra homem, sabe? Então, eu acho que a gente vai ter muita dificuldade pra entrar no mercado de trabalho e romper esses preconceitos. (J2).

É, eu acredito que no mercado de trabalho eu vou encontrar muitos desafios até porque pra encontrar o meu emprego dos sonhos, tudo que é [...] tem que ter um preço, né? E realmente, essa questão de ser mulher importa muito. [...] Porque ainda tá muito impregnado na cabeça das pessoas essa ideia que nós somos sexo frágil, mas na verdade nós somos muito fortes e é por isso nós temos que continuar lutando pra acabar com isso né? no mundo. (J5).

Pensar no mercado de trabalho me assusta porque é um meio extremamente concorrido, né? É, cê tem que ter, seu currículo tem que tar top pra você ter um trabalho é, que você consiga sustentar a sua família. [...] Então, assim, ser mulher assusta muito mais em tudo. A gente tem que ter uma cabeça, um psicológico muito bom. [...] Mas eu evito por pensar que a população tem muito disso por ser mulher, por ser muito concorrido. (J4).

As egressas estão cientes dos desafios que terão que enfrentar no futuro simplesmente pelo fato de serem mulheres. Não são ingênuas e percebem que as

barreiras sociais para as jovens mulheres são muito maiores do que para os jovens homens, conforme se abstrai nos relatos de J2, J5 e J4. Os obstáculos enfrentados pelas mulheres ao longo de sua trajetória profissional ou da escolha da área de atuação são conceituados por Lima, B. (2013) como um Labirinto de Cristal. Labirinto, pela diversidade de dificuldades e cristal por ser duro e transparente. Muitas mulheres não percebem que tais dificuldades ocorrem em função das relações sociais antagônicas entre os gêneros.

Ter que mudar o jeito de ser para se adequar aos padrões taxados pela sociedade é o que a participante J6 imagina que possa acontecer se o mercado de trabalho assim o exigir. A entrevistada teme que tenha que modificar seu jeito de ser (e que talvez não queira) para não ser chamada de emotiva ou frágil. Como uma forma de resistir, muitas mulheres precisam se adaptar ao meio e assumir estereótipos masculinos ou diferentes dos quais desejam para enfrentar as dificuldades. Assim, modificam o jeito de se comportarem ou de se vestirem, o que Bruna de Oliveira Gonçalves (2019) caracteriza “auto violência”. Maria Rosa Lombardi (2005) acrescenta sobre a necessidade de neutralização dos corpos femininos no meio científico como estratégias de adaptação e defensiva num ambiente majoritariamente masculino.

Eu acho que o mercado de trabalho vai ser uma coisa bem desafiadora, assim, e vai exigir que eu me transforme, talvez até de um jeito que eu, que eu não queria, assim, de talvez ter que colocar ali uma cara de uma pessoa mais confiante, de uma pessoa é, que se encaixe melhor nos padrões dessas coisas pra não ser taxada talvez tipo como uma emotiva ou como frágil. E aí, eu acho que vai precisar de uma dedicação muito grande pra conseguir se encaixar nisso enquanto as coisas não melhoram pra isso (J6).

Em outros termos, Souza-Lobo (2011, p. 173) acrescenta que “as práticas sociais, familiares, culturais e de trabalho das mulheres são simultaneamente aproveitadas nas relações de trabalho”. Essas práticas são reformuladas pelas mulheres como estratégias de resistência ou sobrevivência nas situações vivenciadas de dominação e subordinação. Nesse viés, J7 vê o curso superior e outros cursos complementares como um diferencial no mundo do trabalho e de enfrentamento aos obstáculos que possam vir.

Eu acredito que atualmente o mercado de trabalho independente da área tá bem difícil. Então, quando eu penso em mercado de trabalho eu penso um pouco antes também, num diferencial. Então, eu acho que fazer faculdade é

um diferencial, fazer um mestrado é um diferencial, pós-graduação, fazer algum curso de Excel ou alguma coisa assim. (J7).

Para algumas ex-alunas do Pro-Técnico, é um pouco difícil pensar em projeto de futuro associado às expectativas do mundo do trabalho, pois afirmam terem um longo caminho ainda a seguir na vida acadêmica. Esse pensamento é corroborado pelas afirmativas de Seoane, Rapoport e León (2011) que pontuam que os jovens no presente são cobrados pela sociedade a tomar decisões em relação ao seu projeto de vida, por vezes complexas. O futuro dos jovens é hipotecado pelos adultos (CHAVES, 2005). “Bom, é, eu sou muito confusa com isso ainda. É, acho que cê ter 18, 19 anos e ter que pensar pro resto da vida é muito forte, mas a gente tem algumas coisas que a gente gosta, né?” (J8).

Outras como J7 se sentem inseguras em relação à escolha profissional e, têm receio de não serem aceitas pelo fato de ser mulher e, de ser mulher negra. A expectativa de J1 também é pessimista quando pensa sobre esse assunto, pois acredita que por ser “menina periférica, menina e negra” as dificuldades vão surgir. Entretanto, J1 tenta acreditar que mesmo que elas surjam, vai conseguir vencê-las. A interpretação da imagem construída pelas entrevistadas: jovens mulheres, negras e periféricas se configura como uma elaboração de si mesmas e de suas experiências singulares na pluralidade de espaços nos quais habitam (REIS; DAYRELL, 2018).

Ademais, a raça/etnia, o gênero e a classe social participam do processo de construção do sujeito. Há espaço nas relações sociais para igualdades e diferenças. “O gênero comporta diferenças de raça/etnia, assim como de classes sociais. A recíproca também é verdadeira: tanto as classes sociais quanto as categorias de raça/etnia comportam diferenças de gênero” (HELEIETH I. B. SAFFIOTI, 1995, p. 163).

[...] Os jovens sentem-se discriminados por várias razões: por serem jovens, pelo fato de morarem em bairros da periferia ou favelas, pela sua aparência física, pela maneira como se vestem, pelas dificuldades de encontrar trabalho, pela condição racial e até pela impossibilidade de se inscreverem nas escolas de outros bairros. (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p. 157).

Sob outro ponto de vista, em sua obra *O Poder do Macho*, Saffioti (1987) manifesta que o processo de construção de solidariedade é muito incipiente nas classes trabalhadoras. Há um interesse de ordem econômica das camadas privilegiadas (patrões) que existam categorias sociais discriminadas para que essas se sujeitem às más condições trabalhistas e aos baixos salários. Quanto mais se

perpetua a ideologia machista que legitima a dominação masculina sobre a mulher, mais enfraquecida se torna a luta das classes trabalhadoras – trabalhadores e trabalhadoras. Além do mais, como todo trabalhador tem um vínculo com alguma mulher no seio da família (parenta consanguínea ou afim), ele também é afetado quando essa percebe remuneração inferior ao homem simplesmente por ser mulher.

A escolha da profissão não é algo que está totalmente certo para algumas das entrevistadas. J8 é uma das que ainda não se decidiu, pois no momento pensa em várias opções de curso. Essa também é a mesma opinião de J4: “Então, espero muito ter uma cabeça formada até lá. Esse é o meu primeiro projeto, porque eu acho que não dá pra gente criar várias expectativas se a gente não sabe ao certo o que a gente quer, né?”. A identidade juvenil vai sendo construída na medida em que os projetos vão se materializando, mas não se trata de uma construção para a vida toda (GROPPO, 2017). Além delas, as entrevistadas J2, J5 e J6 também não apontaram o curso superior pretendido, pois ainda não têm suas escolhas definidas.

Tomar uma decisão tão importante na vida, que é a escolha da profissão, além de tempo precisa de maturidade, conforme relata J3. Ela não se decidiu ainda por algum curso, mas tem um gosto por Astronomia e segundo suas pesquisas já realizadas, não há faculdade no Brasil que ofereça tal curso. Como pretende fazer um cursinho primeiro, entende que no decorrer desse terá a maturidade suficiente para se decidir. Além disso, J3 complementa que para pagar o cursinho terá que “arrumar alguma coisinha” (trabalhar) para evitar que mais um item seja acrescentado à lista de despesas dos pais.

Nesse sentido, ratificando as conclusões de Velho (1999), à medida que os projetos individuais de J3 (e das demais egressas) interagirem com outros, as trajetórias vão ganhando consistência e novos projetos de vida vão se delineando em busca do campo de possibilidades. A singularidade individual de cada jovem entrevistada vai sendo metamorfoseada pelas influências familiares e pelas relações e práticas sociais (DÁVILA LEÓN, 2005). “O “mundo” dos projetos é essencialmente dinâmico, na medida em que os atores têm uma biografia, isto é, vivem no tempo e na sociedade, ou seja, sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas” (VELHO, 1981, p. 27).

Segundo Muniz e Medeiros (2014) uma das razões nas quais os jovens desejam obter um emprego, diz respeito à possibilidade de ampliar sua autonomia diante da família e da sociedade. As razões enfatizadas pelas ex-alunas entrevistadas

também perpassam por esses caminhos, pois essas apontam que para cursar uma faculdade seria necessário trabalhar, haja vista as condições financeiras de suas famílias. Além de não desejarem causar mais despesas aos seus pais, o trabalho lhes proporcionaria autonomia e condições de arcar com seus gastos pessoais.

Entretanto, algumas escolhas de cursos do ensino superior, pontuadas pelas ex-alunas, são voltadas para as profissões ou ocupações com uma maior concentração da mão-de-obra feminina - feminilizadas, outras, porém, vinculadas às práticas sociais e simbólicas – feminizadas, conforme estudos de Silvia Cristina Yannoulas (2013). De acordo com a autora, a feminização tenta explicar as razões da entrada de mulheres no campo profissional ou ocupação e os impactos de tal entrada.

Nesse contexto, J1 sonha muito em ser professora de Literatura e pretende fazer Letras, mestrado e posteriormente até um doutorado. Pretende ainda fazer um intercâmbio fora do país. A entrevistada J8 também pensa em ser professora de Química Orgânica, mas está indecisa entre esse curso ou Arquitetura. O mesmo sonho de cursar Arquitetura passa pela cabeça de J7, que pensa em expandir as opções também para Biomedicina ou Química e, tem vontade de fazer intercâmbio, pós-graduação e estágio fora do Brasil.

Em concordância com os estudos de Morgade (1992;1997)²¹, do ponto de vista simbólico e político, dentre as profissões que se feminizaram, a docência recebeu um papel importante de reproduzir uma nova identidade nacional e de representação simbólica das mulheres (*apud* YANNOULAS, 2011). Ressalta-se que a profissão docente também é feminilizada pois abarca uma grande concentração de mulheres exercendo a atividade de magistério.

O corpo docente, como todo grupo social, possui uma dupla existência: de um lado, a existência material objetiva, que pode ser quantificada segundo uma série de propriedades (sexo, idade, origem social); de outro, uma existência simbólica, como representação cultural ou matriz de significado. Essa dupla existência do magistério, *material* e *simbólica*, tem consequências em relação ao sexo (biológico) e ao gênero (social): sua existência material objetiva quanto ao número de mulheres discentes nas escolas normais e docentes nas escolas fundamentais, bem como as representações em torno do magistério, que prescrevem o “dever ser” do docente em uma forma genericamente discursiva, mais próxima daquela identidade feminina mencionada. (YANNOULAS, 2011, p. 280-281).

²¹ MORGADE, Graciela. **El determinante de género em el trabajo docente de la escuela primaria**. Buenos Aires: Miño y Dávila y Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación, UBA, 1992.

MORGADE, Graciela (Comp.). **Mujeres en la Educación: género y docencia en la Argentina. 1870-1930**. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Educación/Miño y Dávila, 1997.

Ainda segundo Yannoulas (2011), a quantidade em massa de profissionais mulheres em determinados setores e atividades do mercado de trabalho pode trazer como consequência o desprestígio social, diminuição na remuneração e precarização nas condições de trabalho. Tem-se percebido que nas profissões feminilizadas ocorre uma extensão da função do cuidado (espaço reprodutivo) no ambiente público.

Assim como o trabalho docente, a profissão de Arquitetura é considerada feminilizada, pois concentra uma mão-de-obra majoritariamente feminina. Segundo o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais – CAU/MG (2021), o percentual das profissionais nessa área representa mais de 60% dos profissionais e no Estado de Minas Gerais está em torno de 67%, ficando acima da média nacional.

Embora as ex-alunas J1 e J4 cursarem o ensino médio e técnico no CEFET-MG, suas escolhas dos cursos para o ensino superior - Letras e Veterinária respectivamente - seguem uma linha diferente da área profissional e tecnológica. Mas, como enfatizou Pierre Bourdieu, as escolhas ou aspirações individuais “são antes produtos da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulos de uma conjuntura” (SETTON, 2002, p. 64).

A escolha do curso técnico de J1 foi incentivada pelo pai principalmente, pois aquele já trabalhou numa empresa elétrica. No entanto, para o curso superior, a egressa está certa de que Letras é a sua paixão. Em outros termos, em sua nova etapa, as influências na escolha de sua profissão derivam dos estímulos da conjuntura das práticas simbólicas do papel da mulher na sociedade - *habitus*, (reproduzindo o cuidado com o outro e o papel de ensinar) e de uma paixão pela Literatura.

[...] O meu sonho e o sonho do meu pai, muito mais por sonho do meu pai era ser engenheira elétrica e o sonho da minha mãe era que eu mexesse com direito, porque ela fala que eu levo muito jeito pra poder defender as coisas e as pessoas que eu gosto, e que eu fico defendendo os outros e ela fala que eu levo jeito pra isso, que isso que é a minha cara. Só que Literatura é a minha paixão (J1).

O caso de J8 também é semelhante, pois de certa forma houve uma influência do pai em sua escolha do curso técnico, haja vista que aquele fez um curso no CEFET-MG e sonhava que a filha estudasse também. Entretanto, para o curso superior, a entrevistada relata que o seu desejo maior é de cursar a Arquitetura e continuar na mesma linha do curso técnico não é a sua primeira opção.

Meu pai fez curso técnico no CEFET e ele sempre teve que meio esse sonho pra eu conseguir entrar e ter um ensino melhor. [...] Ele queria que eu entrasse no CEFET, COLTEC, todas essas escolas assim que tem técnico junto com o médio. [...] É, assim, eu acho que os dois são na verdade uma opção pra minha vida, porque se eu gostar do meu trabalho técnico em química talvez eu possa me aprofundar nisso. Isso depende muito como vai ser minha experiência profissional, porque eu acredito que a minha experiência acadêmica né, assim, não vai ser a mesma coisa de eu, da minha carreira profissional, então, o resultado do meu trabalho como técnico em química eu seguiria nessa área. É, eu acho que o principal foco é arquitetura mesmo. (J8).

Evidenciou-se na pesquisa empírica que os planos de casamento e de maternidade não estão presentes em primeiro plano na vida das jovens. Somente duas delas pontuaram que não descartariam as possibilidades de constituição de família no futuro, mas não a vislumbram imediatamente. Estão certas de suas escolhas atuais que giram em torno de continuar os estudos e trabalhar. O horizonte de expectativas, traçado pela maioria das jovens da pesquisa que aspira a uma carreira profissional sólida, corrobora com o entendimento de Pais (2000) sobre as adaptações nas relações escola, família e casamento aos novos modelos de vida. O autor pontua que os jovens da atualidade têm buscado cada vez mais uma formação escolar e profissional nos seus projetos futuros.

Ah, eu sempre falo que eu quero ser estável em todas as áreas da minha vida, sabe? Não é ter muito, mas ter alguma coisa que dá pra eu viver bem e feliz. É, eu quero sim fazer uma faculdade, passar num vestibular. É, trabalhar, ter um emprego bom. Futuramente, casar, ter filho, formar uma família, e eu gosto muito, eu amo de paixão viajar e eu queria conhecer o máximo de lugares possíveis desse mundo. (J5).

[...] E se tiver uma área na minha vida, que eu possa agregar alguma coisa eu vou procurar; na questão amorosa, se eu tiver oportunidade de casar, um dia eu vou casar; se eu tiver uma oportunidade de fazer uma família, eu vou fazer. (J2).

Apesar de ocupar cada vez mais o espaço produtivo, a mulher ainda é a depositária do amor, do cuidado e do afeto (MURARO, 2002). Diferentemente da mulher virtuosa da Idade Média que ficava reduzida apenas à procriação e ao cuidado da casa e dos filhos, as entrevistadas se preparam para assumir a diante o espaço público como uma prioridade a ser alcançada. Porém, para J5 e J2, a mulher pode estar onde quiser, tanto na esfera privada quanto na pública, mas como protagonistas da própria história.

No contexto da relação juventudes – escola, a partir de elaborações e reelaborações de seus projetos, vários jovens passam a se questionar sobre o verdadeiro papel e os velhos modelos da escola que realmente possam contribuir para a sociabilização das juventudes (REIS, DAYRELL, 2018; DAYRELL, 2007). Ao mesmo tempo como uma atitude crítica ao processo de educação vigente, após reflexões de como a educação pode ser uma ferramenta transformadora, J1 pretende ser professora de Literatura e entende que ela pode ser um agente importante no processo de transformação da educação.

Assim, sabe? Eu acho, eu fico criticando a educação, a forma como os professores fazem e se isso não vá partir de ninguém, que parta de mim. Entendeu? E é isso que eu penso em fazer da educação, igual eu tava falando, uma ferramenta transformadora. A partir de mim. E aí eu amo Letras, eu amo Literatura. Então é isso que eu vou fazer depois que eu terminar. É isso que eu pretendo, fazer Letras, Mestrado, Doutorado, se Deus quiser. (J1).

Destarte, J1 pretende ser professora pensando na responsabilidade que tem de retribuir à sociedade os conhecimentos adquiridos na trajetória estudantil. A escolha dessa profissão reflete não só o papel da mulher nas práticas sociais, mas também com um olhar crítico e responsável para com a sociedade. De acordo Marcondes e Yannoulas (2012) o cuidado numa dimensão objetiva (necessidades naturais e sociais) e subjetiva (afetos e emoções) implica uma relação de interdependência do cuidador e daquele que é cuidado, como uma prática social essencial à vida humana.

Nessa mesma linha, J6 também pensa em retribuir à sociedade os conhecimentos obtidos em sua vida acadêmica, haja vista que estudou a vida inteira em escola pública. A egressa pensa em realizar um estágio no futuro no sistema público ou participar de algum projeto voluntário, apesar de já fazer parte de alguns projetos voluntários na atualidade.

Acho que, eu não tenho muitos planos assim de amor ou família, mas eu queria muito poder usar tudo o que eu aprendi hoje pra devolver alguma coisa pra sociedade, porque estudei em escola pública a vida inteira, fiz o Pro-Técnico também, foi de graça e aí tiveram pessoas que não tiveram essa mesma oportunidade e aí eu queria pelo menos usar essa sorte que eu tive pra poder retribuir pra sociedade. Então, tentar sei lá, arrumar um estágio com alguma coisa do sistema público ou projeto voluntário porque eu já faço parte de alguns. (J6).

Ao se colocarem à disposição do outro (e da sociedade) por meio do trabalho, J1 e J6 mantêm uma relação de prática social numa “interação face a face entre quem cuida e quem é cuidado”. A sociedade associa a prática da prestação dos serviços sejam eles públicos ou privados com o cuidado familiar. Dito de outra forma, para se atender as necessidades objetivas do bom cuidado são desejáveis características subjetivas, como por exemplo, é desejável que a professora da educação infantil tenha afeto aos/as seus/uas alunos/as (MARCONDES; YANNOULAS, 2012, p. 175).

Contudo, visto sob outro panorama, além de preparar alunos/as para atender as exigências capitalistas, a escola contribui para que esses/as construam suas identidades e desenvolvam pensamentos críticos e reflexivos. Cabe justamente destacar aqui um dos objetivos da Educação Tecnológica acerca do aprendizado e da reflexão de suas aplicações para o desenvolvimento da cidadania e de uma sociedade melhor e mais justa (MARINA NUNES DURÃES, 2009).

Assim, corroborando com os entendimentos de Durães (2009), a partir da oportunidade de acesso a um maior campo de possibilidades e de realização de escolhas, alunos/as podem construir novos saberes e transformações de si e da sociedade, como planejam as entrevistadas J1, J6 e as demais egressas.

Nessa perspectiva, a importância do trabalho para a realização dos projetos de vida das egressas do Curso Pro-Técnico corrobora com a afirmativa de que “o trabalho *faz* juventudes” (SPOSITO, 2005). No entanto, se a experiência escolar pouco contribuiu para a construção da condição juvenil de outras juventudes, contrapõe-se à ideia de que “a escola não *faz* juventudes” (DAYRELL, 2007). Segundo as narrativas das egressas do referido curso, infere-se, que “a escola *faz* juventudes” e para além, depreende-se que ‘a Educação Tecnológica *faz* juventudes’, pois essa vem contribuindo para a construção de suas condições juvenis e de cidadãos. Ressalta-se, portanto, a importância do referido curso de extensão para a realização dos projetos de vida atuais e futuros dessas juventudes femininas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa objetivou responder ao questionamento de em que medida a Divisão Sexual do Trabalho influencia os projetos de vida e aspirações profissionais de jovens de baixa renda, egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG. Outras questões adjacentes perpassaram esta questão norteadora e contribuíram para a aproximação do objeto de pesquisa. Foram abordados as motivações, desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens e quais as estratégias de luta e resistência foram desenvolvidas por elas; também suas expectativas em relação ao mundo do trabalho, seus projetos de futuro, planos acadêmicos e aspirações profissionais.

Nesse sentido, foram analisados os projetos de vida e as aspirações profissionais dessas estudantes a fim de se compreender se e como são influenciados pela Divisão Sexual do Trabalho e seus desdobramentos, as motivações e os desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens enquanto estudantes e as expectativas em relação ao mundo do trabalho.

Para atender ao objetivo proposto, foram realizados levantamentos teórico-bibliográfico-documentais, visando-se apreender os principais conceitos, dados e teorias produzidos em torno das temáticas: Divisão Sexual do Trabalho, juventudes e projetos de vida, contudo, sem a pretensão de apresentar todo o arcabouço envolto aos respectivos temas.

A categoria juventude é considerada no plural juventudes porque essa não é a mesma para todos os jovens. O conceito de juventudes deve considerar todas variáveis que abarcam as diversidades dessas, como os grupos aos quais pertencem, as condições sociais, econômicas e culturais em que vivem e, todas as subjetividades que perpassam a constituição da identidade juvenil.

O acesso às condições básicas e aos campos de possibilidade não são os mesmos para todas as juventudes. Assim, as situações de desigualdades de classes são ratificadas pelo desafios e situações de vulnerabilidade social tendo privados os direitos como: dificuldade de acesso ao primeiro emprego, evasão escolar por necessidade de trabalhar, desemprego, más condições enfrentadas no exercício do trabalho exaustivas jornadas.

Além disso, muitas juventudes precisam enfrentar situações de discriminações de gênero, raça/etnia e classes e as formas de exploração e dominação nas relações

sociais. As juventudes femininas ainda vivenciam triplas ou múltiplas jornadas para conseguir vencer na vida.

Nesse sentido, o estudo e o trabalho para muitos jovens representam um horizonte de perspectivas que poderiam materializar seus sonhos e seus projetos de vida. Com efeito, para as juventudes das classes mais baixas o mundo do trabalho se constitui como uma forma de enfrentamento das necessidades econômicas e culturais.

Para a realização da pesquisa empírica foi utilizada a abordagem qualitativa e para a coleta de dados foram realizadas sessões de roda de conversa e entrevistas semiestruturadas em meio remoto, por conta da necessidade do isolamento na pandemia Covid-19 instalada no país, com as egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG dos anos de 2017 e de 2019. Assim, realizou-se uma exegese a partir dos excertos de falas das participantes da pesquisa empírica à luz da teoria da Divisão Sexual do Trabalho e das teorias juventudes e projetos de vida.

Frente aos dados coletados, evidenciou-se que a passagem das ex-alunas pelo Pro-Técnico contribuiu para a socialização dessas com outros grupos e diversidades juvenis. Novos significados e novas experiências passaram a ser (re) elaborados em suas vidas. A visão do mundo e de si mesmas ficaram muito diferentes. Um novo ciclo se iniciara. Desde a entrada dessas jovens no Pro-Técnico vários projetos de vida já se iniciavam.

Observou-se na maioria das narrativas que as rotinas e exaustivas cargas horárias dos estudos se configuram como um dos maiores desafios. As atividades domésticas são responsabilidade das mulheres da casa e são compartilhadas com a mãe (ou com a irmã, como é o caso de uma delas). Em uma das casas das jovens, essas conseguem priorizar as atividades escolares em dias de maiores compromissos, por meio da união das mulheres da casa. Uma distribuição doméstica solidária ocorre entre elas, na medida em que alternam entre si os dias escalonados para realização dos afazeres domésticos.

Ademais, as jovens egressas precisam dividir o tempo para executarem as triplas ou múltiplas jornadas (estudo, afazeres domésticos, trabalho remunerado, atividades físicas, religiosas e pessoais). As alunas que executam o trabalho remunerado o fazem para poderem arcar com suas despesas financeiras pessoais ou para ajudar em alguma despesa em casa.

A demora no transporte de retorno da escola para casa foi outro desafio apontado, obrigando-as a ficar até altas horas para concluírem as tarefas escolares, a serem entregues no dia posterior. Além do mais, algumas das jovens pontuaram a discriminação de gênero sofrida: (i) empresas que ofertam vagas de estágios somente para alunos do sexo masculino e (ii) uma delas sofreu violência simbólica por parte de um professor.

Quanto aos projetos de futuro, a maioria deles ainda incipientes, giram em torno do estudo e do trabalho. No entanto, as egressas reconhecem que o trabalho será importante e necessário para se chegar a um curso superior ou doutorado, como algumas vislumbram.

A maioria das jovens se mostra bem pessimista e insegura quanto ao futuro, principalmente por ser menina, periférica e negra. Algumas delas temem que para atender as exigências do mercado de trabalho tenham que mudar o seu jeito de ser. Não são ingênuas e reconhecem que as categorias gênero, raça e classe social são discriminadas nas relações sociais. Entretanto, elas não se vitimizam, pelo contrário, tecem formas de superar as lutas em suas trajetórias.

Em relação às aspirações acadêmicas, algumas pensam em ser professora, profissão essa com uma maior concentração da mão-de-obra feminina (feminilizada) e vinculada às práticas sociais e simbólicas (feminizada). As qualidades femininas são associadas às profissões como algo nato ou profissões naturalizadas como atribuições femininas. No entanto, ressalta-se que diferente das escolhas dos cursos técnicos, em que os desejos dos pais influenciaram suas decisões, os projetos futuros derivam de seus sonhos.

Nesse cenário, infere-se que a Divisão Sexual do Trabalho influencia os projetos de vida e aspirações profissionais das jovens de baixa renda, egressas do Curso Pro-Técnico do CEFET-MG, na medida em que gênero, raça e classe social se entrelaçam em seus caminhos. Para além, influencia também as trajetórias dessas jovens enquanto estudantes que precisam dar conta de tantas jornadas.

Cabe salientar, que nem todas as ex-alunas se decidiram pela profissão e curso desejado para o futuro e reconhecem que não é uma tarefa fácil para uma pessoa que ainda é muito jovem. O tempo ainda corre a favor delas. Assim, no decorrer da conclusão do ensino médio e técnico, assim como elas devem amadurecer, seus projetos também. A troca de experiência com outras juventudes e outros grupos de

pertencimento devem auxiliar na construção, ratificação ou (re) elaboração de seus projetos.

Quanto a outros planos futuros, muitas jovens mulheres manifestaram o desejo de viajar e de realizar intercâmbio fora do país. A constituição de família e maternidade está presente em poucos projetos, mas não em primeiro plano. Observou-se, também, que em algumas perspectivas futuras, o cuidado ('CARE') com o outro está presente por detrás das escolhas acadêmico-profissionais. As egressas do Pro-Técnico estão certas de que são protagonistas e responsáveis pelas mudanças na sociedade e que devem fazer o seu papel.

As experiências vivenciadas no período do Curso Pro-Técnico e ao longo do ensino médio e técnico foram importantes para o processo de construção da identidade juvenil e para a elaboração dos projetos de vida das egressas. Com efeito, ressalta-se a importância, portanto, dos projetos que proporcionam oportunidades principalmente para as classes mais pobres e desfavorecidas das sociedades para que possam dar sentido e materializar os sonhos. Tais oportunidades se tornam ainda mais importantes para as mulheres que lutam no dia-a-dia para desconstruir as realidades de opressão e exploração impostas nas relações sociais.

Nesse sentido, tornam-se cada vez mais importantes também estudos com as juventudes nos espaços acadêmicos, a fim de proporcionar novas discussões e formas de mitigar a discriminação e desvalorização do trabalho da mulher em relação ao trabalho do homem perante as sociedades e intramuros das próprias escolas.

Com efeito, de acordo com as narrativas das jovens egressas participantes da pesquisa, tanto "o trabalho *faz* juventudes" quanto a "escola *faz* juventudes". Depreende-se também que no caso estudado, ' a Educação Tecnológica *faz* juventudes', pois essa vem contribuindo para a formação de condições juvenis femininas e de cidadãs atuantes na sociedade.

Por fim, como este estudo não pretendeu esgotar todas as possibilidades que versam em torno da temática abordada, novas inquietações para futuros estudos ainda permeiam, como por exemplo, analisar a trajetória profissional de outras juventudes femininas das classes menos favorecidas ou analisar as formas de enfrentamento dos desafios vivenciados por jovens mulheres de classes baixas que estudam e trabalham ao mesmo tempo.

Em relação ao Pro-Técnico, projeto de extensão longo e bem-sucedido do CEFET-MG, almeja-se que os resultados deste estudo despertem ainda mais na

direção, coordenação, professores e demais servidores da instituição, uma certeza do quanto este curso contribui para a construção da visão de mundo e expectativas pessoais, profissionais e acadêmicas de jovens em vulnerabilidade social. Que o Pro-Técnico tenha vida longa e, mais do que preparar para o vestibular dos cursos técnicos em instituições federais, prepare os jovens para a Vida!

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 19-35. Disponível em: [http:// library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf](http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf). Acesso em: 21 jun. 2019.
- ABRAMOVAY, Miriam *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127138por.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2018.
- ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia (coord.). **Juventude, juventudes**: o que une e o que separa. Brasília: UNESCO, 2006. 744p. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=64654. Acesso em: 10 ago. 2019.
- AFONSO, Maria Lúcia Miranda; ABADE, Flávia Lemos. **Para reinventar as rodas**. Belo Horizonte: Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros (RECIMAM), 2008. Publicação eletrônica. Disponível em: https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/lapip/PARA_REINVENTAR_AS_RODAS.pdf. Acesso em: 17 fev. 2020.
- ALVES, Maria Zenaide; DAYRELL, Juarez. Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 375-390, abr.-jun. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015000200375#B2. Acesso em: 09 maio 2020.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2009.
- ARENDT, Hanna. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. Barbosa de Almeida. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ÁVILA, Maria Betânia. O tempo do trabalho doméstico remunerado: entre cidadania e servidão. *In*: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 137-146.
- ÁVILA, Rebeca Contrera; PORTES, Écio Antônio. A tríplice jornada de mulheres pobres na universidade pública: trabalho doméstico, trabalho remunerado e estudos. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 20, n. 3, p. 809-832, set.- dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2012000300011>. Acesso em: 05 ago. 2019.
- BARROS, Alexandre. **Oito em cada dez jovens que nunca frequentaram escola estavam sem ocupação em 2019**. Agência IBGE Notícias, 12 nov. 2020. Disponível

em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29434-oito-em-cada-dez-jovens-que-nunca-frequentaram-escola-estavam-sem-ocupacao-em-2019>. Acesso em: 24 nov. 2020.

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Traçando metas, vencendo desafios**: experiências escolares de mulheres egressas da EJA. 2011. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação: Conhecimento e Inclusão Social em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-8GPJ2B>. Acesso em: 17 abr. 2021

BASTOS, Ludimila Corrêa. **Trabalho doméstico, relações de gênero e educação**: um estudo com educandas/os da EJA. UFMG, 2017. 198f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AU8KPD>. Acesso em: 16 abr. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos. Tradução Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Tradução: Fernando Tomaz.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BRASIL. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 13 jul. 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 09 abr. 2018.

BRASIL. Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, 5 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 1 ago. 2020.

BURNIER, Suzana Lana. **Visões de mundo e projetos entre trabalhadores técnicos de nível médio**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio, 2003. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC – Rio. Cap. 2, p. 25-57.

CAMPAGNOLI, Adriana de Fátima Pilatti Ferreira *et al.* A mulher, seu espaço e sua missão na sociedade. Análise crítica das diferenças entre os sexos. **Emancipação**, v. 03, n. 01, p. 127-153, 2003. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/emancipacao/index>. Acesso em: 23 jul. 2018.

CARRANO, Paulo César Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. especial, p. 1439-1454, dez. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022015001001439&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 10 maio 2020.

CASAGRANDE, Lindamir Salete; SOUZA, Ângela Maria Freire de Lima e. Violência simbólica de gênero em duas universidades brasileiras. *In*: WANZINACK, Clóvis. SIGNORELLI, Marcos Claudio (org.). **Violência, gênero e diversidade: desafios para a educação e o desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Autografia, 2015. p. 79-108. Disponível em: http://www.litoral.ufpr.br/portal/wp-content/uploads/2015/10/livro_violencia_genero_e_diversidade.pdf. Acesso em: 19 ago. 2019.

CASTILHO, Rosane. **Cartografias da condição juvenil**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2019.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam. Jovens em situação de pobreza, vulnerabilidades sociais e violências. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 143-176, jul. 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200007&lang=pt. Acesso em: 04 ago. 2019.

CHAGAS, Raquel de Castro Salomão. **Juventudes em vulnerabilidade social e a educação profissional: o curso Pró-Técnico**. (Apresentação do Grupo de Pesquisa em Formação e Qualificação Profissional – FORQUAP do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica – PPGET do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET - MG na 13ª Semana C&T Semana de Ciência e Tecnologia no CEFET – MG. Belo Horizonte, MG, 2018. 38 slides: color.

CHAVES, Mariana. Juventud negada y negativizada: representaciones y formaciones discursivas vigentes en la Argentina contemporánea. **Última Década**, v.13, n.23, p. 9-32, 2005. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2255120>. Acesso em: 11 mar. 2020.

ClAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. Ensino médio e educação profissional no Brasil: dualidade e fragmentação. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 5, n. 8, p. 27-41, jan.-jun. 2011. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/45>. Acesso em: 04 mai. 2020.

CONJUVE. **Pesquisa juventudes e a pandemia do Coronavírus**. Relatório de resultados, jun. 2020. Conselho Nacional da Juventude. Disponível em: <https://4fa1d1bc-0675-4684-8ee9->

031db9be0aab.filesusr.com/ugd/f0d618_41b201dbab994b44b00aabca41f971bb.pdf. Acesso em: 10 jul. 2020.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DE MINAS GERAIS. **Dia da mulher**: uma homenagem do CAU/MG. Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Minas Gerais. 07 mar. 2021. Disponível em: <https://www.caumg.gov.br/dia-da-mulher-2021/>. Acesso em: 27 mar. 2021.

DÁVILA LEÓN, Oscar. Adolescência e juventude: das noções às abordagens. *In*: FREITAS, Maria Virgínia de (org.). **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo: Ação Educativa, 2005. p. 9-18. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/05623.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2019.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100>. Acesso em: 02 abr. 2018.

DAYRELL, Juarez Tarcísio; JESUS, Rodrigo Ednilson de. Juventude, ensino médio e os processos de exclusão escolar. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 135, p. 407-423, abr.- jun. 2016. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/producao/producao-cientifica/>. Acesso em: 26 maio 2019.

DAYRELL, Juarez. **Por uma pedagogia das juventudes**: experiências educativas do Observatório da Juventude da UFMG. Juarez Dayrell (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016. Disponível em: <http://observatoriodajuventude.ufmg.br/wp-content/uploads/Livro-Por-uma-pedagogia-das-juventudes.pdf>. Acesso em: 17 ago. 2020.

DURÃES, Marina Nunes. Educação técnica e educação tecnológica múltiplos significados no contexto da educação profissional. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 159-176, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9365>. Acesso em: 08 maio 2020.

FRITSCH, Rosângela. Evasão escolar, mundo da escola e do mercado de trabalho: o que dizem jovens do ensino médio de escolas públicas. *In*: DORE, Rosemary; SALES, Paula Elisabeth Nogueira; SILVA, Carlos Eduardo Guerra (org.). **Educação profissional e evasão escolar**: contextos e perspectivas. Belo Horizonte: RIMEPES, 2017, p. 83 -111.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13 reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008. Disponível em: https://monoskop.org/images/3/39/Geertz_Clifford_A_interpretacao_das_culturas.pdf. Acesso em: 20 ago. 2020.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil-a-c-mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2018.

GONÇALVES, Bruna de Oliveira. **Violência simbólica de gênero na engenharia: estudo de caso no CEFET-MG**. 2019. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Disponível em:

https://sig.cefetmg.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=302. Acesso em: 24 jul. 2019.

GONZALEZ, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? *In*: CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de (org.). **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2009, p.109-128. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/livros/livrojuventudepolitica.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

GUIMARÃES, Soraia de Mello. **Divisão sexual do trabalho no meio rural e as contribuições da Marcha da Margarida para mulheres do município de Porteirinha-MG**. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2016.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude e práticas socioeducativas**. Alfenas: Universidade Federal de Alfenas, 2018. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/bibliotecas/system/files/imce/Ebooks/Juventude%20e%20pr%C3%A1ticas%20socioeducativas.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à sociologia da juventude**. Jundiaí: Paco Editorial, 2017.

HIRATA, Helena Sumiko. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Tecnologia e Sociedade**, 2. ed. v. 6, n. 11, p. 1-7, 2010. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/2557/1661>. Acesso em: 29 ago. 2019.

HIRATA, Helena. Tecnologia, formação profissional e relações de gênero no trabalho. **Educação & Tecnologia**, Curitiba, n. 6, p. 144-156, 2003. Disponível em: <http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1081/684>. Acesso em: 22 jun. 2019.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A classe operária tem dois sexos. **Estudos Feministas**, ano 02, 1º semestre 1994, p. 93-100. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewFile/16291/14832>. Acesso em: 23 jul. 2018.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. A divisão sexual do trabalho revisitada. *In*: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (org.). Tradução: Clevis Rapkiewicz. **As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2003. p.111-123.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n.132, set-dez, p. 595-609, 2007.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.

HIRATA, Helena; ZARIFIAN, Philippe. Trabalho (conceito de). Tradução: Miriam Nobre. *In*: HIRATA, Helena *et. al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 67-75. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf. Acesso em: 29 set. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Contínua 2016: 51% da população com 25 anos ou mais do Brasil possuíam apenas o ensino fundamental completo**. Agência de notícias IBGE, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>. Acesso em: 08 abr. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Extrema pobreza atinge 13,5 milhões de pessoas e chega ao maior nível em 7 anos**. Agência de Notícias IBGE, 06 nov. 2019a. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos>. Acesso em: 28 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE divulga rendimento domiciliar per capita 2018**. Agência de Notícias IBGE, 27 fev. 2019b. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/23852-ibge-divulga-o-rendimento-domiciliar-per-capita-2018>. Acesso em: 28 mar. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua. **Mercado de trabalho brasileiro – 2º trimestre de 2019**. Divulgado em 15 ago. 2019. Alterado 28 ago. Folheto, 100 p. 2019c. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/a2eb00da62607144d480db9c3504fa4a.pdf. Acesso em: 05 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Quantidade de homens e mulheres**. IBGEeduca, 2020a. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 02 ago. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **PNAD Educação 2019: mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio**. Agência de Notícias IBGE, 15 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>. Acesso em: 05 ago. 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Retrato das desigualdades de gênero e raça – 1995 a 2015**. IPEA, 2017. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/170306_retrato_das_desigualdades_de_genero_raca.pdf. Acesso em: 31 ago. 2019.

JEOLÁS, Leila Sollberger; PAULILO, Maria Ângela Silveira; CAPELO, Maria Regina Clivati (org.). **Juventudes, desigualdades e diversidades**: estudos e pesquisas. Livro eletrônico. Londrina: Eduel, 2013. Disponível em: http://www.uel.br/pos/ppgsoc/portal/pages/arquivos/juventude%20e%20desigualdade_digital.pdf. Acesso em: 28 maio 2019.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. *In*: HIRATA, Helena *et. al.* (org.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 67-75. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf. Acesso em: 29 set. 2018.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos – CEBRAP**, São Paulo, v. 86, mar. 2010. Tradução: Antônia Malta Campos. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002010000100005. Acesso em: 20 fev. 2021.

KERGOAT, Danièle. O cuidado e a imbricação das relações sociais. *In*: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (org.). **Gênero e trabalho no Brasil e na França**: perspectivas interseccionais. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 17-26.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução do original alemão Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Revisão da tradução César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto Ed. PUC Rio, 2006.

KUENZER, Acacia Zeneida (org.). **Ensino médio**: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084. out. - dez. 2011. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/873/87321425009.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2018.

LECCARDI, Carmen. Por um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. Tradução Norberto Luiz Guarinello. **Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 35-57, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12470>. Acesso em: 30 ago. 2019.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em *home office* durante a pandemia da COVID-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de**

Empresas, São Paulo, v. 60, n. 6, p. 388-399, nov. - dez. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v60n6/0034-7590-rae-60-06-0388.pdf>. Acesso em: 14 mar. 2021.

LIMA, Betina Stefanello. O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 3, p. 883-903, set.-dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000300007>. Acesso em: 02 set. 2019.

LIMA, Erika Silva; SILVA, Francisca Natália da; SILVA, Lenina Lopes Soares. Educação profissional para os jovens nas políticas educacionais da 1ª década do século XXI. **Holos**, Rio Grande do Norte, v. 4, ano 31, p. 119-129, 2015. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/3185>. Acesso em: 29 ago. 2019.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Perseverança e resistência**: a engenharia como profissão feminina. 2005. 286 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, São Paulo, 2005. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252494>. Acesso em: 27 mar. 2021.

LOPES, Sabrina Fernandes Pereira. **Relações de gênero e sexismo na educação profissional e tecnológica**: as escolhas das alunas dos cursos técnicos do CEFET-MG. 2016. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, 2016. Disponível em: https://sig.cefetmg.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=302. Acesso em: 24 jul. 2019.

MACHADO, Nílson José. **Educação**: projetos e valores. 6 ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2006. - (Coleção Ensaios Transversais). Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4122951/mod_resource/content/3/Texto%20do%20Nilson%20Machado%20%28livro%20completo%29.pdf. Acesso em: 08 jul. 2020.

MARCONDES, Mariana Mazzini. O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho. *In*: YANNOULAS, Silvia Cristina. **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Abaré Editorial, 2013. Segunda Parte, p. 251-280.

MARCONDES, Mariana Mazzini; YANNOULAS, Silvia Cristina. Práticas sociais de cuidado e a responsabilidade do Estado. **Revista Ártemis**, João Pessoa, v. 13, p. 174-186, jan.- jul. 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14222/8150>. Acesso em: 04 abr. 2021.

MARX, Karl Heinrich; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Ridendo Casting Mores, 1848. Disponível em:

<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>. Acesso em: 19 maio 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza *et. al.* (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 08 fev. 2021.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan.- jun. 2014. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338/11399>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MOURA, Dante Henrique. Educação básica e educação profissional e tecnológica: dualidade histórica e perspectivas de integração. **Holos**, Rio Grande do Norte, v. 02, ano 23, p. 4-30, mai. 2007. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/11/110>. Acesso em: 29 ago. 2019.

MUNIZ, Luciano Borges; MEDEIROS, Regina de Paula Medeiros. **Representações juvenis sobre o mundo do trabalho atual: ser trabalhador para os jovens participantes do Plug Minas**. In: Trabalho & educação. Universidade Federal de Educação, Faculdade de Educação, Belo Horizonte: FaE/UFMG, v. 23, n. 2, maio - ago. 2014. p. 57-75.

MURARO, Rose Marie. **A mulher no terceiro milênio: uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. 8 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, DF, v. 5, n.1, p. 68-77, 2011. Disponível em: <http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667/1873>. Acesso em: 02 set. 2019.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Manual de capacitação e informação sobre gênero, raça, pobreza e emprego: módulo 2: questão racial, pobreza e emprego no Brasil: tendências, enfoques e políticas de promoção de igualdade**. Brasília: OIT, 2005. Disponível em: http://www.oit.org/wcmstp5/groups/public/---americas/---ro-lima/---ilo-brasil/---brasilia/documents/publication/wcms_229467.pdf. Acesso em: 03 jun. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **ONU diz que pobreza impede mais de 70 milhões de pessoas de atender suas necessidades básicas**. ONU Brasil, 17 out. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-diz-que-pobreza-impede-mais-de-700-milhoes-de-pessoas-de-atender-suas-necessidades-basicas/>. Acesso em: 28 mar. 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS BRASIL. Crise pode lançar até 326 mil crianças ao trabalho infantil na América Latina e Caribe. **ONU Brasil**, 12 jun. 2020.

Disponível em: <https://nacoesunidas.org/crise-pode-lancar-ate-326-mil-criancas-ao-trabalho-infantil-na-america-latina-e-caribe/>. Acesso em: 06 ago. 2020.

PAIS, José Machado. Como cartografar a condição juvenil e o futuro dos jovens? Entrevista com José Machado Pais. *In*: CASTILHO, Rosane. **Cartografias da condição juvenil**. Goiânia: Câne Editorial, 2019, p. 59-69.

PAIS, José Machado. Las transiciones y culturas de la juventude: formas y escenificaciones. *In*: **La juventud en transición**. Revista Internacional de Ciencias Sociales. París: UNESCO, n. 164. p. 89-101, 2000. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf00001204_38_spa. Acesso em: 14 jul. 2019.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, Heloísa Buarque de; SZWAKO, José Eduardo (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009, p. 116-149. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4275208/mod_resource/content/1/PISCITELLI%2C%20Adriana.%20G%C3%AAnero%20a%20hist%C3%B3ria%20de%20um%20conceito..PDF. Acesso em: 31 jul. 2019.

QUIRINO, Raquel. O processo de elaboração da pesquisa acadêmico-científica. *In*: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. (Apostila do Grupo de Pesquisa em Formação e Qualificação Profissional – FORQUAP do Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica – PPGET do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET – MG).

QUIRINO, Raquel. **Mineração também é lugar de mulher!:** desvendando a (nova?!) face da divisão sexual do trabalho na mineração de ferro. UFMG, 2011. 287f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Cap. 1 e 2, p. 47-107. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/BUOS-8NTGLQ>. Acesso em: 23 abr. 2018.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais em uma perspectiva marxista. **Trabalho e Educação**, v. 24. n. 2, p. 229-246, maio - ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/trabedu/article/view/9440>. Acesso em: 20 maio 2019.

REIS, Juliana Batista dos; DAYRELL, Juarez Tarcísio. Uma jovem mulher negra favelada: singularidade compartilhada em narrativas biográficas. **Debates em Educação**. Maceió: Editora da Universidade Federal do Alagoas. v. 10, n. 20, jan.-abr. 2018, p. 83-99. Disponível em: <file:///C:/Users/Gloria/Downloads/4041-17200-1-PB.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2021.

RESENDE, Kelly de Souza. **Transgressão na divisão sexual do trabalho com mulheres em profissões tradicionalmente masculinas:** estudo de caso com frentistas de postos de combustíveis. 2019. 85 f. Dissertação (Mestrado em Educação Tecnológica). Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987. (Coleção Polêmica). Disponível em:

https://www.mpba.mp.br/sites/default/files/biblioteca/direitos-humanos/direitos-das-mulheres/obras-digitalizadas/questoes_de_genero/safiotti_heleieth_-_o_poder_do_macho.pdf. Acesso em: 14 fev. 2021.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia, classe social. In: ADORNO, Sérgio (org.). A sociologia entre a modernidade e a contemporaneidade. **Revista da Sociedade Brasileira de Sociologia**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1995.

SANTOS, Elza Ferreira. Educação profissional, subjetivação e gênero: uma investigação no Instituto Federal de Sergipe. In: Congreso Iberoamericano de Ciencia, Tecnología y Género, 9, 2012, Sevilha. Espanha. **Anais [...]**. Sevilha: Universidade de Sevilha, 2012. Disponível em:

<https://www.oei.es/historico/congresoctg/memoria/pdf/SANTOS.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2019.

SEOANE, Viviana; RAPOPORT, Ana; LEÓN, Mariana Pereyra. **Censo Nacional de último año de educación técnico profesional 2009**: elección de estudios y expectativas juveniles. Buenos Aires: Ministério de Educación de la Nación, v. 2, 2011. 96 p.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A teoria do *habitus* em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 60-154, maio - ago. 2002. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000200005. Acesso em: 24 fev. 2021.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. **A classe operária tem dois sexos**: trabalho, dominação e resistência. 2 ed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

SOUZA JÚNIOR, Hormindo Pereira de. Trabalho: mediação produtora, reprodutora e formativa da vida. In: DORE, Rosemary; SALES, Paula Elisabeth Nogueira; SILVA, Carlos Eduardo Guerra (org.). **Educação profissional e evasão escolar**: contextos e perspectivas. Belo Horizonte: RIMEPES, 2017. p. 47 - 60.

SPOSITO, Marília Pontes; CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 16-39, set. - dez. 2003. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300003#end02. Acesso em: 15 jun. 2019.

SPOSITO, Marília Pontes. **Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil**. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-127.

SPOSITO, Marília Pontes; SOUZA, Raquel; ARANTES E SILVA, Fernanda. A pesquisa sobre jovens no Brasil: traçando novos desafios a partir de dados quantitativos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-24, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022018000100430&lang=pt. Acesso em: 03 abr. 2018.

STEIL, Andrea Valéria. Organizações, gênero e posição hierárquica - compreendendo o fenômeno do teto de vidro. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 62 - 69, jul.-set. 1997. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/18443/organizacoes--genero-e-posicao-hierarquica---compreendendo-o-fenomeno-do-teto-de-vidro/i/pt-br>. Acesso em: 02 set. 2019.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres, o gênero nos une, a classe nos divide**. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2008. Disponível em: [https://w\(10\)ww.docdroid.net/rwWzcZ7/cecilia-frente-e-verso.pdf#page=3](https://w(10)ww.docdroid.net/rwWzcZ7/cecilia-frente-e-verso.pdf#page=3). Acesso em: 11 abr. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WAJCMAN, Judy. Tecnologia de produção: fazendo um trabalho de gênero. **Cadernos Pagu**. Campinas, São Paulo, n. 10, p. 201-256, 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/4345638>. Acesso em: 17 mar. 2021.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. Brasília (DF): **Temporalis**, ano 11, n. 22, p. 271-292, jul.-dez. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/temporalis/article/view/1368#:~:text=Existe%20uma%20intensa%20rela%C3%A7%C3%A3o%20entre,o%20prest%C3%ADgio%20social%20da%20profiss%C3%A3o>. Acesso em: 28 mar. 2021.

YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). **Trabalhadoras: análise da feminização das profissões e ocupações**. Brasília: Editorial Abaré, 2013. Introdução: Sobre o que nós, mulheres, fazemos. p. 31-65. Disponível em: <http://tedis.unb.br/images/pdf/YannoulasLivroTrabalhadorasFinalCompleto.pdf>. Acesso em: 21 dez. 2019.

APÊNDICE A - ROTEIRO TEMÁTICO PARA A RODA DE CONVERSA

1. Apresentações das participantes: nome, idade, bairro onde mora, pessoas da família com mora, renda familiar, escola onde estudou o ensino fundamental.
- 1.1. Alerta às participantes, quanto ao compromisso assumido de sigilo quanto às informações umas das outras. Por exemplo: você, fulana, concorda com isso? Nada do que for falado, aqui, nesta roda de conversa, por suas colegas, poderá ser exposto.
2. Motivos da escolha em cursar o Pro-Técnico do CEFET-MG.
3. O que mudou em suas vidas após a entrada no Pro-Técnico do CEFET-MG.
4. Importância do estudo e do trabalho para as jovens.
5. Relatos das dificuldades encontradas pelas egressas enquanto estudam.
6. Projeto das jovens após concluir os estudos, caso ainda estejam estudando o ensino médio.
7. Expectativas em relação ao mundo do trabalho.

APÊNDICE B - ROTEIRO PARA ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

- 1 Como é sua rotina no dia-a-dia?
- 2 Quantas e quais pessoas moram em sua casa?
- 3 Como se desloca da casa para a escola e da escola para casa?
- 4 Qual o turno que você estuda?
- 5 Se turno diurno, o que faz no período da tarde?
- 6 Você faz algum curso ou trabalha?
- 7 O que a escola representa para você? Qual o significado do estudo para você?
- 8 No seu dia-a-dia o que você apontaria como um desafio a vencer?
- 9 Por que você escolheu cursar o Pro-Técnico?
- 10 O que mudou em sua vida após cursar o Pro-Técnico?
- 11 Você já pensou em parar de estudar por algum motivo?
- 12 O que você fará após concluir os estudos?
- 13 Você pensa em fazer faculdade?
- 14 Qual a profissão desejaria cursar? Por quê?
- 15 Como você se vê no seu futuro?
- 16 Quais as suas expectativas em relação ao mundo do trabalho?
- 17 Você acha que algumas profissões são mais adequadas para homens e outras para mulheres? Dê sua opinião?
- 18 Qual sua opinião sobre os homens terem mais chances de subir na carreira. Conhece alguém que tenha relatado isso?
- 19 Além de estudar e/ou fazer curso e/ou trabalhar, você ajuda nos afazeres domésticos da casa? Quem as realiza na sua casa?
- 20 Dê sua opinião sobre os homens dividirem as tarefas domésticas com as mulheres.

APÊNDICE C - LEVANTAMENTO DE DADOS BIBLIOGRÁFICOS

DESCRITORES: Juventude socialmente desfavorecida. Educação Profissional. Divisão Sexual do Trabalho

PALAVRAS-CHAVE: juventude em vulnerabilidade social; trabalho, ensino médio, jovens; divisão sexual do trabalho

Pesquisa realizada de **28/02/19 a 10/04/19**

DISSERTAÇÕES - TESES DA CAPES							
Nº	TÍTULO DISSERTAÇÃO - TESE	AUTORES	D/T	INSTITUIÇÃO	PROGRAMA	ANO	ORIENTADOR
1	SER ALGUÉM NA VIDA. CONDIÇÃO JUVENIL E PROJETOS DE VIDA DE JOVENS MORADORES DE UM MUNICÍPIO RURAL DA MICRORREGIÃO DE GOVERNADOR VALADARES-MG	Maria Zenaide Alves	T	Universidade Federal de Minas Gerais	Programa de PósGraduação em Educação da Faculdade de Educação	2013	Prof. Dr. Juarez Tarcisio Dayrell
2	JOVENS, PROJETOS DE VIDA E ESCOLA: RELAÇÕES E SIGNIFICADOS A PARTIR DA VISÃO DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO DE UMA ESCOLA PÚBLICA EM MACEIÓ	Mariana Yezzi de Araújo	D	Universidade Federal de Alagoas	Programa de Pós Graduação em Psicologia	2013	Prof. Dr. Marcos Ribeiro Mesquita
3	PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS DOS SETORES MÉDIOS	Christiane Pinheiro dos Reis Calil Avelar	D	CEFET	Programa de Mestrado em Educação Tecnológica	2013	Profª. Drª. Suzana Lanna Burnier Coelho
4	JUVENTUDE, ENSINO MÉDIO E TRABALHO FUNÇÃO SOCIAL DO ENSINO MÉDIO, UMA ANÁLISE CRÍTICA	MARCIO BERNARDES DE CARVALHO	D	UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO	2017	Profª Dra. Josélia Schwanka Salomé
5	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E RELAÇÕES DE GÊNERO: RAZÕES DE ESCOLHA E A DISCRIMINAÇÃO	Andréia de Almeida	D	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Programa de Estudos Pós - Graduados em Educação: História, Política, Sociedade	2015	Prof. Dr. Giovinazzo Júnior
6	TRABALHO, JUVENTUDE E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O PROGRAMA JOVEM APRENDIZ NO MUNICÍPIO DE SANTA IZABEL DO OESTE/PR	Kelli Damer Pogorzelski	D	Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE	Programa de Mestrado em Educação	2018	Profª. Drª. Suely Aparecida Martins
7	O SENTIDO DA ESCOLA PARA OS JOVENS DO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO NA ESCOLA ENEDINA SAMPAIO MELO BELÉM	Crisolita Gonçalves dos Santos Costa	T	Universidade Federal do Pará	Programa de PósGraduação em Educação do Instituto de Ciências da Educação (ICED)	2017	Prof. Dr. Gilmar Pereira da Silva
8	RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO E SEXISMO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: AS ESCOLHAS DAS ALUNAS DOS CURSOS TÉCNICOS DO CEFET-MG	Sabrina Fernandes Pereira Lopes	D	CEFET	Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica	2016	Profª. Drª. Raquel Quirino Gonçalves

9	A EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE MENINAS ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO NO ESTADO DE MINAS GERAIS	Silvia Danizete Pereira Barbosa	D	CEFET	Programa de Pós-Graduação em Educação Tecnológica	2018	Profª. Drª. Raquel Quirino Gonçalves
10	JOVEM POBRE, VOCÊ TEM SEDE DE QUÊ? VOCÊ TEM FOME DE QUÊ? SENTIDOS DO TRABALHO E PROJETOS DE JOVENS ATENDIDOS POR PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	Alessandra Guimarães Foschetti	D	CEFET	Programa de PósGraduação em Educação Tecnológica	2014	Profª. Drª. Suzana Lanna Burnier Coelho
11	AS CARTAS SÃO JOGADAS MUITO CEDO: TRAJETÓRIAS UNIVERSITÁRIAS DE JOVENS PROVENIENTES DAS CLASSES POPULARES NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	Mariana Sant'Ana Miceli	T	Universidade Federal de Santa Catarina	Programa de Pós-Graduação em Educação	2016	Dra. Ione Ribeiro Valle

DESCRITORES: Juventude socialmente desfavorecida. Educação Profissional. Divisão Sexual do Trabalho

PALAVRAS-CHAVE: juventude em vulnerabilidade social; trabalho, ensino médio, jovens; divisão sexual do trabalho

Pesquisa realizada de **28/02/19 a 10/04/19**

PERIÓDICOS DA CAPES							
Nº	TÍTULO DO ARTIGO	AUTORES	NOME DO PERIÓDICO	VOLUME	EDIÇÃO	ANO	CIDADE
1	Juventude, projetos de vida e ensino médio	Geraldo Leão, Juarez Tarcísio Dayrell, Juliana Batista dos Reis	Educação & Sociedade	32	117	Out./Dez. 2011	Campinas
2	Os projetos de vida dos jovens da maior favela carioca, a Maré	Shyrlei Rosendo dos Santos	Revista de Psicologia	9	1	2018	Fortaleza
3	Ser alguém na vida: um estudo sobre jovens do meio rural e seus projetos de vida	Maria Zenaide Alves e Juarez Dayrell	Educação e Pesquisa	41	2	Abr/Jun. 2015	São Paulo
4	Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio	Paulo Cesar Rodrigues Carrano, Andreia Cidade Marinho, Viviane Netto Medeiros de Oliveira	Educação e Pesquisa	41	1	Dez. 2015	São Paulo
5	Jovens olhares sobre a escola do ensino médio	Geraldo Leão, Juarez Tarcísio Dayrell, Juliana Batista dos Reis	Cadernos CEDES	31	84	Mai./Ago. 2011	Campinas

6	Processos de escolarização de jovens rurais de Governador Valadares-MG: entre sonhos e frustrações	Maria Zenaide Alves, Juarez Tarcísio Dayrell	Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos	97	247	Set/Dez. 2016	Brasília
7	Os sentidos da escola pública para jovens pobres da cidade do Recife	Rubelize Maria dos Santos, Maria Aparecida Nascimento, Jaileila de Araújo Menezes	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud	10	1	Jan/Jun. 2012	Manizales
8	Os jovens e as escolhas no percurso da escolarização	Fernanda Chaves dos Santos	Revista Espaço do Currículo	9	1	2016	
9	Da modernidade à pós-modernidade: experiências e significados juvenis	Mara Regina Zluhan, Alexandre Vanzuita, Tânia Regina Raitz	Revista Reflexo e Ação	25	1	Jan./Abr. 2017	Santa Cruz do Sul
10	Juventude brasileira em pauta: analisando as conferências e o estatuto da juventude	Luana Isabelle Cabraldos Santos e Oswaldo Hajime Yamamoto	Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud	16	2	2018	
11	As concepções de adolescente e as metáforas de "ioio", "canguru" e "nem" como processos sociais	Stênico, Joselaine Andreia de Godoy e Adam, Joyce Mary	Holos	2	34	2018	
12	Expectativas de jovens do ensino médio público em relação ao estudo e ao trabalho	Davisson Charles Cangussu Souza e Daniel Arias Vazquez	Educação e Pesquisa	41	2	Abr./Jun. 2015	São Paulo
13	Juventude, escola e trabalho: sentidos da educação profissional integrada ao ensino médio	Márcio Luiz Bernardim e Monica Ribeiro da Silva	Educação em Revista	32	1	Jan./Mar. 2016	Belo Horizonte
14	Experiências da desigualdade: os sentidos da escolarização elaborados por jovens pobres	Geraldo Magela Pereira Leão	Educação e Pesquisa	32	1	Jan./Abr. 2006	São Paulo
15	Concepções de gênero nas narrativas de adolescentes	Gabriela Sagebin Bordini e Tania Mara Sperb	Psicologia: Reflexão e Crítica	25	4	Jan. 2012	Porto Alegre
16	A subrepresentatividade das mulheres em áreas tipicamente masculinas: Factores explicativos e pistas para a intervenção	Luísa Saavedra, Maria do Céu Taveira e Ana Daniela Silva	Revista Brasileira de Orientação Profissional	11	1	Jun. 2010	São Paulo

17	Educação Profissional para os jovens nas políticas educacionais da 1ª década do século XXI	Erika Silva Lima , Francisca Natália Da Silva e Lenina Lopes Soares Silva	Holos	4		Ago. 2015	
18	O labirinto de cristal: as trajetórias das cientistas na Física	Betina Stefanello Lima	Estudos Feministas	21	3	Set/Dez. 2013	Florianópolis
19	As mulheres na Ciência da Computação	Michelle Pinto Lima	Estudos Feministas	21	3	Set/Dez. 2013	Florianópolis

APÊNDICE D - PROGRAMA PPGET

DISSERTAÇÕES DO PPGET DO CEFET – MG

PALAVRAS-CHAVE: DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO; GÊNERO

ITEM	DISSERTAÇÃO	MESTRES / DATA
1	A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: TRAJETÓRIAS ACADÊMICO-PROFISSIONAIS DE EGRESSAS DO CURSOTÉCNICO EM EDIFICAÇÕES	Gissele Quirino Herculano Xavier 27/02/2019
2	VIOLÊNCIA SIMBÓLICA DE GÊNERO NA ENGENHARIA: ESTUDO DE CASO NO CEFET-MG	Bruna de Oliveira Gonçalves 28/02/2019
3	EDUCAÇÃO OU COMPUTAÇÃO? TRAJETÓRIAS DE MULHERES MESTRAS DO CEFET-MG EM ÁREAS DE HUMANAS E TECNOLÓGICAS	Camila Gonçalves Guimarães 02/04/2019
4	A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA INDÚSTRIA TÊXTIL: INTERLOCUÇÕES COM A ERGONOMIA	Mislene Aparecida Gonçalves Rosa 27/02/2018
5	MULHERES NA TI: VISÕES DE ALUNAS DO CURSO DE ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO SOBRE A ÁREA	Daniela Teixeira Rezende 05/03/2018
6	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DE MENINAS ADOLESCENTES EM MEDIDA SOCIOEDUCATIVA DE INTERNAÇÃO NO ESTADO DE MINAS GERAIS	Sílvia Danizete Pereira Barbosa 06/04/2018
7	RELAÇÕES DE GÊNERO E DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA ENGENHARIA: INTERLOCUÇÕES COM O PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS	Rodrigo Salera Mesquita 17/03/2017
8	RELAÇÕES DE GÊNERO E SEXISMO NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: AS ESCOLHAS DAS ALUNAS DOS CURSOS TÉCNICOS DO CEFET-MG	Sabrina Fernandes Pereira Lopes 19/12/2016
9	A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NO MEIO RURAL E AS CONTRIBUIÇÕES DA MARCHA DAS MARGARIDAS PARA AS MULHERES DO MUNICÍPIO DE PORTEIRINHA-MG	Soraia de Mello Guimarães 20/12/2016

**APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
RESPONSÁVEIS LEGAIS**

Projeto CAAE: _____, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em _____ de _____ de 20____.

Projeto de Pesquisa: **PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS EGRESSAS DO CURSO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG.**

Prezado (a),

A menor _____, sob sua responsabilidade está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa acadêmica que tem como objetivo: **analisar os projetos de vida e aspirações profissionais de ex-alunas do curso Pro-Técnico do CEFET-MG a fim de se compreender se e como esses são influenciados pela divisão sexual do trabalho e seus desdobramentos, as motivações e os desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens enquanto estudantes e as expectativas em relação ao mundo do trabalho.** Este convite se deve ao fato da menor ser ex-estudante do Curso Pró – Técnico do CEFET-MG e ter aceitado o convite em colaborar na pesquisa.

O pesquisador responsável pela pesquisa é Glória Cristina Pereira Gomides Gomes, RG MG8.267.986, estudante do Mestrado em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e realiza uma pesquisa sob orientação da Professora Dr. ^a Raquel Quirino.

Caso você concorde na participação da menor, ela irá participar de forma voluntária de uma roda de conversa e entrevista semiestruturada de forma virtual (remota) com temas relativos à importância **do estudo e do trabalho para as jovens, dificuldades que tiveram/tem enquanto estudantes, motivações e expectativas em relação ao mundo do trabalho e projetos de futuro.**

Esclarecemos que as entrevistas semiestruturadas serão realizadas por vídeo-chamadas por meio dos aplicativos de mensagens instantâneas *WhatsApp* e *Duo* e as rodas de conversa serão realizadas virtualmente, utilizando-se as plataformas *Microsoft Teams*, *Google Meet* ou *RNP*, das quais as jovens tiverem mais facilidade. Essas entrevistas serão gravadas e depois transcritas por mim para que não sejam perdidos os detalhes das respostas. Asseguramos que a participação dela neste estudo é totalmente voluntária e se você decidir que ela não participe ou caso ela

desista de participar, por quaisquer motivos, em qualquer momento, ela tem a total liberdade de fazê-lo ou de retomar num outro momento e não sofrerá represálias ou sanções decorrentes de sua decisão.

Os riscos decorrentes da participação dela na pesquisa são mínimos, restringindo-se a um possível cansaço, timidez e/ou constrangimento ao longo da seção de roda de conversa e entrevista virtuais. No entanto, caso haja cansaço por parte dela, poderá haver redução do tempo das sessões das rodas de conversa ou entrevistas e a pesquisadora tentará ser o mais objetiva possível, ou ainda ela poderá solicitar a interrupção da roda de conversa e/ou entrevista ou ir embora e, se houver timidez e/ou constrangimento, ela terá a liberdade para responder depois se quiser, quando se sentir confortável ou de não responder ao tema/pergunta abordado/a. Além disso, ela não corre o risco de ter seu nome divulgado ou nenhuma informação que possa identificá-la na publicação dos resultados, uma vez que quando as falas forem transcritas, o nome dela será substituído por um código alfa numérico (por exemplo: J1, J2, J3, etc.) e todas as informações pessoais a respeito dela serão omitidas. Os dados coletados nas entrevistas/rodas de conversa serão armazenados sob guarda e responsabilidade desta pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Esclarecemos que a participação dela na pesquisa é muito importante e poderá contribuir para dar visibilidade ao papel feminino no mundo do trabalho, sobretudo aos projetos de vida de jovens mulheres, auxiliando na formulação de políticas públicas.

Em caso de dúvidas, as pesquisadoras responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos: Mestranda: Glória Cristina Pereira Gomes Gomes – (31) 985566856 – gcgomes25@yahoo.com.br. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Quirino – (31) 99932-5298 - quirinoraquel@hotmail.com.

Além dos direitos citados acima, são garantidos:

- a observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466 (e, em especial, seu item IV.3) e 510 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- o acesso aos resultados da pesquisa;

- o acompanhamento e à assistência à menor, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário, sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável.

Este documento é rubricado e assinado por você e por mim em duas vias, sendo que uma via ficará em sua propriedade. Se perder a sua via, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável. Ressaltamos que os horários da roda de conversa e entrevista virtuais e os aplicativos para a realização destas serão combinados com a participante, respeitando a sua disponibilidade e preferência e sem necessidade de deslocamento para ela.

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos. Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.cefetmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.

Se optar que ela participe da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

DECLARAÇÃO

Por ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da participação da menor na pesquisa, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo.

Decido, portanto, livre e voluntariamente, que a menor supracitada participe deste estudo, permitindo que a pesquisadora relacionada neste documento obtenha o

depoimento da menor, para fins de pesquisa científica/educacional, os quais serão utilizados como fonte de dados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Eu, _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que aceito que a menor participe da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Neste mesmo ato eu declaro autorizado o registro do depoimento para os fins supracitados de _____ e a realizar as gravações de voz e imagem dela que se façam necessárias e/ou a colher o depoimento dela.

Concordo e libero que o material e as informações obtidas relacionadas à pessoa dela e os depoimentos da gravação, imagem e da voz dela, de trechos ou partes da roda de conversa e entrevista virtuais para fins científicos e educacionais possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos e educacionais (livros, artigos, slides, transparências, apresentação audiovisual, publicações e divulgações em seminários, minicursos, palestras, simpósios, periódicos científicos, congressos, aulas didáticas e apresentações de modo geral com ou sem premiações nacionais e internacionais), em favor das pesquisadoras desse estudo, já especificadas. Porém, não autorizo a identificação da menor. Essa deve ser realizada de outra forma, com pseudônimos e obedecendo assim que as gravações fiquem sob a propriedade das pesquisadoras proponentes do estudo.

Assinatura do/a responsável da menor participante da pesquisa:

Assinatura da pesquisadora: _____

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20_____

Se quiser receber os resultados da pesquisa, indique seu e-mail ou, se preferir, endereço postal, no espaço a seguir: _____

**APÊNDICE F - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
PARTICIPANTES MENORES DE 18 ANOS**

Projeto de Pesquisa: **PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS EGRESSAS DO CURSO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG.**

Prezada _____,

Sou estudante do Mestrado em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e estou realizando uma pesquisa sob orientação da Professora Dr.^a Raquel Quirino e você está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa acadêmica que tem como objetivo: **analisar os projetos de vida e aspirações profissionais de ex-alunas do curso Pro-Técnico do CEFET-MG a fim de se compreender se e como esses são influenciados pela divisão sexual do trabalho e seus desdobramentos, as motivações e os desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens enquanto estudantes e as expectativas em relação ao mundo do trabalho.**

Caso você aceite, participará de uma roda de conversa e entrevista virtuais no qual você responderá algumas questões que foram escritas em forma de um roteiro para orientar a nossa conversa a respeito dos temas relativos à importância **do estudo e do trabalho para as jovens, dificuldades que tiveram/tem enquanto estudantes, motivações e expectativas em relação ao mundo do trabalho e projetos de futuro.** Porém, de acordo com suas respostas, poderão surgir outras perguntas relativas ou algumas das que já estão previstas poderão ser descartadas.

Esclareço que as entrevistas serão realizadas por vídeo-chamadas por meio dos aplicativos *WhatsApp* e *Duo* e as rodas de conversa serão realizadas virtualmente, utilizando-se as plataformas *Microsoft Teams*, *Google Meet* ou *RNP*, a qual você poderá escolher a que tiver mais facilidade. As vídeo-chamadas (entrevistas) e a sessão da roda de conversa (reunião virtual) serão gravadas e depois transcritas por mim para que não sejam perdidos os detalhes das respostas.

Asseguro que a sua participação neste estudo é totalmente voluntária e se você decidir não participar ou quiser desistir de participar em qualquer momento, tem a total liberdade de fazê-lo e não sofrerá represálias ou sanções decorrentes de sua decisão.

Se durante a conversa se sentir cansada ou constrangida poderá solicitar a interrupção e se desejar ir embora, poderá fazê-lo sem problemas.

Esclareço, ainda, que se ficar tímida e/ou acanhada, você terá a liberdade para responder depois se quiser, quando se sentir confortável ou de não responder ao tema/pergunta abordado/a; além disso você não corre o risco de ter seu nome divulgado ou nenhuma informação que possa te identificar na publicação dos resultados, uma vez que quando as falas forem transcritas, seu nome será substituído por um código alfa numérico (por exemplo: J1, J2, J3, etc.) e todas as informações pessoais a seu respeito serão omitidas. Os dados coletados nas entrevistas/rodas de conversa serão armazenados sob guarda e responsabilidade desta pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Esclarecemos que a sua participação na pesquisa é muito importante e poderá contribuir para tornar visível o papel feminino no mundo do trabalho, sobretudo aos projetos de vida de jovens mulheres, auxiliando na formulação de políticas públicas.

Em caso de dúvidas referentes à pesquisa poderão ser esclarecidas durante a sessão de roda de conversa e entrevista ou posteriormente com as pesquisadoras responsáveis que se colocam-se à disposição pelos contatos: Mestranda: Glória Cristina Pereira Gomides Gomes – (31) 985566856 – gcgomes25@yahoo.com.br.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Quirino – (31) 99932-5298 - quirinoraquel@hotmail.com.

Se optar por participar da pesquisa e autorizar, peço-lhe que rubriche todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

DECLARAÇÃO

Eu _____ entendi que a pesquisa é sobre a educação e formação profissional e projetos de vida de jovens e compreendo que vou contribuir participando de uma roda de conversa e entrevista de forma virtual, que serão gravadas as vídeo-chamadas e posteriormente transcritas, de forma voluntária e se eu decidir não participar ou quiser desistir de continuar em qualquer momento, tenho absoluta liberdade de assim o fazer.

Sei que não terei benefícios diretos e que corro o risco de ficar cansada, tímida e/ou constrangida e de ser questionada pelos colegas ou por meus familiares sobre a veracidade das respostas que proferi no momento da roda de conversa e entrevista virtuais e do sigilo da pesquisa.

Tenho consciência que não terei sanções ou represálias por parte da pesquisadora ou dos profissionais do CEFET – MG se eu desistir de continuar participando ou pelas respostas que eu der.

Neste mesmo ato, eu aceito também o registro do depoimento (trechos das minhas falas) para os fins supracitados e a realizar as gravações de voz e imagem que se façam necessárias e/ou a colher o meu depoimento. Tenho ciência que este estudo não revelará meu nome e nenhum dado ou informação que me identifique e se for necessário utilizar nomes nos relatos transcritos, a pesquisadora vai utilizar código alfanuméricos, omitindo todas as informações que possam me identificar.

Por compreender as explicações feitas pela pesquisadora e aceitar participar, assino este termo.

Assinatura da
participante: _____

Assinatura da pesquisadora:

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20_____

**APÊNDICE G - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO -
PARTICIPANTES MAIORES DE 18 ANOS**

Projeto CAAE: _____, aprovado pelo Sistema CEP/CONEP, em _____ de _____ de 20____.

Projeto de Pesquisa: **PROJETOS DE VIDA E ASPIRAÇÕES PROFISSIONAIS DE JOVENS EGRESSAS DO CURSO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG.**

Prezado (a), _____

Você está sendo convidada a participar como voluntária de uma pesquisa acadêmica que tem como objetivo: **analisar os projetos de vida e aspirações profissionais de ex-alunas do curso Pro-Técnico do CEFET-MG a fim de se compreender se e como esses são influenciados pela divisão sexual do trabalho e seus desdobramentos, as motivações e os desafios e dificuldades enfrentados por essas jovens enquanto estudantes e as expectativas em relação ao mundo do trabalho.** Este convite se deve ao fato de você ser ex-estudante (egressa) do Curso Pró – Técnico do CEFET-MG e ter aceitado o convite em colaborar na pesquisa.

O pesquisador responsável pela pesquisa é Glória Cristina Pereira Gomides Gomes, RG MG8.267.986, estudante do Mestrado em Educação Tecnológica no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e realiza uma pesquisa sob orientação da Professora Dr. ^a Raquel Quirino.

Caso você aceite, participará de forma voluntária de uma roda de conversa e entrevista semiestruturada de forma virtual (remota) com temas relativos à importância **do estudo e do trabalho para as jovens, dificuldades que tiveram/tem enquanto estudantes, motivações e expectativas em relação ao mundo do trabalho e projetos de futuro.**

Esclarecemos que as entrevistas semiestruturadas serão realizadas por vídeo-chamadas por meio dos aplicativos *WhatsApp* e *Duo* e as rodas de conversa serão realizadas virtualmente, utilizando-se as plataformas *Microsoft Teams*, *Google Meet* ou *RNP*, das quais as jovens tiverem mais facilidade e que essas serão gravadas e depois transcritas por mim para que não sejam perdidos os detalhes das respostas. Asseguramos que sua participação neste estudo é totalmente voluntária e se você decidir em não participar ou caso desista de participar em qualquer momento, você

tem a total liberdade de fazê-lo e não sofrerá represálias ou sanções decorrentes de sua decisão.

Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos, restringindo-se a um possível cansaço, timidez e/ou constrangimento ao longo da seção de roda de conversa e entrevista virtuais. No entanto, caso haja cansaço, poderá haver redução do tempo das sessões das rodas de conversa ou entrevistas e a pesquisadora tentará ser o mais objetiva possível, ou ainda você pode solicitar a interrupção da roda de conversa e/ou entrevista ou ir embora, e, se houver timidez e/ou constrangimento, você terá a liberdade para responder depois se quiser, quando se sentir confortável ou de não responder ao tema/pergunta abordado/a. Além disso você não corre o risco de ter seu nome divulgado ou nenhuma informação que possa identificá-la na publicação dos resultados, uma vez que quando as falas forem transcritas, seu nome será substituído por um código alfa numérico (por exemplo: J1, J2, J3, etc.) e todas as informações pessoais a seu respeito serão omitidas. Os dados coletados nas entrevistas/rodas de conversa serão armazenados sob guarda e responsabilidade desta pesquisadora por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa. Esclarecemos que a sua participação na pesquisa é muito importante e poderá contribuir para dar visibilidade ao papel feminino no mundo do trabalho, sobretudo aos projetos de vida de jovens mulheres, auxiliando na formulação de políticas públicas.

Em caso de dúvidas, as pesquisadoras responsáveis colocam-se à disposição pelos contatos: Mestranda: Glória Cristina Pereira Gomides Gomes – (31) 985566856 – gcgomes25@yahoo.com.br. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Raquel Quirino – (31) 99932-5298 - quirinoraquel@hotmail.com.

Além dos direitos citados acima, são garantidos:

- a observância das práticas determinadas pela legislação aplicável, incluindo as Resoluções 466 (e, em especial, seu item IV.3) e 510 do Conselho Nacional de Saúde, que disciplinam a ética em pesquisa e este Termo;
- a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa;
- o acesso aos resultados da pesquisa;
- o acompanhamento e à assistência, mesmo que posteriores ao encerramento ou interrupção da pesquisa, de forma gratuita, integral e imediata, pelo tempo necessário,

sempre que requerido e relacionado a sua participação na pesquisa, mediante solicitação ao pesquisador responsável.

Este documento é rubricado e assinado por você e por mim em duas vias, sendo que uma via ficará em sua propriedade. Se perder a sua via, poderá ainda solicitar uma cópia do documento ao pesquisador responsável. Ressaltamos que os horários da roda de conversa e entrevista virtuais e os aplicativos para a realização destas serão combinados com a participante, respeitando a sua disponibilidade e preferência e sem necessidade de deslocamento.

Se preferir, ou em caso de reclamação ou denúncia de descumprimento de qualquer aspecto ético relacionado à pesquisa, você poderá recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG), vinculado à CONEP (Comissão Nacional de Ética em Pesquisa), comissões colegiadas, que têm a atribuição legal de defender os direitos e interesses dos participantes de pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir com o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

Você poderá acessar a página do CEP, disponível em: <<http://www.cep.cefetmg.br>> ou contatá-lo pelo endereço: Av. Amazonas, n. 5855 - Campus VI; E-mail: cep@cefetmg.br; Telefone: +55 (31) 3379-3004 ou presencialmente, no horário de atendimento ao público: às terças-feiras: 12:00 às 16:00 horas e quintas-feiras: 07:30 às 12:30 horas.

Se optar por participar da pesquisa, peço-lhe que rubrique todas as páginas deste Termo, identifique-se e assine a declaração a seguir, que também deve ser rubricada e assinada pelo pesquisador.

DECLARAÇÃO

Por ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Decido, portanto, livre e voluntariamente, participar deste estudo, permitindo que a pesquisadora relacionada neste documento obtenha meu depoimento, para fins de

pesquisa científica/educacional, os quais serão utilizados como fonte de dados, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Eu, _____, abaixo assinado, de forma livre e esclarecida, declaro que aceito participar da pesquisa como estabelecido neste TERMO.

Neste mesmo ato, eu declaro autorizado o registro do depoimento para os fins supracitados e a realizar as gravações de voz e imagem que se façam necessárias e/ou a colher o meu depoimento.

Aceito que o material e as informações obtidas relacionadas e os depoimentos da gravação, imagem e da voz, de trechos ou partes da roda de conversa e entrevista virtuais (excertos de fala) para fins científicos e educacionais possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos e educacionais (livros, artigos, slides, transparências, apresentação audiovisual, publicações e divulgações em seminários, minicursos, palestras, simpósios, periódicos científicos, congressos, aulas didáticas e apresentações de modo geral com ou sem premiações nacionais e internacionais), em favor das pesquisadoras desse estudo, já especificadas. Porém, não autorizo a minha identificação, essa deve ser realizada de outra forma, com pseudônimos. E obedecendo assim que as gravações fiquem sob a propriedade das pesquisadoras proponentes do estudo.

Assinatura da participante da pesquisa:

Assinatura do pesquisador: _____

Belo Horizonte, _____ de _____ de 20____

Se quiser receber os resultados da pesquisa, indique seu e-mail ou, se preferir, endereço postal, no espaço a seguir:

APÊNDICE H - PERFIL DAS ENTREVISTADAS

PERFIL DAS ENTREVISTADAS					
JOVEM	IDADE	ANO QUE CURSOU PRO-TÉCNICO	CURSO / INSTITUIÇÃO	CIDADE ONDE MORA	RAÇA
P1	17	2017	Eletrônica no CEFET-MG	Contagem	Negra
P2	15	2019	Eletrotécnica no CEFET-MG	Contagem	Negra
P3	17	2017	Escola Estadual Maurício Murgel	Ibirité	Não declarado
P4	15	2019	Mecânica no IFMG	Contagem	Branca
P5	15	2019	Eletroeletrônica no IFMG	Belo Horizonte	Negra
P6	18	2017	Equipamentos Biomédicos no CEFET-MG	Não declarado	Negra
P7	16	2018	Edificações no IFMG	Santa Luzia	Negra
P8	18	2017	Química no COLTEC - UFMG	Betim	Branca

ANEXO 1 - TERMO DE ANUÊNCIA DO CEFET-MG



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS**

Av. Amazonas, 5253 – Bairro Nova Suíça – Belo Horizonte-MG 30421-169

Telefone: (31) 3319-7022 – E-mail: dppg@dppg.cefetmg.br

TERMO DE ANUÊNCIA

O CEFET-MG, Instituição Federal de Ensino Superior *multicampi*, pública e gratuita, com oferta educacional verticalizada (do técnico à pós-graduação *stricto sensu*), contemplando, de forma indissociada, o ensino, a pesquisa e a extensão é uma Instituição aberta à realização de estudos e pesquisas em seus ambientes institucionais, por parte de pesquisadores internos e externos.

O presente documento autoriza a realização de uma pesquisa qualitativa, que utilizará como instrumentos (*rodas de conversa e/ou entrevistas semiestruturadas*) aos/as (*ex-alunas menores e/ou maiores de 18 anos do curso Pro-Técnico do CEFET-MG*) necessários ao desenvolvimento do trabalho intitulado (*Projetos de Vida e Aspirações Profissionais de Jovens Egressas do Curso Pró-Técnico do CEFET-MG*), sob orientação de (*Dra. Raquel Quirino*).

Nessas condições, e tendo em vista a função social da Instituição de contribuir para o desenvolvimento científico, tecnológico e sociocultural, por meio particularmente, da pesquisa e da inovação, a Direção do CEFET-MG autoriza a realização da pesquisa. Além disso, autoriza também a menção ao nome do CEFET-MG no estudo em pauta.

As atividades da pesquisa e seus produtos não poderão implicar para o CEFET-MG e seus sujeitos qualquer dano ou constrangimento de ordem educacional, sociocultural, financeiro ou pessoal, além de não poderem prejudicar a imagem institucional, devendo ser conduzidas dentro dos princípios éticos. O(a) pesquisador(a) se compromete a encaminhar ao CEFET-MG cópia dos produtos gerados a partir da pesquisa.

Assim posto, autorizo (*Glória Cristina Pereira Gomides Gomes*), portadora de carteira de identidade nº (MG-8.267.986) e CPF nº (005.354.616-40) que desenvolve pesquisa intitulada (*Projetos de Vida e Aspirações Profissionais de Jovens Egressas do Curso Pró-Técnico do CEFET-MG*), a realizar sua pesquisa nesta Instituição.

Por se tratar de pesquisa que envolve (*ex-alunas menores e/ou maiores de 18 anos do curso Pro-Técnico do CEFET-MG*) solicitamos aos pesquisadores entrar em contato com o Diretor do Campus/Chefe de Departamento, que, poderá sistematizar formalmente o acesso aos alunos/professores/laboratório do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais.

Esta autorização só é válida no caso de haver parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG.

Belo Horizonte, 01 de 10 de 2020

Prof. Dr. Conrado de Souza Rodrigues
Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Estou ciente dos termos desta autorização, comprometo-me a observá-los e arcar com as consequências do seu eventual não cumprimento.

Glória Cristina Pereira Gomides Gomes
Pesquisadora

Profa. Dra. Raquel Quirino
Orientadora

ANEXO 2 - TERMO DE ANUÊNCIA DO CURSO DO PRO-TÉCNICO DO CEFET-MG



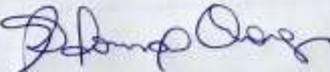
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA DE MINAS GERAIS
Av. Amazonas, 5253 – Bairro Nova Sulça – Belo Horizonte-MG 30421-169
Telefone: (31) 3319-7022 – E-mail: dppg@dppg.cefetmg.br

TERMO DE ANUÊNCIA

O presente documento autoriza a aluna do Mestrado em Educação Tecnológica do CEFET-MG, Glória Cristina Pereira Gomides Gomes, que está executando uma pesquisa qualitativa, a qual utilizará como instrumentos **rodas de conversa e/ou entrevistas semiestruturadas** a/às **ex-alunas menores e/ou maiores de 18 anos do curso Pro-Técnico do CEFET-MG**. As atividades se fazem necessárias ao desenvolvimento do trabalho intitulado **Projetos de Vida e Aspirações Profissionais de Jovens Egressas do Curso Pró-Técnico do CEFET-MG**, sob orientação da **Professora Dra. Raquel Quirino**, apresentado ao Programa de Pós-graduação em Educação Tecnológica do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais – CEFET-MG para obtenção do título de Mestre.

Por parte da Coordenação do Curso Pró-técnico fica a aluna supracitada autorizada a realizar o levantamento documental de dados da história do Curso na Instituição e apenas os nomes e ano em que as egressas cursaram o referido Curso.

Belo Horizonte, 12 de novembro de 2020



Prof. Dra. Raquel de Castro Salomão Chagas
Coordenadora do Curso Pró-Técnico –CEFET-MG